



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS  
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA  
LAVRAS -- MINAS GERAIS

JOSÉ MARIA DA SILVA MORAES

ADOÇÃO DE INOVAÇÕES, RELAÇÕES DE TRABALHO E  
CULTURA NA UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA  
- O CASO DE CURIAÚ NO AMAPÁ -

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura de Lavras como parte das exigências do curso de Pós-Graduação em Administração Rural, para obtenção do Grau de "MESTRE".

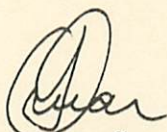
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO RURAL  
DAE/ESAL Cx. P. 37 37200-000 - LAVRAS-MG

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS  
LAVRAS - MINAS GERAIS

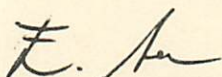
1991

ADOÇÃO DE INOVAÇÕES, RELAÇÕES DE TRABALHO  
E CULTURA NA UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA  
- O CASO DE CURIAÚ NO AMAPÁ -

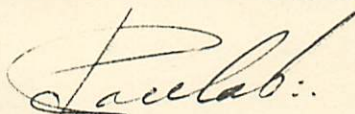
APROVADA:



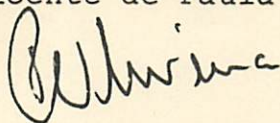
Prof. Lucimar Leão Silveira  
Orientador



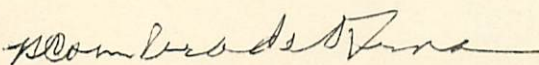
Prof. Edgard Alencar



Prof. Vicente de Paula Vitor



Prof. Luis Carlos Ferreira de Souza Oliveira



Profª Raquel Carvalho Coimbra

*À minha esposa,  
pela compreensão*

*Aos meus filhos,  
nelos sacrifícios*

*Aos meus pais,  
pelo início de tudo*

*DEDICO*

## AGRADECIMENTOS

À Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Amapá, pela oportunidade proporcionada à realização do curso.

À Escola Superior de Agricultura de Lavras, à Coordenadoria de Pós-graduação e ao Departamento de Administração e Economia pelo curso ministrado.

À Deputada Raquel Capiberibe pelo apoio na da ocasião da pesquisa de campo em Macapá.

À Equipe do Escritório Local de Macapá - EMATER-AP pelo apoio à realização das atividades de campo.

Ao Professor orientador Lucimar Leão e aos professores Edgard Alencar, Vicente de Paula Vitor, Luis Carlos Ferreira de Souza e Raquel Coimbra de O. Lima, pela orientação e por participarem da banca examinadora.

Aos produtores de Curiaú e famílias, por proporcionarem acesso às informações imprescindíveis para a realização da pesquisa.

Aos colegas do curso pelo companheirismo. O autor agradece ainda em especial a contribuição marcante das seguintes pessoas: Arlindo, Marcão e Pedrin

Aos Professores do Curso de Mestrado pelos conhecimentos transmitidos.

Aos funcionários do Departamento de Administração e Economia (DAE).

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## BIOGRAFIA DO AUTOR

JOSE MARIA DA SILVA MORAES, filho de Aginaldo de Nazaré Moraes e Raimunda Auta da Silva Moraes, nasceu em Macapá, Estado do Amapá, aos 22 dias do mês de maio de 1951.

Concluiu o curso de Técnico Agrícola no Colégio Agrícola "Manoel Barata", em Castanhal, no Pará, em 1974.

Exerceu o cargo de Extencionista Agrícola B na Associação de Crédito e Assistência Rural de Rondônia - ACAR-RO, Porto Velho, a partir 1974.

Desempenhou a função de Agente de Extensão II na Associação de Crédito e Assistência Rural do T.F. Amapá (ACAR-AMAPÁ), a partir de 1976.

Em 1979 ingressou no Curso Superior de Tecnologia Agronômica, modalidade Administração Rural no Centro de Ciências Agrárias - CeCA, na Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE em Ijuí-RS (posteriormente UNIJUI).

1981 retornou à ACAR-AP e desempenhou as funções de supervisor local e coordenador de operações.

Em março de 1988, iniciou, na Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais, o curso de Pós-graduação (Mestrado) em Administração Rural.

## GLOSSÁRIO

**AÇAÍ** - Palmeira que produz frutos em cacho, de onde se extrai o vinho, líquido que faz parte da alimentação diária dos produtores e que é consumido durante o dia ou à noite.

**AVURACADO** - Plantio salteado, plantio fora da lei, fora do alinhamento.

**BACABA** - Palmeira idêntica ao açaizeiro, de porte e frutos maiores, e que produz também o vinho de cor clara tipo café com leite, consumido da mesma forma que o açaí pela população rural e urbana. Considerado sobremesa como o açaí. Para a população de baixa renda faz parte da refeição junto com o jaba ou charque assado.

**BURITI** - Palmeira que produz frutos, utilizados na alimentação de suínos. Constitui alimento de animais silvestres. O líquido extraído do caule do buritizeiro foi utilizado também para adoçar o café. As folhas ou palha de buriti são utilizados para cobertura de casas, casas de farinha ou casa de forno.

**CASA DE FORNO** - Local onde se processa a fabricação da farinha de mandioca.

**CURIAÚ** - Originária de palavras Criau que significa para os habitantes negros de Curiaú "criar boi".

**DESMANCHAR** - Colheita da mandioca, arranquio feito pelo produtor e sua família.

**ENSOCAR** - Engrossar a raiz da mandioca.

**IGARAPÉS** - Pequenos braços de rios onde navegam pequenas embarcações.

**ISCONDIÇÃO** - Condição.

**JAMBU** - Vegetal olerícola, cujas folhas fervidas fazem parte do Tacacá que é servido quente em cuia.

**MACAXEIRA** - Mandioca mansa, que cozida, acompanha o café.

**MALHADEIRA** - Rede de pescar.

**PIEMA** - Doença de planta.

**PIEURUM** - Mutirão.

**PRENSA** - Máquina manual composta de duas peças de madeira para comprimir a massa de mandioca.

**PUPUNHA** - Palmeira que produz frutos também em cachos, que fervidos em água e sal, são consumidos junto com café ou farinha de mandioca.

**RODO** - Instrumento de forma retangular de madeira, de 20 cm de largura por 30 a 40 cm de comprimento, adaptado a um cabo de madeira de 2 m, utilizado para mexer a massa no forno.

**TACACÁ** - Alimento de origem indígena feito com a tapioca (goma) extraída também da mandioca, incluindo: tucupi, jambu, pimenta e camarão.

**TAPIOCA** - Substância que misturada com a água fervida se transforma em goma sendo um dos principais componentes do tacacá.

**TIPITI** - Cilindro de tiras de folhas de juta ou miriti, medindo 30 a 40 cm de diâmetro com 1,50 a 1,80 m de comprimento, destinado a exprimir a massa de mandioca para eliminar a água (tucupi) e o ácido cianídrico contidos nas raízes da mandioca.

**TUCUPI** - Líquido de cor amarelada extraído da mandioca que tem utilidade em pratos regionais como o pato no tucupi, tacacá, etc.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	01
- O Problema .....	04
- O Objetivo .....	04
- Perspectivas metodológicas .....	05
- Coleta de informações .....	11
- Fases da pesquisa .....	14
<b>2. O ESTADO DO AMAPÁ</b> .....	16
- Elementos históricos e geográficos .....	16
- Aspectos geográficos .....	17
- Aspectos econômicos .....	22
<b>3. CURIAÚ</b> .....	26
- Elementos históricos e geográficos .....	26
- Aspectos sócio-econômicos .....	27
- A mandioca e a produção de farinha .....	30

4. EXTENSÃO RURAL .....	35
- ACAR/ASTER/EMATER-AP .....	37
- Plano Diretor de Extensão Rural 84/87 .....	40
- Diretrizes para ação Extensionista .....	41
5. PRODUÇÃO CAMPONESA E ADOÇÃO DE INOVAÇÕES .....	51
- Complexo agroindustrial e produção camponesa .....	51
- Adoção de inovações .....	55
6. PRODUÇÃO/RELAÇÕES DE TRABALHO E ADOÇÃO DE INOVAÇÕES ....	64
- Perspectiva dos produtores e de suas famílias.....	64
- Perspectiva extensionista .....	109
7. EXTENSÃO RURAL E PRODUÇÃO CAMPONESA .....	128
8. RESUMO .....	138
9. SUMMARY .....	139
10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	142

## 1. INTRODUÇÃO

A efetivação de vários trabalhos realizados, durante as atividades desempenhadas pelo autor na Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural -ASTER-AP, resultou na realização deste estudo no intuito de compreender a adoção de inovações tecnológicas na perspectiva da unidade camponesa.

O interesse pelo tema prende-se a razões calcadas na experiência do autor quando supervisor do Escritório Local de Macapá e, posteriormente, como Coordenador de Operações da ASTER-AP. Preocupações de extensionistas permitiram uma reflexão sobre a necessidade e importância desse estudo que foi desenvolvido visando discutir questões assumidas como norteadoras da pesquisa, num primeiro momento apresentando uma introdução incluindo: problema, objetivo e a perspectiva metodológica do trabalho. No segundo momento apresenta a visão geral do Estado do Amapá, tendo como objetivo situar as condições de vida no Estado. O terceiro momento trata de Curiaú e da comunidade de Curiaú,

abordando seus elementos históricos e geográficos e aspecto sócio-econômicos ou seja sua produção, necessidades, interesses e conhecimento sobre a produção econômica nas diversas atividades. O quarto momento versa sobre a Extensão Rural, suas metas, planos, programas, estratégia de ação. O quinto momento da produção camponesa e adoção de inovações, ou seja, o modo de produção camponesa na estrutura e suas relações com a tecnologia. O sexto momento versa sobre produção/relações de trabalho e adoção de inovações, uma abordagem na perspectiva dos produtores e de inovações dos produtores e de suas famílias e na perspectiva extensionista. O sétimo, trata da Extensão Rural e Produção Camponesa.

Com o advento do processo de modernização da agricultura, as políticas públicas para o setor atribuíram ao Serviço de Extensão Rural a responsabilidade de difundir tecnologias aos produtores. Com isto, as EMATER's juntamente com Agências de Crédito Rural e os Órgãos de Pesquisa, passaram a constituir um instrumento decisivo na implantação dessa política. Assim, a partir da década de 1960, vários estudos sobre adoção de inovações tecnológicas, foram conduzidos no Brasil; sendo o objetivo central fornecer informações que viessem facilitar a difusão de inovações tecnológicas. O grande interesse por este tema resultava da política de modernização rural, colocada em marcha, mais precisamente, a partir da segunda metade da década de 60. Os fundamentos teóricos de tais estudos assentavam-se no modelo de

"Inovação-Decisão" (The Model of innovation-decision process), elaborado por ROGERS e SHOEMAKER (1971).

O modelo do ROGERS & SHOEMAKER (1971), conhecido como modelo de adoção-decisão no Brasil, é estruturado a partir da teoria voluntarista da ação de Parsons. Por exemplo, o conjunto de variáveis antecedentes no modelo de ROGERS & SHOEMAKER (1971) correspondia à situação na teoria voluntária da ação e as funções do processo de decisão deste modelo correspondiam ao processo de orientação na teoria da ação. Todavia, apesar da teoria orientar-se por uma abordagem "compreensiva", o modelo da adoção-decisão era "operacionalizado" nos moldes do positivismo clássico. As variáveis antecedentes, processos e consequências, eram traduzidas em indicadores e estes em escala. O modelo de ROGERS & SHOEMAKER (1971), assim, adquire um caráter mecanicista, distanciando-se dos significados que o produtor atribui à inovação em termos de suas necessidades.

Outros estudos (MUNIZ, 1974; PEREZ, 1975; LOPES, 1976; SOARES, 1976; MOLINA FILHO, 1977; MULLER, 1982; SORJ & WILKINSON, 1983; ALENCAR & MOURA FILHO, 1988), ao analisarem o processo de diferenciação sócio-econômica em curso no meio rural, dão conta da existência de formas diferenciadas de produção. A produção camponesa é uma delas, constituindo uma forma diferenciada sobretudo em relação à produção tipicamente capitalista. Suas características principais são: produzir alimento para o próprio consumo, comercializando o excedente, utilizando nessas

atividades, predominantemente a força de trabalho da família que possui um baixo nível de capital de exploração.

Vários estudos têm tentado buscar explicações para o fenômeno de adoção de inovações tecnológicas; é preciso, no entanto, ter presentes as características próprias de cada região, observar a forma como regionalmente o setor agrícola se insere no contexto agropecuário, para conhecer os mecanismos de adoção de inovações tecnológicas na perspectiva do produtor, procurando, desta forma, compreender as razões que expliquem, por exemplo, porque na produção tipicamente camponesa, no caso da comunidade em estudo, há rejeição ou não adoção de inovações tecnológicas:

**- O problema:**

Os extensionistas que atuaram na área em estudo sentem-se, de certa forma, frustrados por não terem conseguido resultados no trabalho com a comunidade de Curiaú. Segundo os extensionistas esta comunidade não adota as inovações tecnológicas propostas pelo serviço de Extensão Rural.

**- O objetivo**

Partindo-se desta perspectiva, o objetivo do presente trabalho consistiu em apreender as razões que levaram produtores camponeses do Curiaú, no município de Macapá-Amapá a não adotarem as inovações tecnológicas preconizadas pelo serviço de Extensão Rural.

Os extensionistas afirmam que não houve adoção de inovações por parte de produtores camponeses do Curiaú e que a vida da comunidade, durante 15 anos, não mudou com a ação da Extensão Rural. O presente estudo foi desenvolvido no sentido de apreender as razões apresentadas pelos membros dessa comunidade para a não ocorrência de transformações preconizadas pela extensão.

#### - Perspectivas metodológicas

Considerando a natureza do problema de pesquisa e tendo como objetivo apreender o significado que os atores sociais (extensionistas e produtores) atribuem às ações que se desenvolvem, adotou-se uma abordagem interpretativa cujos fundamentos teóricos estão contidos na metodologia qualitativa.

Foram utilizadas técnicas apoiadas no método de análise de conteúdo. De acordo com Schrader citado por MONICE FILHO (1989):

*"a análise de conteúdo pode ser definida como um método empírico a ser empregado em situação não estandarizada, embora formalizada com intuito de se compreender o sentido da comunicação de um indivíduo".*

Segundo Bardin, citado também por MONICE FILHO (1989), na análise de conteúdo utiliza-se de uma gama imensa de instrumentos, ou de um instrumento que toma diferentes formas de acordo com o material sobre o qual o analista trabalhará. O advento dos métodos de análise de conteúdo dá-se a fim de atender a dois objetivos básicos: à elucidação de dúvidas relativas à validade de leitura feita; ao enriquecimento da leitura pela

descoberta de conteúdos e estruturas que confirmam ou não o que se procura demonstrar, ou pela classificação de elementos de significação suscetíveis de conduzir a descrição de mecanismos dos quais não se possuía compreensão. A análise de conteúdo possui duas funções: uma heurística, em direção à descoberta e outra que denomina-se "administração da prova", a comprovação da hipótese (MONICE FILHO, 1989). Vale salientar que apesar do método colocar ênfase no conteúdo das mensagens, não exclui, porém, outros meios de comunicação e que a fase descritiva do método constitui apenas um momento da análise de conteúdo.

A análise de conteúdo apresenta três etapas básicas: uma descrição, que compreende a enumeração e resumo do material; a leitura, considerada o ponto central da análise de conteúdo; a interpretação, que se apóia na interação dos materiais de informação (Documentos oficiais e ainda da resposta de outros instrumentos de pesquisa).

Segundo MONICE FILHO (1989) o analista é aquele que trabalha sobre vestígios, traços que manifestam fenômenos, algo a ser observado ou verificado a partir deles. Ainda, segundo esse autor, a leitura é uma dedução lógica feita a partir de manipulação das mensagens, dos documentos sobre o emissor ou seu contexto. Estas leituras podem ser de dois tipos: referentes às causas e antecedentes ou referentes aos efeitos da mensagem.

Define-se portanto, de acordo com Bardin, citado por MONICE FILHO (1989), para fins deste trabalho, análise de conteúdo como

"um conjunto de técnicas de análise, visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permitam a leitura de conhecimentos relativos às condições de produção/percepção das mensagens".

Esta pesquisa compõe-se também da fundamentação da fenomenologia cujas bases teóricas privilegiam a consciência do sujeito e entendem a realidade social como uma construção humana, baseada na interpretação dos fenômenos que permitem, através de sua interpretação, estabelecer questionamentos, discussões dos pressupostos e uma busca dos significados da intencionalidade do sujeito frente à realidade, estabelecendo que o conhecer depende do mundo cultural do sujeito. (TRIVIÑOS, 1987).

A análise fenomenológica possibilita captar as diferentes percepções dos atores sociais, os sujeitos, sobre os fatos sociais e relacioná-los com diversas manifestações da realidade. O estudo nas duas dimensões fundamentais, permite atingir o problema na sua situação no tempo (16 anos) e na associação das diferentes manifestações do fenômeno em estudo.

Assume-se, nessa pesquisa, portanto, pressupostos de métodos qualitativos em ciências sociais para analisar e compreender as razões que levam os produtores da comunidade de Curiaú a se tornarem, segundo extensionistas, "refratários" às inovações tecnológicas propostas pelo serviço de Extensão Rural, nos seus quase 16 anos de atuação. Esse estudo sobre a adoção de inovações tecnológicas pela comunidade de Curiaú dar-se-á a partir da

análise do "plano de ação" - Plano Diretor de Extensão Rural 84/87 e de entrevista com extensionistas e produtores.

A perspectiva metodológica assumida constitui-se na análise e na interpretação do discurso oficial do Serviço de Extensão Rural e do discurso dos responsáveis pelo funcionamento do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural da EMATER-AP e da percepção dos produtores quanto à assistência oferecida, seus interesses, expectativas, necessidades e capacidades e da associação com as condições espaço-temporais, sócio-econômicos e culturais da comunidade de Curiaú.

A área da pesquisa é a comunidade de Curiaú contendo 40 produtores e suas famílias. É assistida pelo serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural desde 1974.

A escolha da citada comunidade deveu-se à vivência do pesquisador na localidade de Curiaú como extensionista da ASTER, e da preocupação em entender a reação dos produtores diante das inovações que lhe foram propostas por quase 16 anos. Para condução do estudo foram escolhidos aleatoriamente 18 produtores das 40 famílias existentes e 4 extensionistas que atuaram na comunidade, durante os anos em estudo.

Adotou-se uma abordagem interpretativa, que teve como foco de análise a vida, o modo de produção, os costumes, os valores, as relações sociais associadas ao significado que os produtores atribuem às ações propostas pela extensão rural e as razões que os levam a rejeitá-las.

As informações sobre a comunidade e sua história, produção, costumes e relações sociais foram obtidas em documentos diversos, publicações da EMATER, Plano Diretor, depoimentos de extensionistas, autoridades municipais, membros da comunidade e ainda pela observação do pesquisador por ter convivido com os produtores por dois anos na qualidade de extensionista e supervisor local.

A coleta de informações sobre as percepções dos produtores foi feita através de entrevistas com produtores e suas famílias.

As entrevistas semi-estruturadas foram conduzidas com um roteiro sumário elaborado à luz do problema em estudo, das questões que orientam a pesquisa e dos objetivos assumidos.

As entrevistas foram todas gravadas para captar com maior exatidão as percepções e os depoimentos dos entrevistados e, depois, transcritas. As entrevistas foram facilitadas pelo fato do pesquisador ter convivido com os produtores e de ter a confiança de todos, acesso fácil junto à ASTER, aos extensionistas e à comunidade. Foram importantes como fonte de informação a observação dos entrevistados e o conhecimento da comunidade.

O extensionista, segundo a EMATER, representa um elo de ligação entre a instituição de Extensão Rural e o produtor. Deve expressar as reações dos produtores, assim como sua forma de inserção no meio rural. Segundo MONICE FILHO (1989) a extensão rural foi submetida aos mesmos métodos de trabalho advindos do

processo de modernização da agricultura, tendo papel fundamental na difusão de tecnologia e no diagnóstico regional.

A ASTER tem seus planos e programas elaborados nos escritórios locais e realizados pelos extensionistas junto aos produtores e comunidades assistidas, conforme discutido no capítulo anterior.

O extensionista é assumido pela comunidade, como a própria Empresa de Assistência Técnica constituindo, conseqüentemente, a peça chave para o entendimento do que é a extensão para a comunidade de Curiaú.

O depoimento dos extensionistas foi fundamental para que se apreendessem a ação e o significado da Extensão Rural e do extensionista na comunidade, a ação desenvolvida, a imagem e a percepção que tinham sobre a comunidade, os produtores, os extensionistas de si próprios.

As entrevistas com os extensionsitas foram gravadas e transcritas posteriormente obedecendo a roteiros definidos anteriormente.

Os quatro extensionistas entrevistados não atuam mais na comunidade e são aqueles que prestaram serviços à ASTER-AP junto à comunidade do Curiaú no período de mais efetiva atuação da Extensão Rural na comunidade.

#### - Coleta de informações

Para responder às questões da pesquisa, foram utilizados documentos das instituições e entrevistas semi-estruturadas, uma vez que permitiam obter as informações necessárias e os elementos para análise e interpretação.

Seguiu-se, para entrevista com produtores, um roteiro fundamentado nos aspectos do conhecimento, capacidade e interesse pela inovação e adoção de tecnologias. Para os técnicos foi usado um roteiro fundamentado na ação da Extensão Rural, no interesse e conhecimento dos extensionistas.

Foi utilizada, no presente trabalho, como um dos processos de levantamento de dados, a técnica da análise de documentação sobre diretrizes gerais, prioridades e estratégia global para ação extensionista da Empresa e o Plano Diretor de Extensão Rural 84/87.

Este documento forneceu elementos para a compreensão das ações da Extensão Rural na comunidade em estudo, tendo sido fundamentado para que a eles se referenciassem as informações dos extensionistas e dos produtores.

Foi também analisado o estatuto social da empresa, onde constam: objetivos sociais, deveres e direitos dos funcionários.

A intervenção da Extensão sobre uma determinada comunidade orienta-se pelos documentos e dispositivos institucionais, que expressam uma lógica e uma racionalidade, às quais, se espera submetam-se extensionistas e produtores. A análise documental

permitiu captar estes elementos como também a reação dos extensionistas e dos produtores em relação a eles.

A entrevista semi-estruturada coloca o entrevistador diante do entrevistado num processo dinâmico-interativo, em que procura atender a uma investigação, averiguando fatos e opiniões sobre fatos (MONICE FILHO, 1989). Na entrevista semi-estruturada a participação do sujeito é um dos elementos do fazer científico. A técnica reúne características e ressalta a relação do entrevistador e da pessoa que fornece as informações (TRIVIÑOS 1987).

Visando obter informações que permitissem analisar a perspectiva proposta (problema, objetivos e questões norteadoras), foram elaborados dois roteiros de entrevista:

**a) Roteiro de entrevista com extensionistas:**

Finalidade ao levar a inovação para o produtor, expectativa ao levar novas técnicas ao produtor; o trabalho desenvolvido pela ASTER na comunidade do Curiaú; o produtor conhece ou conhecia a tecnologia que está ou que estava sendo levada ? Que conhecimento tinha sobre ela ? Quais as técnicas inovadas ou levadas nos últimos anos para o produtor ? Qual o nível de conhecimento do produtor sobre a inovação que está ou estava sendo levada ? Que conhecimentos foram passados para o produtor ? Que tipo de análise se fez antes de levar a inovação ao produtor ? Quais os conhecimentos exigidos para o produtor adotar as inovações ?

**b) Roteiro de entrevista com produtores:**

Caracterização do entrevistado; caracterização da unidade de produção; os interesses do entrevistado com relação à sua produção e expectativa, junto ao trabalho da ASTER-AP; com que objetivo desenvolve sua roça (em termos de racionalidade); o que produzia, como produzia, quando, o que produz, como produz? Qual era a área plantada antes, qual é atualmente? Como aplica as tecnologias que lhe são propostas? Quais? Como? Emprega seu dinheiro em quê? Em que gostaria de empregar o dinheiro caso o valor fosse dez vezes mais ao que recebe hoje? Que conhecimento está passando para os filhos? Percebe entusiasmo e comprometimento com relação ao trabalho? Que interesse tem a ASTER-AP para com o produtor? Em termos de capacidade, como era feita a organização da propriedade e como é? Qual era a divisão do trabalho e qual é?

Além dessas questões várias outras foram feitas no decorrer das entrevistas tanto para os extensionistas como para produtores, conforme a técnica da entrevista semi-estruturada em sua condução dinâmica, dentro do objetivo de obter as informações sobre a perspectiva do entrevistado, favorecendo a decisão e compreensão de sua lógica e suas percepções sobre os fatos em estudo.

- Fases da pesquisa

- 1º) análise documental - levantamento de informações;
- 2º) entrevista semi-estruturada com extensionistas e produtores;
- 3º) análise:
  - Transcrição das entrevista gravadas;
  - Retomada e complementação dos itens obscuros;
  - Leitura, análise/interpretação.

A fase de análise documental compreende o levantamento de informações sobre o serviço de extensão a partir do Plano Diretor de Extensão Rural 84/87 e do Estatuto da Empresa, coletado junto à biblioteca e coordenadoria de planejamento da empresa.

Na segunda fase foram entrevistados produtores e extensionistas a partir de questões pertinentes ao problema.

A terceira fase constituiu-se na transcrição das entrevistas, leitura e análise, procurando-se captar os conteúdos expressos e relacionando-os aos obtidos nos documentos e nas outras fontes. A análise e a interpretação seguiram os levantamentos das diversas questões dentro dos principais itens.

Concluíram-se estas fases com a composição dos aspectos relativos às grandes categorias de análise do trabalho, em função das idéias centrais.



## 2. ESTADO DO AMAPÁ

### - Elementos históricos e geográficos

O Amapá é um Estado que se configurou em outra unidade da federação, separando-se do Estado do Pará pelo Decreto-Lei 5,812, de 13 de Setembro de 1943, durante o governo de Getúlio Vargas, na vigência do Estado Novo. Segundo REIS (1949) citado por ZIMMERMANN (s.d.) "motivado principalmente pelo interesse de defesa nacional, a qual não implica a existência de perigos, de agressões à terra brasileira pela orla fronteiriça, mas pela exigência de perigos advindos do abandono em que se achavam aquelas regiões. Havia necessidade de uma política que procedesse à recuperação humana, cultural e econômica da fronteira, vivificando-a".

O Estado do Amapá tem uma área de 140.276 km, sendo 139.068 km de terra firme e 1.208 km de águas interiores. A população do Estado do Amapá em 1990 era de 256.100 habitantes, sendo 164.200 na área urbana e 91.900 na área rural (MARRA et

alii, 1990). Localiza-se na zona equatorial, estando grande parte de sua extensão ao norte da linha do Equador. Tem como limite, ao norte, o Oceano Atlântico e Guiana Francesa, ao sul, o Estado do Pará, a leste, o Oceano Atlântico e a oeste, Guiana Francesa e o Estado do Pará.

#### - Aspectos geográficos

As principais unidades geomorfológicas que formam os planaltos residuais recebem localmente os nomes de Serra do Navio, Serra de Tumucumaque, Serra de Ipitinga e Serra do Iratapuru, com altitudes variáveis entre 400 e 550 m (ASTER, 1984). Os pontos mais altos do Amapá apresentam características de um pediplano, possuindo altitudes modestas, variando de 150 a 200 m, e cujo declive regional se faz no sentido Leste. Nas áreas próximas ao Litoral, as altitudes são inferiores a 100 m (ASTER, 1984).

Predominam o Latossolo Amarelo Distrófico nos terrenos terciários, entre a planície de inundação e os terrenos pré-cambrianos, e o Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico, nas áreas de aplainamento, resultantes da decomposição do pré-cambriano.

O Amapá é constituído também de campos e áreas de várzea, sendo que só aparecem em sua área total na estação seca, de agosto a dezembro. A fertilidade do solo é baixa pela indisponibilidade de macro e micro-nutrientes e pela presença de substâncias tóxicas solúveis, como o alumínio e o manganês que

diminuem a disponibilidade de alguns minerais importantes para as plantas. Em algumas áreas, o grau de susceptibilidade à erosão é nulo, em outras, nota-se ligeiro grau e há algumas com graus moderados, principalmente nas áreas onduladas, utilizadas em lavouras temporárias (ASTER, 1984).

A superfície do Estado é formada de cerrado, campos limpos, campos de várzea, mangues, florestas de várzea e florestas de terra firme. Favorecida pela grande umidade, a floresta densa é a cobertura vegetal de maior expressão no Estado, e recobre as áreas e o maciços residuais.

O Estado do Amapá é bastante drenado por rios e igarapés. Sua costa é banhada pelo Oceano Atlântico e por correntes do fluxo do Rio Amazonas.

Os rios que se destacam são: Oiapoque, Jari e Araguari. Este último, com seu afluente, o Amapari, forma a maior rede hidrográfica do Estado, que drena a sua parte central, a chamada bacia do Amapari-Araguari. Há outros rios de menor extensão como: Maracá, Vila Nova, Matapi, Amapá Calçoene, Cunani, Cassiporé e Uaçá.

A hidrografia do Amapá completa-se com a região dos lagos, na planície de inundação, ao leste do Estado, interligados por canais anastomosados.

A rede hidrográfica do Estado sofre influência do Rio Amazonas, de forma expressiva, principalmente no fluxo e refluxo das marés. As marés são caracterizadas pelas correntes das águas

em direção à foz do Amazonas, chamadas de vazantes, apresentando a diminuição do nível superior das águas do rio, e pelas correntes das águas em direção à nascente do mesmo, denominadas enchentes, apresentando aumento do nível das águas. O período de duração da enchente ou da vazante é em torno de 06 horas. No período de maior incidência de chuvas aumenta o volume de água, ocorrendo, comumente, a inundação das áreas mais baixas, que margeiam os rios.

No Estado do Amapá a média anual de precipitação pluviométrica, conforme dados do PDER (1984), é aproximadamente 2.146 mm, distribuídos por dois períodos: um denominado inverno, caracterizado pela maior ocorrência de chuvas, que vai de janeiro até julho, tendo uma média mensal de 311 mm. O verão, caracterizado pela menor ocorrência de chuvas, com uma média mensal, nos meses de agosto a dezembro, de 51,48 mm.

O clima do Amapá caracteriza-se pelo tipo equatorial úmido, sendo bem marcante a influência da frente tropical. A temperatura média anual é em torno de 26,5 a 27°C, sendo que a umidade relativa do ar, em média, em Macapá, é de 83% e no município de Amapá, de 84%.

As bacias dos rios Oiapoque, Araguari e Jari proporcionam ao Estado condição de navegação favorável, não obstante os obstáculos existentes em algumas regiões, ou seja corredeiras e quedas d'água. Condicionados a regime das marés, os deslocamentos e transporte pelos rios sofrem contratempos como a espera da

cheia para as saídas ou chegadas. O transcurso é feito em meio à lama com a embarcação (ubã, montaria\*) empurrada ou suspensa. O transporte por rio tem como pontos terminais os trapiches de Santana e Macapá, igarapês na capital e o Porto de Santana.

Duas rodovias federais atendem o Estado: a BR-156, ligando Macapá a Calçone e interligando aglomerados importantes como Porto Grande, Ferreira Gomes e Amapá. E a Perimetral Norte BR-210 (de construção sem continuidade), atendendo em seu trecho inicial localidades rurais importantes, também servidas pela Estrada de Ferro Amapá - E.F.A. Esta pertencente a ICOMI (Indústria e Comércio de Mineração S/A), que possui estações ligando a mina de Serra do Navio ao Porto de Santana, servindo ao escoamento da produção e ao transporte de seus funcionários. Conforme o estabelecido no contrato de exploração, a E.F.A. deveria servir também à população interiorana, em seus deslocamentos e escoamento da produção. Entretanto, em boa parte das localidades com pequena produção agrícola, as paradas do trem só se efetivam através de expediente à administração da ICOMI.

Apesar do dinamismo do setor secundário, é no setor de serviços que está alocada a maior parcela da população ocupada do Estado, ficando o secundário com menor parcela, o que não deixa de ser surpreendente, embora não paradoxal. É surpreendente

---

\* Embarcação pequena movida a remo.



porque o setor secundário concorre com mais da metade da renda interna do Estado, mas não é paradoxal, porque esta é uma das características de economias que são sustentadas pela exploração mineral (JUAREZ, s.d.)

O Amapá, portanto, encontra-se inserido no processo de desenvolvimento caracterizado pela expansão de fronteira agrícola e de exploração mineral, especialmente do manganês, e a vegetal concentrada em área litorânea, principalmente exploração da madeira e da castanha do Pará. No aspecto agropecuário a produção concentra-se na agricultura de subsistência, seguida da pecuária e silvicultura, favorecidas pela estrutura fundiária e pelos incentivos fiscais do Estado.

#### - Aspectos econômicos

A economia do Estado do Amapá está fundamentada na exploração mineral, especialmente do minério de manganês cujas reservas estão situadas entre as maiores do mundo. O minério, em bruto ou pelotizado, é inteiramente comercializado no mercado internacional. Paralelamente, há o crescimento da exploração vegetal, com instalações de empresas de grande porte voltadas para extração e beneficiamento da madeira, além do fabrico de celulose implantado pelo Amapá Florestal Celulose S.A. - AMCEL, mantido por um extenso plantio de *Pinus caribea*. O destino da produção madeireira é, em sua maior parte, também o mercado internacional. Ressalta-se ainda neste contexto a companhia

IZAPEIXE pertencente ao grupo Ipiranga, que explora o pescado nas águas amapaenses e, como as demais empresas, exporta para o mercado internacional.

Outros minérios como o ouro, a tantalita e bauxita não contribuem de modo significativo para a arrecadação do Estado, embora proporcionem, sazonalmente, empregos e fonte de renda para a população, principalmente a rural. O ouro desponta através de empresas como a Novo Astro que chega a produzir 20 kg por semana, produção toda ela dirigida para o Sul do país e posteriormente para o mercado internacional. A população que trabalha nessa exploração vive no sub-emprego, explorada, num ambiente totalmente hostil, constantemente sujeita a doenças endêmicas, como a malária.

O Estado mantém até hoje total dependência do Governo Federal, o principal empregador no meio urbano, inclusive pela demanda que gira em função dos salários e se constitui no principal ativador das atividades comerciais.

O setor primário do Amapá evidencia fragilidade principalmente na atividade agropecuária, que ainda é considerada insuficiente para garantir o abastecimento do Estado. Nessas circunstâncias o acelerado crescimento da população urbana do Estado e, por conseguinte da demanda de alimentos, não tem sido acompanhado de incrementos correspondentes na produção interna de alimentos.

Neste setor, destacam-se o cultivo da mandioca para o fabrico da farinha, ao lado da pecuária de corte e a pesca. A borracha e a coleta da castanha do Pará não tem grande importância na economia do Estado. Quanto à madeira, é extraída de forma predatória e entregue às serrarias locais, sendo grande parte vendida ao mercado internacional.

No que se refere à exploração agropecuária no Estado, a agricultura de subsistência e o extrativismo aparecem como principais explorações, vindo, logo em seguida, a pecuária e a silvicultura, com seu desenvolvimento favorecido pela estrutura fundiária e pela presença de incentivos fiscais do Governo Federal. A pecuária é favorecida pelas características fisiológicas do Estado, apresentando grandes áreas de campos naturais.

A agricultura não chega a ocupar grandes áreas, mas é a atividade de maior importância sócio-econômica, tendo participação decisiva para o abastecimento de alimentos básicos no Estado, ainda que este não tenha obtido a auto suficiência. Paralelamente à atividade agrícola, é praticado o extrativismo como forma de complementar a renda das famílias, que têm a agricultura como atividade principal.

Mas o baixo nível de áreas cultivadas nos municípios não deixa dúvidas quanto à importância da pequena produção na atividade agrícola amapaense. Uma situação que, segundo JUAREZ (s.d.), se processa dentro de características expressivas, É o

caso de grandes áreas de terras devolutas cuja ocupação não oferece grandes dificuldades. Este aspecto particular se constitui no principal obstáculo para a expropriação do produtor direto, de modo a permitir sua exploração como força de trabalho.

*"Quer dizer no setor rural do Amapá não existe um contingente populacional que tenha como única alternativa da sobrevivência a venda de sua força de trabalho isto porque o seu acesso à terra, o principal meio de produção é relativamente fácil".*  
(JUAREZ (s.d.) 17-8)

### 3. CURIAÚ

#### - Elementos históricos e geográficos

O Fundador de Curiaú era um Senhor de Engenho que, ao morrer, deixou as terras de Curiaú de herança para seus escravos. Outros escravos fugitivos, não suportando os rigores do trabalho na Fortaleza de Macapá\*, partiram em busca de refúgio em Curiaú.

Seus habitantes são descendentes diretos de negros escravos e fazem parte de uma sociedade com características peculiares onde a simplicidade e o constante contato com a natureza justificam a tendência ao isolamento.

A comunidade de Curiaú permanece ainda hoje como um dos poucos polos de manutenção de antigos costumes no Amapá. Foi descoberta no início do século XVIII por um grupo de escravos conforme descreve um de seus descendentes:

---

\* Fortaleza de São José de Macapá - a maior do Brasil Colonial, iniciada em 1774 e concluída em 1782 - foi construída por mão-de-obra escrava, na sua maioria.

escolaridade, a maioria sabe apenas assinar o seu próprio nome.

Curiaú situa-se a 8 km ao norte da capital Macapá; é habitada por cerca de 40 famílias (200 pessoas) descendentes de escravos, que vivem numa faixa de oito mil hectares de terra cuja ocupação e uso se processam em caráter comum.

#### - Aspecto sócio-econômico

Seus habitantes possuem um sistema de vida em que todos trabalham e praticamente se auto-sustentam. Um sistema de trabalho, ao contrário do que se poderia esperar devido à proximidade da cidade, diferente do ritmo urbano. Desde às 5:30 h da manhã, mulheres e crianças estão prontos para cuidar do gado (bubalino, bovino e equino) e trabalhar na roça, com pequenas plantações de subsistência: mandioca, abacaxi, banana, cana-de-açúcar, milho e na "casa de forno", onde realizam a sua principal atividade: a extração de derivados da mandioca, como a farinha, tucupi, goma e farinha de tapioca. Desta forma desenvolvem seu processo de produção, o que significa dizer que o camponeses de Curiaú repõem, a cada ciclo da atividade produtiva, os meios de produção e a força de trabalho para a realização dessa atividade produtiva.

Os habitantes de Curiaú dedicam-se ainda à fabricação de paneiros, para transportar seus produtos, principalmente da raiz da mandioca, da roça para casa de forno, e para pesca em água doce, com variedade de peixes como a traíra, cará, jeju, tucunaré e a pratinha. Utilizam métodos bastante simples de pesca como a

linha de mão, zagaia (lança curta de arremesso) e malhadeira. A pesca é feita nos igarapés e lugares fundos dos lagos (poços), onde os peixes se concentram.

Cada indivíduo da comunidade administra prazerosamente seu tempo, diferentemente das pessoas da cidade, "acostumada a viver sob o controle do relógio".

Os habitantes do Curiaú, até certo ponto, gozam de boa saúde. Constumam andar a pé, de bicicleta, a cavalo e de canoa. A natureza é exuberante com suas palmeiras de açai, bacaba, buriti e pupunha, cujos frutos são aproveitados na alimentação.

Em Curiaú há muitas festas populares, destacando-se a comemoração de São Joaquim - padroeiro da comunidade, de 9 a 18 de agosto. Sendo o batuque a marca mais forte da tradição, é realizado em datas periódicas e se constitui na maior distração organizada do Curiaú. Dispostos a atravessar a noite, grupos de homens e mulheres cantam, dançam e tocam típicos instrumentos de percussão.

Os habitantes de Curiaú seguem os preceitos religiosos do local, suspendendo quaisquer atividades quando da morte de um de seus moradores, cumprindo um luto de sete dias. Ritualmente acredita-se numa estreita relação entre a morte do indivíduo e o futuro de sua plantação. Durante alguns dias, há variação de acordo com as relações de parentesco com o falecido, "nenhum parente deve ir à roça, pois do contrário ela poderá apodrecer".

A tranquilidade da vida em Curiaú, segundo moradores,

"começa a ser ameaçada pela cidade" e certamente não vai conseguir resistir ao "progresso" por muito tempo. Desorganizados do ponto de vista administrativo e com pouco conhecimento de movimentos políticos ou sindicais, os habitantes de Curiaú temem principalmente pela expansão do bairro Jardim Felicidade, da vizinha Macapá, já às suas portas.

As comunicações chegam à comunidade através do rádio e da televisão (existentes na casa de três moradores), mas até o momento, não tem criado o hábito de assistência, embora alguns moradores, estejam "influenciados a assistir novelas".

O produtor de Curiaú está orientado para obter, através da roça, uma quantidade de produto suficiente para abastecer o consumo da família, durante o ano e para o próximo plantio.

Os produtos extraídos da roça não provêm as famílias de todos os bens necessários ao consumo alimentar, para adquirí-los são vendidos os produtos da roça (excedente).

Na sua totalidade, os produtores desenvolvem uma agricultura de subsistência, produzindo para o consumo, utilizando a força de trabalho familiar e, dependendo da atividade, a ajuda mútua e o mutirão (pixurum):

*"Olha tô trabalhando sô eu, minha mulher e meus filhos, a gente pega alguma pessoa sô se for meus irmãos mesmo, talvez os que tão de folga nê, eles trabalham, aí eu peço eles um dia que tá mais apertado o serviço... Vai dá pra ti me ajudar? Ele vai e me ajuda, aí eu pago uma diária pra ele. Sempre com ajuda da família, eu ajudo outro, as vez nôs faz troca de serviço aí eu vou dois dias, ele vai me ajudar dois dias, assim a gente vai levando".*

*(M.R.C., 40 anos, 9 filhos)*

Observa-se, porém, em momentos mais "apertados", quando as tarefas exigem rapidez e muitos braços, que os camponeses de Curiaú utilizam a força de trabalho assalariada como complementação da força de trabalho familiar. Outro aspecto observado é a participação da criança e do jovem nos trabalhos da unidade produtiva, nas diversas culturas e na produção da farinha.

O esforço dispendido pela família (pai, esposa e filhos) na roça é desenvolvido de forma participativa em que cada membro executa tarefas pré-determinadas, tanto na roça como na fabricação de farinha.

#### - A mandioca e a produção de farinha ✓

O preparo da área e plantio são feitos pelo homem, pai de família, com a ajuda de seus filhos mais velhos e/ou parente, pois estas tarefas são consideradas própria do homem. Já no caso do plantio da maniva, do milho e do feijão participam a mulher (esposa) e filhos e outros em mutirão.

Na fabricação da farinha de mandioca, o trabalho da mulher é efetivo. Ela participa da colheita da mandioca, da descasca, da ralação e peneiração da massa que se destina ao forno. Os filhos menores participam também do descascamento da mandioca e da peneiração. No tipiti - instrumento usado para prensar a massa e retirar o tucupi e a tapioca (goma) trabalham o homem (pai) e os filhos adultos que, juntamente com o pai, tomem conta do forno,

*que tamb. toma*

colocando lenha e torrando a farinha.

Entre o plantio e a colheita, dependendo do ciclo produtivo, são feitas várias capinas, tarefa esta realizada pelo homem, utilizando enxada.

As operações descritas anteriormente acontecem também no cultivo consorciado de mandioca - feijão - abacaxi - milho e banana.

A mandioca, plantada na "roça", é colhida após um ano e oito meses do plantio. A roça, contudo, não se restringe à mandioca, milho, feijão, abacaxi e banana. Associada a estas culturas aparecem outras, embora sem a mesma importância, como: batata-doce, cará, macaxeira e gerimum.

Após o cultivo por dois anos, o produtor "costuma deixar a área 5-6 anos em pousio", em descanso, "partindo para outra área de plantio", caracterizando assim o caráter itinerante do produtor camponês de Curiaú.

Há culturas caseiras de mangueira, cafeeiro, abacateiro, jaqueira, mamoeiro, goiabeira, graviola, ingá, limoeiro, laranjeiras, cultivadas nos quintais de cada produtor.

A farinha de mandioca é o principal alimento em Curiaú. O local onde se produz a farinha é denominado de casa de forno, provido pelo chefe da unidade familiar.

A colheita da mandioca é manual constando do "arrancar", recolhimento e transporte das raízes para a casa de forno. Esta operação é denominada de "desmanchar". Na fase posterior acontece

a fabricação da farinha dita "farinhada". O transporte da raiz até a casa de forno é realizado de diversas maneiras, dependendo dos meios de acesso. Grande parte é transportada "no paneiro" ou em embarcação a remo. As operações são dirigidas pelo chefe da família e realizadas com ajuda de outros homens, mulheres e dos filhos.

Nem toda unidade familiar é proprietária de uma casa de forno. Há casa de forno bastante antigas construídas ainda pelos avós daqueles que atualmente são proprietários. Toda família tem acesso a alguma casa de forno para processar a mandioca que cultivou. No caso de não ser proprietário, o acesso depende do acordo com o proprietário. É comum nada se pagar pelo uso da casa de forno, apenas há um compromisso de ajudar quando se fizer algum reparo ou melhoria. É comum retribuir o uso do forno com serviços na torração da farinha.

O processo de fabricação da farinha utilizado pelos produtores de Curiaú segue técnicas primitivas. As casas de forno são muito semelhantes entre si pelas atividades que nelas se desenvolvem, seja nos seus componentes ou na sua edificação são quase sempre distante da casa de moradia e próximas da área da roça.

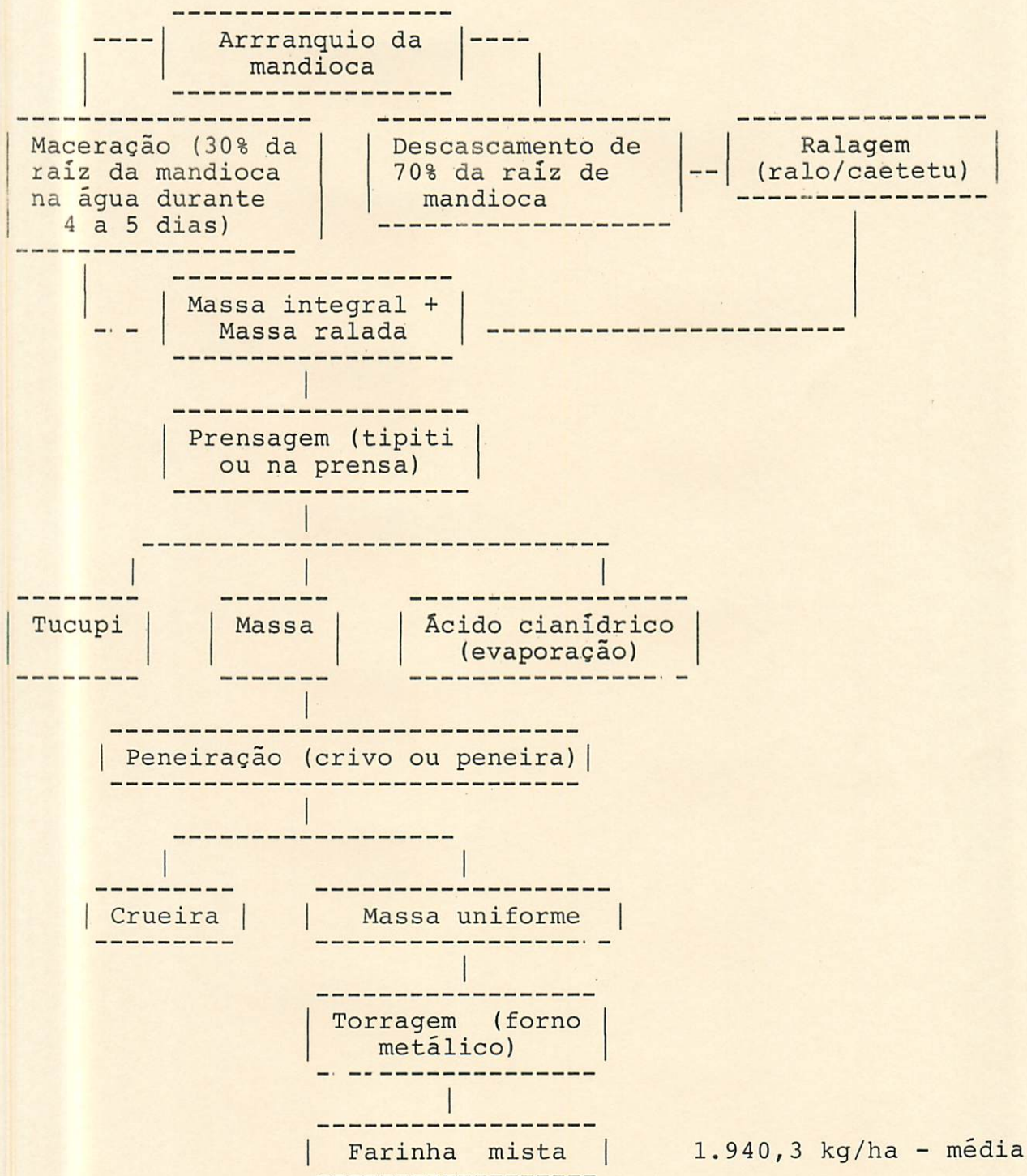
No processamento trabalham, em média, cinco pessoas. Primeiramente é realizada a colheita de 1/3 das raízes e colocadas de molho em água para maceração, durante 4 a 5 dias. Passados esses dias, colhem-se os 2/3 restantes, sendo as raízes

transportadas para casa de forno para serem cevadas (descascadas), lavadas e raladas. A massa é misturada à mandioca macerada na masseira, na proporção de 3/1 e em seguida, prensada no tipiti para retirar a água (tucupi) e o ácido cianídrico. Após prensado, o produto é passado no "crivo" (peneira), separando-se as fibras largas do material fino que vai ao forno. A massa é espalhada no forno previamente aquecido à lenha e, constantemente removida, a fim de se obter secagem uniforme, coloração e torragem precisas.

Depois de torrada, a farinha é acondicionada em sacos de polietileno ou juta e transportada de bicicleta ou de canoa para a casa do produtor onde parte será destinada ao consumo e a outra levada para o mercado em Macapá, ou vendida na feira do produtor.

Ainda são produzidos, consumidos e vendidos os sub-produtos: farinha de tapioca, em forma de flocos e tucupi e a goma extraída do líquido restante da prensagem. A produção da goma poderia ser aumentada se a massa fosse lavada e peneirada, entretanto os produtores argumentam que isto reduziria o volume da farinha produzida. Assim sendo, a produção de goma é limitada, destinando-se basicamente ao consumo familiar, uma vez que a redução na produção de farinha viria diminuir a receita total derivada da venda de ambos os produtos.

## PROCESSAMENTO DA FABRICAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA



OBS: Todo o processo é realizado manualmente

FONTE: Dados da pesquisa jun./90

#### 4. EXTENSÃO RURAL

"Extensão Rural" consiste em levar ao produtor rural informações a fim de ajudá-lo a adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes para utilizar com eficiência essas informações, tendo como objetivo tornar o agricultor capaz de melhorar o seu nível de vida, pela utilização racional e efetiva dos conhecimentos, habilidades e informações adquiridos. Segundo este autor, Extensão Rural se confunde com educação não-formal e sua metodologia de trabalho é empregada em programas não especificamente agrícola, tais como: higiene, desenvolvimento comunitário ou planejamento familiar, tornando-se o termo Extensão Rural abrangente a diversas atividades, envolvendo vários tipos de organizações (públicas ou privadas) para atingir diversos públicos (homens, mulheres, jovens) e com diferentes mensagens sociais (ALMEIDA, 1989).

Inspirada no modelo norte-americano (Cooperative Extension Service e Farm Security Administration, depois Farm Home

Administration), a Extensão Rural surge no Brasil, como praticamente em toda América Latina, no final da década de 1940, num contexto internacional de acentuada polarização entre o bloco socialista e o mundo capitalista. Apesar das experiências realizadas nos municípios paulistas de Santa Rita do Passa Quadro e São José do Rio Pardo, entre 1948 e 1956, a institucionalização, bem como a sistematização do Serviço de Extensão deu-se em fins de 1946, com o convênio entre Associação Internacional Americana (AIA) e o Governo de Minas Gerais para a criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR), posteriormente (1956) incorporada à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR).

Na lógica estabelecida, a Extensão Rural veio para "desenvolver a agricultura" através de programas com fins de transmitir inovações tecnológicas e estimular sua adoção por parte dos produtores, se restringindo à forma basicamente informal. Para tal é estabelecida prestação de serviço no sentido de capacitar o produtor com relação ao aumento da produção e produtividade das culturas e criações, além da ação social que visa a melhoria da renda e bem-estar do produtor e de sua família.

O Amapá não fugiu a essa concepção de Extensão: desenvolver a agropecuária em todo o país seria uma saída para os grandes problemas nacionais. O Serviço de Extensão Rural passou a ser considerado instrumento importante nesta política. No Amapá o

Serviço de Extensão foi criado em 1974, justamente na fase de modernização da agricultura preconizada pelo governo federal, quando passou a utilizar maciçamente os conhecimentos tecnológicos, geralmente importados e/ou gerados à revelia do produtor, para desenvolver a agricultura, principalmente a de exportação onde se preconiza o uso de tecnologia moderna como mecanização, fertilizantes químicos e agrotóxicos.

Nesse período a expansão das fronteiras agrícolas se constitui meta nacional. A integração da Amazônia, para ocupar os espaços vazios, era perseguida com grande espírito nacionalista.

#### **- ACAR/ASTER/EMATER-AP**

O início do Serviço de Extensão Rural no Amapá deu-se no ano de 1974, ainda sob a égide da extinta Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural - ABCAR. Os trabalhos realizados pela Extensão Rural no ano de 1974, principalmente na área de economia doméstica, foram concentradas na periferia de Macapá e em algumas comunidades do distrito de Porto Grande. A partir de 1975, a área geográfica trabalhada pela ACAR-AMAPÁ envolveu os municípios de Macapá, Mazagão, Amapá, e Calçoene, tendo como enfoque básico a integração de ações de natureza tecnológica às de natureza social para assistência global da família.

Em 1976, foi implantado nos municípios de Mazagão e Amapá o Projeto de Promoção do Produtor de Baixa Renda que, de início, não só definia o público a ser atendido pelas atividades de

educação comunitária, como institucionalizava a integração das ações econômicas e sociais, conduzidas pelo sistema de Assistência Técnica e Extensão Rural. Este trabalho visava a "implantação da organização de pequenos produtores para produção e comercialização conjunta", além da atividade de "documentação civil e fundiária" considerada fundamental para assegurar a posse da terra ao pequeno produtor, bem como o seu acesso a outros serviços.

Com relação ao aspecto social foi implantado o projeto de ações simplificadas de saúde para o meio rural, tendo como resultado a organização de duas sociedades de saúde.

Grupos com cerca de 20 a 30 associados passaram a constituir a base da estratégia de organização. Nesses grupos esperava-se a participação ativa dos produtores, visando o debate dos seus problemas e a definição das soluções que podiam ser efetivadas ao seu nível. Estes grupos tinham estrutura simples, capaz de realizar aquelas tarefas, atividades ou funções que os membros requeriam. As atividades deveriam começar pela tarefa mais simples, ampliando-se e tornando-se mais complexas na medida em que o grupo fosse adquirindo estabilidade e em que seus membros intensificassem a demanda de serviços. Várias organizações locais elegeram seus representantes para a formação da organização de coordenação e prestação de serviços a nível municipal, que teve personalidade jurídica formalizando a organização e lhe conferindo os poderes legais requeridos. Esta estratégia para

promover a constituição de grupos capazes de decidir e atuar sem dependência total dos extensionistas exigiu agentes de extensão capacitados e que acreditavam na potencialidade dos produtores.

A experiência com as sociedades de saúde levou à organização no meio rural de uma agremiação de produtores que não se limitasse a atender somente aspectos sócios-sanitários do pequeno produtor, mas que desenvolvesse a representação de classe junto aos órgãos competentes. Partindo dessa idéia básica, em agosto de 1977, reuniram-se na capital do Estado do Amapá 35 representantes de comunidades, com apoio dos técnicos do Projeto Baixa Renda, sendo criada a Sociedade Central de Agricultores do Amapá - SOCEAP, representativa e normativa das ações das sociedades locais.

O Serviço de Extensão, agora ASTER-AP, ficou embasado nesta sociedade criada dentro das normas do sistema Pré-cooperativo. Na estratégia de ação de fortalecimento desta sociedade deu-se ênfase especial às ações de caráter grupal. Por outro lado, neste mesmo período, prolongando-se inclusive aos anos de 79 e 80, houve incentivo ao crédito rural, demandando dos extensionistas grande parte de tempo para as atividades de Extensão Rural.

A partir de 1979 os serviços da SOCEAP começaram a passar por um processo gradual de desativação por falta de apoio institucional. Neste período as ações da ASTER são retiradas do processo de organização, proporcionando uma ruptura imediata.

Em 1981, o Serviço de Extensão Rural retoma o trabalho de organização assistindo a Unidade Produtiva, em lugar de enfoque parcial dos projetos individualizados por produtos. Dentro desta retomada vem atendendo a 40% dos produtores do Estado do Amapá. A organização de pequenos grupos de produtores, conforme recomendado nas diretrizes de planejamento da até então EMBRATER, visava assegurar uma ampla eficácia da ação empreendida, não só pelo aumento de abrangência da ASTER, como também no que se refere à natureza e à forma de prestação de serviços, visando responder às necessidades formuladas pelos próprios produtores.

A Extensão Rural portanto foi desenvolvida no Amapá e em Curiaú dentro das perspectivas e diretrizes emanadas pelo Serviço de Extensão Nacional, concentrada no aspecto sócio-sanitário e organização de grupos de produtores, senhoras e jovens e, por fim, a comercialização de produtos agrícolas, visando o aumento da renda e melhoria de bem-estar de vida dos produtores e de suas famílias.

#### - Plano Diretor de Extensão Rural 84/87

Segundo o Plano Diretor de Extensão Rural - PDER/84, as questões relativas ao desenvolvimento do setor agropecuário do Amapá estão muito mais ligadas aos aspectos econômicos, culturais, sociais, estruturais e políticos do que aos níveis tecnológicos dos pequenos produtores e suas famílias. Nesse contexto, o indivíduo constitui-se no principal componente do

setor agropecuário e o mais importante elemento do desenvolvimento.

Sob essa ótica:

*"O serviço de Extensão Rural do Amapá teve como fundamento filosófico para suas ações, a promoção do ser humano. Em função dessa concepção, a Extensão Rural funcionou como elemento catalisador, no sentido de dotar o indivíduo dos conhecimentos e habilidades necessárias à deflagração do processo de mudança no meio rural".*

De acordo com o PDER/84, o trabalho de cunho eminentemente educativo desenvolvido pela Extensão Rural, em busca do aprimoramento e pleno desenvolvimento e seleção dos problemas vivenciados, tem como objetivo principal promover mudanças nas condições sociais, econômicas, políticas e culturais vigentes no meio rural amapaense, provocando a elevação da renda líquida dos produtores e suas famílias, o aumento da produção e de produtividade.

#### - Diretrizes para ação extensionista

A ASTER-AMAPÁ, visando a consecução dos objetivos propostos pelo Serviço de Extensão Rural do Estado, estabeleceu em seu Plano Diretor de Extensão, em consonância com as atuais prioridades fixadas para o Estado e com as aspirações do pequeno produtor rural e sua família, o seguinte conjunto de diretrizes:

- "- Assistir a unidade produtiva como um todo orientando as famílias rurais na adequação das alternativas econômicas e técnicas à disponibilidade de recurso;*
- Orientar as famílias rurais nos aspectos ligados ao processo de comercialização, como forma de promover a apropriação pelas famílias da renda gerada na unidade*

produtiva;

- Priorizar o atendimento às famílias dos pequenos produtores rurais;
- Intensificar o trabalho na área de economia, nos aspectos de indústria rural caseira, educação sanitária e alimentar;
- Planejar e executar as ações extensionistas sempre com a participação das comunidades, lideranças, organizações rurais e autoridades;
- Estimular e assessorar a organização das famílias rurais através do associativismo formal e não formal;
- Intensificar o trabalho com jovens e crianças rurais, estas a partir da idade escolar;
- Buscar a participação dos produtores na formulação agrícola nos níveis Municipal e Estadual;
- Trabalhar em estreita colaboração com as instituições que possuam ações voltadas para a promoção das famílias rurais;
- Obter maior abrangência e eficácia da ação extensionista;
- Adotar uma política administrativa que promova o desenvolvimento dos recursos humanos da instituição e favoreça a interiorização dos extensionistas;
- Intensificar o trabalho de orientação ao melhor aproveitamento do uso dos recursos naturais, insumos, energia, máquinas e implementos agrícolas;
- Intensificar o trabalho de orientação aos produtores rurais na preservação e recomposição do meio ambiente;
- Promover e orientar a produção de sementes e mudas necessárias ao suprimento das unidades produtivas;
- Realizar ampla divulgação das atividades desenvolvidas pela instituição, para a sociedade em geral nos níveis Municipal e Estadual". (PDER/84).

A partir da fixação dessas normas de procedimento, baseadas "no conhecimento da realidade", foram detalhadas ações a serem realizadas com o pequeno produtor rural e sua família, visando o desenvolvimento do setor agropecuário do Estado.

De acordo com o Plano Diretor de Extensão 84/87, a ASTER-AMAPÁ estabeleceu um conjunto de ações prioritárias objetivando a otimização dos recursos empregados pela associação e a ampliação do nível de eficiência e eficácia das atividades voltadas para a

promoção dos pequenos produtores rurais e suas famílias. Para a execução dessas atividades foi definida a estratégia global de ação detalhada a seguir.

Segundo PDER/84/87, "planejamento participativo são ações que procuram atender às aspirações das comunidades envolvidas no processo de mudança das atuais condições de vida no meio rural". Considerado como um dos principais elementos da estratégia da ação extensionista o planejamento participativo busca criar condições necessárias para a participação efetiva da família rural na discussão e solução dos problemas existentes nas comunidades rurais.

No planejamento participativo, a organização de produtores passa a ser elemento fundamental na condução do modelo estratégico desenvolvido pela ASTER-AP, hoje EMATER-AP. Dá-se ênfase ao trabalho com organizações não formais - grupos de produtores - donas de casa, jovens, associações comunitárias, etc, no sentido de provocar alguma mudança no meio rural.

A ASTER-AMAPÁ sistematizou o processo de utilização das técnicas, assessorando e acompanhando sua aplicação, principalmente no que se refere àquelas que apresentam maior grau de complexidade, além de capacitar os extensionistas de campo para o desenvolvimento dos trabalhos.

Segundo o PDER/84/87, as técnicas utilizadas para levar aos pequenos produtores rurais ensinamentos capazes de auxiliá-los na melhoria da sua qualidade de vida são: as Unidades de Observação,

Unidades Demonstrativas, Propriedades Demonstrativas, Demonstração de Resultados, Demonstração de Métodos, Dia de Campo, Reuniões, Excursões, Campanhas e visitas:

- **Unidade de Observação:** técnica utilizada junto ao produtor com o fim de observar o comportamento de determinadas inovações, para posteriormente difundi-las entre os demais produtores, em caso de sua viabilidade;

- **Unidade Demonstrativa:** técnica em que se desenvolve uma ou várias práticas de comprovada eficácia e rentabilidade, em uma determinada cultura ou criação, com o objetivo de que as mesmas sejam acompanhadas, avaliadas e adotadas por um grupo de produtores;

- **Demonstração de Resultados:** técnica que visa demonstrar, por meio comparativo, a superioridade de uma ou mais práticas, já comprovadas, sobre outra tradicionalmente adotada pelos produtores;

- **Demonstração de Método:** técnica utilizada para introduzir novas práticas ou melhorar as existentes, demonstrando como fazê-las, permitindo que os participantes as pratiquem, com a finalidade de consolidar a aprendizagem;

- **Dia de Campo:** técnica planejada pela qual se demonstra, em uma unidade de produção, a eficiência de uma série de práticas agropecuárias bem sucedidas, com o objetivo de motivar os produtores a adotá-las;

- **Reunião:** técnica utilizada pelo extensionista para informar,

propor, e debater assuntos com um grupo de produtores com interesses comuns;

- **Excursão:** técnica pela qual o extensionista acompanha um grupo de produtores com interesses comuns a locais onde existe evidências concretas sobre programas, projetos ou inovações tecnológicas específicas que possam ser observados e debatidos pelos participantes;

- **Campanha:** técnica que consiste numa sequência de atividades realizadas em relação a determinado assunto durante tempo determinado, cujas ações são executadas por etapas, relacionadas entre si, no sentido de provocar mudanças do modo de pensar, sentir e atuar das pessoas, mediante o uso dos mais variados meios de comunicação;

- **Visita:** ida planejada do extensionista à propriedade.

A ASTER-AP tem como forma de aprimorar o nível de desempenho da ação extensionista a intensificação da interiorização do seu quadro técnico e, para tal, implantou melhoria da infra-estrutura básica necessária ao desenvolvimento dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, implantando 14 escritórios locais com residências. Melhoria esta, segundo o PDER/84/87, com objetivo de "ampliar o tempo de convivência dos extensionistas junto às comunidades rurais, pois só através do convívio diário é que os agentes de extensão obterão as condições necessárias para a interpretação da realidade vivida pelos produtores e entendimento de sua forma de ação diante dessa realidade". Além da implantação

da infra-estrutura, ficou estabelecido, de acordo com o PDER/84/87, um permanente processo de supervisão, coordenação e avaliação das atividades executadas no sentido da valorização do trabalho de extensão e de efetiva fixação dos técnicos no meio rural.

Conforme estabelece o Plano Diretor de Extensão Rural/84/87, as atividades empreendidas pelo Serviço de Extensão Rural demandam um relacionamento harmônico com as instituições que executam ações voltadas para a promoção de pequenos produtores rurais e suas famílias. Sob essa ótica a ASTER-AP, hoje EMATER-AP, vem desenvolvendo esforço visando ampliar o nível de articulação com os organismos do setor público, no sentido de contribuir de forma efetiva para a melhoria da eficácia e eficiência da ação extensionista. Com o apoio da Secretaria de Agricultura de Estado, vem se intensificando o processo de integração inter-institucional como estratégia de atingimento dos objetivos propostos.

Conforme PDER/84/87, as atividades referentes ao processo produtivo são voltadas à promoção de novas combinações entre os fatores de produção, visando o aumento da produção e produtividade e a minimização dos custos.

Um dos pontos básicos para a diversificação, produção e aumento da renda dos produtores, segundo PDER/84/87, é a introdução de culturas permanentes adaptadas às condições regionais e com expressivo valor comercial no mercado interno e

externo, com utilização de material de plantio de superior qualidade produzido pelos próprios produtores ou através dos órgãos responsáveis pela produção e fornecimento de sementes e mudas fiscalizadas.

As explorações prioritárias assistidas pela ASTER-AP são aquelas tradicionalmente realizadas no Estado (feijão - milho - mandioca - banana - abacaxi), além daquelas que, segundo o PDER/84/87, têm potencial para elevar a renda e o padrão alimentar dos pequenos produtores rurais, entre as quais se destacam: maracujá, pimenta-do-reino, côco, algodão, fumo, soja, dendê, caju, citrus, mamão, guaraná e seringueira, além das cucurbitáceas, hortícolas e da piscicultura, apicultura, bovinocultura e criação de pequenos e médios animais.

No aspecto da Administração Rural, a ASTER-AP procura dar ênfase a ações referentes à administração da Unidade Produtiva, segundo o PDER/84/87, no que concerne a possíveis melhoramentos nas instalações, na diversificação de explorações, na obtenção de crédito de custeio, investimento e comercialização, além da divulgação da época mais adequada à comercialização do excedente, além de promover e orientar o controle contábil, através de simples execução, a fim de determinar a rentabilidade das explorações.

De acordo com o PDER/84/87, as atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural, referentes à organização da produção, estão voltadas basicamente para o auto-abastecimento da Unidade

Produtiva, com melhor aproveitamento do excedente de produção e para a introdução de cultivos e/ou criações que, concretamente, tenham potencial de elevar a renda das famílias rurais.

A comercialização do excedente é feita através da venda conjunta da produção via feira do produtor em Macapá, no sentido de diminuir a ação especulativa dos intermediários e possibilitar aos pequenos produtores a venda de seus produtos diretamente ao consumidor.

Conforme o Plano Diretor de Extensão Rural/84/87, o Serviço de Extensão Rural do Amapá, ciente da importância que representam as ações desenvolvidas na área de economia doméstica, no processo de melhoria das condições de vida dos pequenos produtores rurais e suas famílias, estabeleceu a intensificação do trabalho nessa área de atuação, como uma de suas prioridades e, vista disso, vem evidando esforços na educação sanitária e alimentar, como forma de levar até as comunidades rurais as orientações necessárias à melhoria dos padrões da divulgação de novas práticas e introdução de melhoria nos aspectos ligados à saúde dos pequenos produtores e suas famílias (PDER/84/87).

Assim sendo, de acordo com o PDER/84/87, a ASTER-AP estabeleceu "divulgar e introduzir alternativas para construção de fossas higiênicas, tratamento d'água, higiene pessoal, higiene materno-infantil, prevenção de doenças transmissíveis, limpeza da habitação e dos arredores e destinação adequada para o lixo, como forma de diminuir a incidência de problemas da saúde no meio

rural".

Complementando as atividades voltadas para a educação sanitária e em conformidade com o PDER/84/87, a ASTER-AP estabeleceu "esforço no sentido de criar instrumentos necessários à elevação do padrão nutricional das comunidades rurais, com a ação extensionista, introduzindo e divulgando a utilização de novas práticas no processo alimentar, no sentido de obter uma dieta mais adequada às necessidades da população rural".

Dentre as atividades a serem desenvolvidas no campo da educação nutricional, destacam-se a implantação e manutenção de hortas, formação, melhoramento e manutenção dos pomares, criação de pequenos animais e racionalização no aproveitamento dos produtos, a partir da industrialização dos mesmos a nível da unidade produtiva.

Para as ações referentes a Inovações Tecnológicas a ASTER-AP estabeleceu aprimoramento dos extensionistas, dotando-os de conhecimentos tecnológicos, organizacionais e pedagógicos necessários aos desenvolvimento dos trabalho, através de diferentes treinamentos.

Segundo o PDER/84/87, " o processo de capacitação está voltado basicamente para o aprimoramento da execução das atividades de Assistência Técnica e Extensão Rural, eleitas como prioritárias e para a ampliação da capacidade do agente de extensão em interpretar a realidade rural, com sua execução ocorrendo através da capacitação inicial, reciclagens pós-

graduação, especialização, treinamento em serviço intercâmbios e estágios.

A ASTER-AP, conforme estabelece o PDER/84/87, desenvolve um processo de assessoria, supervisão, coordenação, acompanhamento e avaliação das atividades executadas, mantendo para isso uma equipe de Supervisão e Gerentes de Projetos em regime de tempo integral, no apoio aos trabalhos realizados.

## 5. PRODUÇÃO CAMPONESA E ADOÇÃO DE INOVAÇÕES

### - Complexo agroindustrial e produção camponesa

A implantação da modernização da agricultura no Brasil deu-se a partir da década de 60 e caracterizou-se pela implementação de uma revolução tecnológica, baseada na utilização maciça de insumos modernos, tendo como consequência o aumento de produtividade. A todo esse processo de penetração de capital na agricultura e conseqüente fortalecimento do setor industrial é que autores como DELGADO (1985) e SORJ (1986) denominaram de complexo agroindustrial. Passou-se a desprezar as técnicas tradicionais prevalecendo somente o uso de insumos modernos, portanto, desconsiderando-se a organização da produção. Tal processo permitiu a expansão de grandes empresas estrangeiras, nacionais e estatais e ainda a internacionalização do mercado interno.

Em função do crescimento das culturas ditas industriais, houve um remanejamento na composição do produto agrícola, em detrimento dos produtos ditos tradicionais ou de consumo interno.

Observaram-se ganhos significativos de produtividade decorrentes do processo de modernização, notadamente no que diz respeito ao trabalho, KAGEYAMA, 1986.

Caracterizaram-se a concentração de terra e sua ociosidade e uma retração na oferta de produtos de consumo interno, com consequências sérias sobre o custo de vida urbano. Todo esse processo funcionou de forma gradativa e segura, tendo como uma de suas principais armas a criação de uma relação de dependência tecnológica, caracterizada pela importação de tecnologias ditas "modernas", apoiadas em bases tecnológicas inadequadas às nossas condições.

A modernização da agricultura trouxe em seu desenvolvimento uma gradativa diferenciação social no campo e até mesmo destruição de certas formas de organização. Os pequenos produtores tornaram-se dependentes das estruturas de mercado, tendo que submeterem-se às mesmas regras das empresas capitalistas.

Neste contexto de marginalização, principalmente de pequenos produtores, inserem-se os produtores camponeses, e, assim, os pequenos produtores da comunidade de Curiaú cuja unidade de produção é caracterizada, fundamentalmente, por produzir alimentos para o próprio consumo; comercialização do excedente; utilização da força de trabalho familiar em proporções superiores ao trabalho contratado e por possuir baixo nível de capital.

Para satisfazer às necessidades de consumo e reprodução da unidade familiar, o processo de produção camponesa torna-se um processo de auto-exploração familiar. Segundo ARRAZOLA & PINTO (1988), isto se dá mediante a intensificação do trabalho familiar, que visa obter um acréscimo em seus ganhos, os quais nem expressam nem devem ser confundidos com o lucro capitalista.

Na sociedade capitalista, a unidade familiar camponesa é produtora de valores de uso, bens para consumo, e de troca, bens para comercializar. Segundo ARRAZOLA & PINTO (1988), enquanto produtora de valores, a produção camponesa implica em dois tempos de trabalho: um tempo de trabalho necessário, durante o qual a família camponesa gera um valor correspondente à sua reprodução e um tempo de trabalho excedente, durante o qual ela gera um valor a mais. Os camponeses, porém, não diferenciam esses dois tempos, que não estão claros para eles. Não distinguem igualmente tempo de trabalho de tempo livre, que para eles "é tempo perdido".

A produção camponesa está orientada para obter através da roça produtos suficientes para prover o consumo da família, bem como garantir a reprodução das condições de produção. Os produtos da roça são, pois, os responsáveis pelo abastecimento do consumo familiar, tanto assim que sua ausência num ano agrícola compromete o "sustento da família" e sua reprodução no ano seguinte.

Na verdade, os produtos da roça não cobrem todos os bens socialmente tidos como necessários ao consumo alimentar. Existem

outros bens que não são produzidos pelos produtores camponeses, mas que são consumidos e, para sua aquisição, é necessária a comercialização dos produtos da roça. Assim, a economia camponesa é forçada a produzir para o mercado, ou seja, parte de seus produtos se traduzem em valores de troca (mercadorias). É nesse momento em que se dá a apropriação do produto camponês. Segundo PINTO (1988), "é no mercado capitalista que a produção camponesa é submetida a um processo de 'intercâmbio desigual': na compra de insumos e na venda de seus produtos o camponês é explorado, espolido, consumando-se assim o não-pagamento de seu trabalho. Aquele "ganho" de que ele tanto necessita e busca, de fato, não é lucro, é apenas uma forma de salário, de pagamento de sua força de trabalho e não pagamento de seu trabalho: efetivamente tão somente uma parte de seu trabalho lhe é pago". Em contrapartida o camponês necessita aumentar esses valores de troca para assegurar sua reprodução, recorrendo ao mercado quando necessário, ou seja, cada vez mais sua reprodução depende do mercado, o que impede de assegurar sua autonomia.

A partir desse momento intervém a Extensão Rural uma vez que o camponês necessita, segundo ela, assegurar maior quantidade de excedente. Segundo PINTO (1984), essa intervenção traz como decorrência "lógica" aumentar a produção e a produtividade imediata mediante incorporação de tecnologia moderna.

### - Adoção de inovações

Surge, nesse contexto, a adoção de tecnologias que se constitui num mecanismo de penetração do capital na pequena produção, mas que se apresenta como objetivo expresso de aumento da produção, responsável direta por melhores condições de vida do produtor, e que, associado à comercialização de maior excedente, terá como consequência o abastecimento do mercado.

O interesse e os estudos sobre adoção de inovações tecnológicas giram em torno de uma perspectiva a nível das instituições, procurando instrumentalizar os técnicos no sentido de levar novas práticas tecnológicas aos produtores. Alguns autores como BURKE & MOLINA FILHO (1988) e outros iniciaram estudos a partir das limitações de modelos ditos lineares. A partir da proposta de GALJART (1973), os estudos procuram estabelecer um aprofundamento maior sobre as causas da adoção ou rejeição de inovações tecnológicas na perspectiva do chamado adotante, que é o produtor. Passa-se a incorporar a partir de GALJART (1973) uma outra lógica de entendimento manifestada pelo produtor.

Além dos fatores sociológicos, o produtor estabelece vários outros fatores que se inserem em sua racionalidade de vida como forma de sobrevivência, fato evidenciado nesta pesquisa em que o produtor se utiliza, por exemplo, do fator oportunidade, criando alternativas de sobrevivência em consonância com as condições de seu meio ambiente.

Os estudos sobre adoção de inovações tecnológicas desenvolveram-se a partir de concepções modernizantes e desenvolvimentistas propostas pela industrialização. Estas propostas atribuem valor ao desenvolvimento econômico calcado no aumento da produção e produtividade conseguido através de aporte de capital, utilização de tecnologias, recurso humano treinado e modernização da sociedade, mediante superação das atitudes denominadas genericamente de tradicionais.

No contexto do desenvolvimento agropecuário estas teorias foram discutidas por estudiosos que se preocuparam em pesquisar de um lado a tecnologia disponível, os agentes comunicadores desta tecnologia e os instrumentos recomendados para implementar esta comunicação e, de outro lado, os potenciais adotantes, enquanto recebedores da proposta de inovação. Estas discussões tinham como pressuposto o indiscutível valor da modernização para toda a sociedade. O foco de estudo então pousou na transmissão e na reação do produtor frente à tecnologia de transmissão (agente e método).

O presente estudo vai além em relação aos autores enquanto analisa na perspectiva do produtor o resultado e as razões de seu comportamento frente à proposta de inovação, não somente a nível individual, mas tendo em vista o meio e a cultura, como um todo, do grupo ou comunidade em que se insere o produtor, pois, segundo FREIRE (1979), o trabalho extensionista como educador não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, uma vez que

esta não existe sem os homens, e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar.

Para BURKE e MOLINA FILHO (1988), de nada serviria uma disponibilidade enorme de novos conhecimentos tecnológicos e científicos, provenientes da pesquisa, se os mesmos não fossem transferidos e apropriados pela maioria dos produtores. Essa "transferência" implica em processos complexos e nos quais estão, invariavelmente envolvidos, em maior ou menor grau. A nova tecnologia ou inovação tem que ser comunicada e aprendida para que possa ser adotada.

Segundo GALJART (1973), não basta, porém, que o produtor conheça a inovação e que disponha de condições objetivas favoráveis para que ele a adote. Ele precisa querer adotar e estar disposto a superar os incômodos que toda mudança de comportamento pode acarretar. Segundo este autor a permanência no mesmo comportamento é muito mais cômoda, segura e tranquila em outras palavras, têm-se outros valores que não aqueles associados à adoção de inovações.

BURKE & MOLINA FILHO (1976), propõem um novo modelo, com o qual procuram superar algumas das principais limitações dos modelos usuais e de outros propostos por estudiosos da matéria, refletidas hoje através de sintomas de frustrações por alguns técnicos da extensão. Trata-se de um novo modelo conceitual de orientação aos estudos na área de difusão e adoção de inovações tecnológicas ao mesmo tempo oferecendo aos programas de ação,

bases para o seu planejamento, execução e avaliação, e para o treinamento de seus agentes de mudança (extensionista). Constitui-se num modelo com uma abordagem sistemática e que procura dar ênfase à percepção, às decisões racionais e não-adoção por impotência (incapacidade). Tal modelo traz um enfoque dirigido para o comportamento do produtor com relação a incorporação de novas técnicas.

Segundo as propostas da Extensão Rural, a melhoria da produtividade nas atividades agropecuárias e do nível de vida da população rural, depende em parte da adoção de novas idéias e práticas (PDER/84/87). Todavia é necessário saber porque alguns produtores as adotam e outros as rejeitam.

Para alguns autores as respostas para a questão da adoção de inovações tecnológicas estão no conhecimento obtido através de pesquisas. No Brasil são vários os estudos já realizados nesse sentido, concentrados especificamente no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Segundo QUIROGA (1972) fundamentado em Rogers e Shoemaker, as consequências podem ser:

- 1- Funcionais ou disfuncionais, dependendo se dos efeitos de uma inovação em um sistema social são desejáveis ou indesejáveis;
- 2- Diretas ou indiretas, dependendo de as mudanças em um sistema social ocorrerem como resposta imediata a uma inovação ou como resultado das consequências diretas de uma inovação ou ainda, como resultado das consequências indiretas de uma inovação;

3- Manifestas ou latentes dependendo se as mudanças são conhecidas ou não pelos membros do sistema social.

Estas consequências têm orientado a ação da extensão e dos agentes de mudança, que usualmente introduzem inovações que eles esperam sejam funcionais, diretas e manifestas. Entretanto às vezes tais inovações resultam em consequências latentes que são diretas e disfuncionais para os membros do sistema social.

Segundo QUIRORA (1972), fundamentado em Rogers e Shoemaker, as inovações podem ser adotadas ou rejeitadas pelos indivíduos membros do sistema, ou pelo sistema social como um todo. E as relações entre o sistema social e a decisão de adotar inovações podem ser:

1- **Decisões opcionais:** são feitas por um indivíduo sem considerar as decisões de outros membros do sistema. Mesmo neste caso, a decisão individual, é, sem dúvida, influenciada pelas normas do seu sistema e sua necessidade de conformar-se às pressões do grupo;

2- **Decisões coletivas:** são aquelas em que os indivíduos do sistema social concordam em tomar, por consenso. Uma vez que a decisão coletiva é feita, o indivíduo tem pouca alternativa prática de não adotar a inovação;

3- **Decisões autoritárias:** são aquelas impostas sobre um indivíduo por alguém que se encontra em uma posição superior de poder;

4- **Decisões contingentes:** constituem em escolha de adoção ou rejeição que pode ser feita somente após uma decisão sobre a

inovação feita pelo sistema social.

Para BURKE & MOLINA FILHO (1976), a adoção de uma inovação implica na percepção dessa inovação e, em grau variáveis, num processo de aprendizagem. "O segredo do comportamento reside, pois, no sujeito e não no objeto - no agricultor e não na inovação. Pode-se dizer que o sujeito não reage (responde) diretamente ao meio físico e social, mas sim à percepção desse meio. O agricultor não adota ou rejeita uma inovação devido a uma relação causal direta entre inovação em si e seu comportamento manifesto, mas sim devido à maneira de perceber a inovação, inclusive como percebe os eventuais obstáculos à adoção".

QUEIROZ (1985), acrescenta, ainda, que independente da maneira pela qual o indivíduo entra em contato com o objetivo da inovação esta se dá sempre por um processo perceptivo. Segundo este autor as percepções do extensionista e do agricultor em relação a uma determinada prática poderão ser diferentes em função do "universo mental" de cada um.

Ainda segundo QUEIROZ (1985), este universo, no meio rural, onde as comunidades são isoladas do meio urbano por diversas circunstâncias, o cosmopolitismo é essencial para a transformação do tradicional em moderno, o qual tem um papel central no processo do desenvolvimento, e que é através do contato com o mundo diferente que se pode crescer, enriquecer com experiências novas e modificar a tradição.

Diante desta concepção assumida pela Extensão Rural ou seja a existência do setor atrasado e do setor moderno, para explicar o desenvolvimento agrícola, na comunidade em estudo, é que estes entendimentos vêm reforçar hipóteses que condições necessárias as desenvolvimento foram encontradas mas não são suficientes.

Vários autores caminham em direção a revisões, inclusive de conceitos a partir de Rogers, considerado uma das principais figuras no estudo da difusão e adoção de inovações.

Segundo Valkonen citado por BURKE (1976), as pesquisas sobre difusão de inovações têm permanecido ao nível da verificação da associação de variáveis, nos moldes do positivismo clássico, sem penetrar nas causas dos fenômenos estudados.

GALJART (1973), entende que os conceitos "moderno e tradicional" são insuficientes para explicar a presença ou ausência do desenvolvimento agrícola. Segundo este autor a não incorporação de novas tecnologias ao processo produtivo se deve em parte ao condicionamento de três fatores sociológicos que não se excluem mutuamente e que dizem respeito ao produtor. São eles: Ignorância - Impotência - Desinteresse.

- Ignorância - o camponês não detém o conhecimento total ou parcial da técnica, ou seja, não sabe fazer outras coisas além daquelas que tem feito até o momento.

- Impotência - para o camponês faltam lhe condições para execução, embora haja razoável ou avançado conhecimento sobre a inovação, ou seja, ele sabe o que poderia fazer, mas é incapaz de

fazê-lo, quer por razões financeiras, quer por outras razões.

- **Desinteresse** - pode até advir das duas primeiras e pode estar relacionada às características apresentadas pela inovação e pela maneira como o produtor a percebe, ou seja, o camponês sabe o que deveria fazer, objetivamente pode fazê-lo, mas não quer fazer. Certos valores e atitudes o retêm, isto é, ele prefere ater-se a outros valores.

Para GALJART (1973), esta classificação tem relação com os conceitos modernos e tradicionais que, no entanto, adquirem significado diferente, na concepção deste autor:

*"Se ser moderno significa ter capacidade de examinar criticamente cada ação e instituição para ver se os objetivos perseguidos poderiam ser atingidos de outra maneira, esta capacidade sem dúvida alguma depende de conhecimento da possibilidade objetiva de mudar de conduta e da vontade de fazê-lo".*

De certa forma tal concepção apresenta um caminho para programas de extensão. Segundo GALJART (1973), a ignorância por exemplo, pode ser sanada com a disseminação do conhecimento; a impotência, através de medidas estruturais como a comercialização, o crédito rural, a posse da terra, e, o desinteresse com doutrinação cultural.

Para GALJART (1973), existem, a princípio, três vantagens proporcionadas por esta classificação:

- a) Permite distinguir entre diferentes classes de fatores que impedem o desenvolvimento;
- b) Cobrir todos os elementos da situação: os naturais, os estruturais e os culturais;

c) A aceitação da mudança não implica em uma esfera da vida a ser seguida, como se deduz do conceito de "moderno".

A adoção de inovações segundo GALJART (1973), está associada ao SABER - PODER e QUERER. Para haver adoção de inovações o produtor precisa ter: CONHECIMENTO - CAPACIDADE e INTERESSE sobre o que está sendo proposto.

O presente estudo avança em relação aos anteriores ao considerar o significado que o produtor atribui à inovação em termos de suas necessidades e dos objetos de sua orientação (cultural, social, econômico, estrutural e política), elementos fundamentais para apreender as razões da adoção ou rejeição de uma inovação até porque a sociedade rural é heterogênea.

É necessário, ainda, reconhecer as diferenças qualitativas existentes entre a forma de produção camponesa e o modo de produção capitalista dominante visto pela Extensão de forma linear, visando transformar unidades de produção "atrasadas" em unidades capitalistas dotadas de tecnologias "modernas".

Nesse sentido, é importante enfatizar que o grupo de produtor pesquisado não se caracterizou como ignorante, incapaz ou desinteressado. A reação diante das orientações indicam que elas não foram apresentadas considerando a lógica própria de vida do produtor.

## 6. PRODUÇÃO/RELAÇÕES DE TRABALHO E ADOÇÃO DE INOVAÇÕES

### - Perspectivas dos produtores e de suas famílias

Neste capítulo serão discutidos o modo de produção e as relações de trabalho na comunidade do Curiaú: posse da terra, organização e a divisão do trabalho, as culturas e a produção de farinha, os hábitos e costumes, o conhecimento, os traços culturais, relações sociais, necessidades e valores das famílias e a posição dos produtores diante das propostas da Extensão Rural, de suas técnicas e de seus técnicos, e ainda, a visão quanto ao futuro da comunidade, dos jovens e da vida na comunidade, finalizando com a perspectiva extensionista.

A produção camponesa de Curiaú destina-se a suprir as necessidades do grupo familiar, através da produção da roça, em que parte é vendida no mercado para aquisição de bens não produzidos pelo grupo familiar, mas necessários para sua sobrevivência. Este modo de ser do camponês de Curiaú é viabilizado por traços específicos desta comunidade, que se

manifestam através dos hábitos alimentares, domínio de conhecimentos e técnicas, valores institucionais e divisão do trabalho. A forma de produzir dos camponeses desenvolve-se com base em um saber próprio referenciado a valores de uso, o que equivale dizer que seu modo de produção possui uma racionalidade que difere daquela que caracteriza a produção capitalista.

Compreender a racionalidade da produção camponesa de Curiaú é uma tarefa que exige análise de suas formas de produção e do produto que se obtém, uma vez que a comunidade desenvolve atividades produtivas, visando o mercado e outros que geram somente produtos necessários para subsistência, que se caracterizam como satisfação das necessidades mais elementares de alimentação, vestuário e moradia.

A produção em Curiaú apresenta peculiaridades sem similar em outras comunidades. A primeira se refere à posse da terra: a comunidade do Curiaú não tem a posse individual da terra, a terra é coletiva; faz-se demarcação da área total a ser cultivada, e destinam-se as tarefas para cada grupo familiar, de acordo com suas necessidades. Até mesmo pessoas ausentes, mas integrantes da comunidade, recebem a área para cultivar. Outra peculiaridade se dá quanto ao trabalho: a comunidade tem, em muitas circunstâncias, o trabalho e a troca de serviços em várias ocasiões, desde o desmatamento à produção de farinha. Ainda outra particularidade é a utilização da casa de forno que acaba por ser comum, sem necessidade de arrendamento.

### - Terra comum na visão do camponês

A terra, para a comunidade de Curiaú, é um bem comum. Cada um planta o que precisa para ser consumido, no local apropriado. A determinação da posse individual da terra obrigaria o produtor a restringir suas culturas e a limitar outras explorações. Assim, a posse comum da terra é uma forma de exploração integrada ao modo de vida determinado pelos seus padrões culturais, um modo de viver em harmonia com a natureza e garantir a sobrevivência, não só do produtor isoladamente, mas de toda comunidade.

*"Eu acho que é um benefício pra nós, é um benefício porque aqui você escolhe onde você quer trabalhar e lá você faz o seu trabalho e não tem quem vá lhe impedir, e se fosse talvez dividida você tudo tinha que fazer ali dentro daquela área e se por acaso a área não prestasse você tinha que se acomodar lá e aqui não você pode mudar vai pra lá, pelo menos eu tenho roça prum lugar, tenho meu roçado de banana para outro lugar e se fosse as áreas determinadas para cada um o seu, eu tinha que ter tudo lá e vamos se eu pegasse terra firme eu só teria mandioca porque a banana eu não ia plantar". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos).*

a verdade trata-se de um caso "sui generis", onde todos plantam, criam seus animais e pescam. Segundo o seu R. (produtor) "sem render obediência a ninguém". Do contrário, diz seu J.A.:

*"Se fosse dividir eu acho assim que teria muito problemas aqui pra gente da comunidade, porque a gente pode mariscar em qualquer parte, se fosse dividido aí teria muita gente que não ia deixar a gente pegar o peixe, por causa dessa coisa toda, então vejo assim muito mais prático a gente trabalhar assim sem ter incômodo".*

A posse individual da terra representaria uma nova cultura, um novo modo de trabalhar e de viver, o grupo considera a sua

constituição comum acima de qualquer evento que se apresente. As técnicas de plantio propostas, o crédito rural são rejeitados de pronto por violarem este valor da comunidade.

Essas declarações evidenciam que a posse comunitária da terra está perfeitamente ajustada à cultura desses camponeses. Seu modo de vida, a obtenção de seu sustento, suas relações sociais e o seu convívio com a natureza se dão dentro dessa dimensão coletiva. Sem ela, Curiaú perderia a sua identidade, sua especificidade dentro de um contexto cultural maior. A posse privada da terra é um valor da cultura mais ampla que se quer implantar em Curiaú via extensão rural e que significa, para a comunidade, a perda de sua identidade.

A organização do trabalho dá-se de forma tradicional, seguindo os princípios dos mais velhos, de pai para filho, através de um saber próprio, constituído de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores obtidos das experiências no trabalho e na vida. A ajuda dos produtores entre si dá-se em todas as fases do trabalho, desde o preparo da área, colheita até preparo da farinha:

"... olha pessoal, segunda-feira vamos dematar as roças, então quando chegã segunda feira nōs se reune nōs cinco lã, aĩ nōs vamos medir cada qual sua área lã, faz aquela picadazinha aĩ outro marca mais na frente e cada qual marca a sua. Nōs roça tudo junto agora quando nōs termina de rocã e derrubar nōs queima, quando queima aĩ nōs divide, pega-se uma corda ou vara e vai medindo as braças: ver quantas tarefas dã pra cada um. Sō no olho da gente jã tem a base, a gente roça broca, derroba e quando chega fim de mês de outubro a gente taca fogo, aĩ chega o mês de novembro faz a limpeza na área, se jã tã começando a chover aĩ a gente cava que

nós usa o ferro (espeque)... não usa o tico-tico porque aquilo ali a gente não foi muito inviciado com aquele material, pra nós atrapalha; a roça sempre foi no meio do pau. A gente planta por exemplo se eu tenho dez braçadas, hoje nós planta dez braçadas na minha, depois planta dez na do fulano, depois planta dez na do cicrano, quer dizer vai assim até terminar de todo mundo. Nos tratos da planta, limpeza da área, todo mundo participa e na colheita também, continua no mesmo ritmo, um ajuda o outro". (R.A.S., 55 anos, 1 filho).

fundamentalmente, a organização do trabalho na roça se dá com a participação da mão-de-obra familiar envolvendo marido, esposa, filhos, além da ajuda mútua entre produtores, sendo que as regras são estabelecidas dentro da família onde cada um assume sua função. Existe a distribuição das tarefas específicas a cada membro da família. O pai de família toma a decisão sobre o quê, quando, como e quanto plantar. No preparo da área e na colheita a força maior é do pai de família com o filho mais velho e com ajuda de outros produtores. O plantio e os tratos culturais são feitos com a participação da mulher e dos filhos, os quais têm participação na colheita separando as raízes, levando-as em paneiros ou saco de pano, na cabeça, ou nas costas, para a casa de forno.

Na atividade principal, que é produzir farinha de mandioca, cabe ao homem, cortar lenha e preparar o fogo para esquentar o forno. Enquanto isso, a mulher e as crianças fazem o descascamento das raízes. A função da mulher passa a ser diversificada e importante, pois ela participa do processo de ralação, da mandioca utilizando um ralo manual que a condiciona ficar em pé, inclinada para frente perfazendo constante

movimento. Após a relação executa-se a mistura da mandioca colocada de quatro a cinco dias de molho na água com a mandioca colhida no dia da farinhada. Após a uniformização, a massa é colocada no tipiti para retirada do tucupi e do ácido cianídrico. Após ser expremida toda a massa, a mulher a passa na peneira para ser levada aos poucos ao forno onde é mexida continuamente com um rodo pelo pai ou filho maior para obtenção da farinha de mandioca.

No processo de fabricação da farinha, participam outros produtores, abedecendo a um esquema de ajuda mútua, inclusive filho casado, que, às vezes, mesmo ausente em determinada etapa da farinhada, tem os mesmos direitos sobre uma parte da farinha produzida.

"Eu trabalhava com a mulher, era sô eu e a mulher, os filhos tavam piqueno, a gente trabalhava assim: se a gente tinha uma outra pessoa pra trabalhar a gente convidava a gente tinha que pagar ou então a gente falava, trocar dia, você me ajuda hoje, amanhã vou lhe ajudar entende. Reunia 5 - 6 às vezes até 8 - 10 pessoas aí a gente ia trabalhar na minha roça hoje, amanhã a gente ia trabalhar na do vizinho, assim sucessivamente, durante a semana a gente trabalhava naquela e de uma pra outra com isso a gente tinha muito mais lucro, trabalhar assim em mutirão... No caso da dematação eu tinha área pra dematar assim em três semanas e se a gente fazia o mutirão a gente fazia em uma semana e as duas semanas já fazia mais outras. Mas até agora a gente continua, mas a gente faz mais na época da dematação e às vezes também pra fazer farinha bastante. Hoje é mais assim mão-de-obra da farinha, além da esposa tem os filho. Já tem quatro pessoas que me ajuda, vai tudo mundo preparar a área, fazer farinha, plantar maniva, vai tudo mundo". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos).

Ressalta-se que a organização e a divisão do trabalho fundamentam-se no cultivo da mandioca, que define a roça do camponês de Curiaú, tanto que "na falta da mandioca a gente corre o risco de não ter nada". de não poder manter a condição de produtor.

A mulher realiza todos os serviços domésticos, às vezes auxiliada pelos filhos e ainda ajuda o marido em diversas atividades do roçado. A mulher é mais preocupada do que o homem com atividades que exigem controle como a comercialização dos produtos.

*"Eu ajudo meu marido na fadição de farinha, capinação, plantação. Eu gosto porque não estudei pra ter outro diploma, tem que trabalhar e nisso mesmo. Tenho ido a feira só que a gente reclama que se a gente fosse colocar em termos de kilo não dava, a gente vai comprar um kilo de açúcar tá dando setenta cruzeiros, a gente vai vender o litro de farinha tá dizoito, então é isso que a gente olha a ver o kilo da macaxeira tá custando quinze cruzeiro, o tucupi a gente tava vendendo a dez, a diferença é pouca porque a farinha dá muito mais sacrifício pra gente fazer né, muito trabalho e pouco lucro". (L.R., 39 anos, esposa de M.R.C.).*

*"Eu nasci, me criei nesse serviço e tô até hoje graças a Deus e a gente vai lutando de segunda a sexta. A gente vai lutando até pra vender farinha". (E.L.P., 47 anos, esposa de J.A.P.).*

A mulher demonstra, em geral, maior conhecimento do que o marido em questão do preço dos produtos, chegando a questionar a falta de valorização do produto da lavoura, por ser ela quem controla os gastos da família e vende os produtos da roça na feira.

Por fazer parte dos hábitos alimentares de Curiaú, desenvolveu-se um sistema de produção caracterizado por conhecimentos, técnicas e organização do trabalho para o cultivo da mandioca e transformação em farinha e outros derivados. Os camponeses de Curiaú não sentem necessidade de modificar o sistema de produção da farinha mediante introdução de novas técnicas apresentadas pelos extenisonistas. O caráter fundamental de subsistência que envolve a produção de mandioca leva o camponês a resistir à idéia de substituir o cultivo deste produto por outro:

*"Eu não abandono a mandioca enquanto eu tiver vida, eu não abandono porque pra mim abandonar a cultura da mandioca aí já vou ter problema pra sustentar minha família nê, quer dizer a dispesa da casa, mesmo que eu plante o milho, o feijão, mas tem que ter um pedacinho de mandioca pra gente fazer a farinha da dispensa da casa porque pra mim também comprar farinha aí vai dar problema, é minha idéia. Eu acho que a mandioca eu já sei tudo que eu já vi até hoje: acho que já tenho experiência". (J.A.P., 47 anos, 10 filhos).*

A cultura da mandioca e de outros produtos tem um significado importante e ímpar que é suprir o consumo e, mediante venda do excedente, suprir outras necessidades da casa através das "comprazinhas".

*"Eu plantava mandioca - macaxeira - abacaxi - banana - cana - milho e alguns pês de batata, tudo isso como aprendi com meus pais. Hoje eu planto mandioca - macaxeira e abacaxi no firme e na vagia mêtto banana primeiro depois das chuvas mêtto milho. Eu faço a lavoura pra me manter, pro consumo da casa e vender e com dinheiro faço minhas comprazinhas, as vezes até roupa". (J.E.R., 39 anos, 5 filhos).*

O produtor já estabeleceu e fixou o ciclo de suas culturas, a rotatividade das culturas e das áreas e adequou-as às necessidades e se regozija com o êxito.

#### - O plantio

A maioria dos produtores foi procurada pela ASTER-AP, muitos tomaram conhecimento das novas técnicas, ouviram as orientações, porém, não as adotaram. O saber tecnológico adquirido no trabalho e na vida lhes permite organizar-se adaptando-se às condições decorrentes de experiências acumuladas e de suas capacidades econômicas. Todavia, está expressa a vontade de querer fazer algo tido como um sonho: "um dia poder produzir farinha com auxílio da energia elétrica" hoje já existente na comunidade:

"A ASTER que procurou nós aqui pra indicar como plantar em carreira, mas nós planta num sistema assim furado dali, furado da acolá, ela queria só no alinhamento, em carreira. Eu não fiz como ela queria, mas o meu sobrinho fez, mas ele não achou bom porque estragava muita terra tá entendendo, pois é, nós aqui planta no meio do pau, só tira os galhos pra não empatar na capina, não é como se fosse numa terra limpa. Outra coisa que eles queriam fazer com nós era uma casa de farinha só, isso não deu certo pra nós pelo seguinte: po que cê sabe uma roça prum lado uma roça pra outro fica tudo discontrariado. Agora se fosse numa lei, vamos dizer todos os moradores nessa área, aí sim fazia uma casa de farinha, mas nós não se juntamos pra ficar numa área só, porque o mato não dava pra ficar só naquela área, tem que ficar assim mesmo, porque não tem mata pra todo ano desmatar. Os técnicos ainda tentaram, disseram que arrumavam uma carroça e nós o animal, mas não aconteceu porque tava tudo fora de jeito pra nós. Mas isso seria uma boa, mudava e fazição de farinha, porque aí como tem a energia elétrica então funcionava com luz elétrica pra torrar nossa farinha". (F.S.S., 60 anos, 4 filhos).

Este depoimento apresenta como valor a conservação da terra, a proximidade da casa de farinha e a roça por reduzir o transporte e permitir fazer a roça para todos os lados, não havendo necessidade de ter roça num lugar só. A energia seria usada para a "farinhação", atividade sem maior interferência na organização do trabalho, mas que lhe aliviaria o esforço.

Há impedimentos sérios, segundo produtores, para a adoção da técnica recomendada. Houve até quem a experimentasse mas voltou aos métodos antigos:

*"Eu cheguei plantar consorciado, mas o problema que essa minha maneira de trabalhar é muito mais prático e muito mais rápido, e pra trabalhar assim consorciado demoro mais e a nossa mata aqui não é mata mais, é só capoeirão, se a gente demorar muito tempo pra plantar aí cerra de repende a gente não tem nem condição de plantar todo, a gente tem que plantar o quanto mais rápido possível pra evitar que o mato cresça antes da maniva". (J.A.S., 45 anos, pai de 6 filhos).*

O conhecimento do camponês está ligado a um conjunto de traços culturais que emergiram em uma comunidade que se manteve isolada da sociedade urbana e industrial. Em decorrência desta situação, tais traços culturais são formados de valores e costumes diferentes da visão capitalista que emergiu em uma sociedade que se urbanizou e industrializou:

*"Assistência da ASTER passou um tempo, mas eu não fui da plantação deles, levei minha plantação mesmo porque eu achava muito enjoado aquilo na medição nê. Até era na lei, esticava uma corda, mas eu metia tudo avuraçado, assim acho que eu fazia mais vantagem porque se fosse fazer na medição da ASTER nê aí tinha que tirar tudo quanto era pau nê, e no ferro-de-cova não que a gente vai cavando entre meio dos pai e o pessoal aqui atrás vem curtando a maniva espalhando vão metendo, e na medição até medir, depois cavar direitinho, tem que ser*

tudo certo nê, e é isso, eu acho que faço mais vantagem metendo assim avuraçado, então eu acho que na minha técnica era melhor e a maniva desinvuvia melhor no meu dizer e até hoje faço meu plantio no meu sentido de serviço que aprendi com meus pais". (J.E.R., 39 anos, 5 filhos).

Segundo alguns camponeses, plantar em fileira dupla conforme orientação dos técnicos provocou resistência por parte dos produtores que trabalham em forma de mutirão (pisurum), interferindo, portanto, numa manifestação cultural indispensável, em dadas situações, para o desenvolvimento da produção camponesa, em que procuram trabalhar próximos uns dos outros. Se fosse plantar em linha "ficava um aqui outro acolá", e uns parados esperando a medição, "perdendo tempo". A prática da medida por braça, dava ao produtor, num lance de olhos, a área necessária e a quantidade de maniva a ser usada e a produção a ser obtida; mudar esta forma de cultivar implicaria em mudar um costume e uma prática "aprendia com meus pais", traço cultural constituinte de vida da comunidade. O aumento de produção não está inserido nesta forma de trabalho, que é diverso da lógica capitalista que informa a extensão:

"...quando era pra fazer plantio antão, até isso acontecia que depois que nós começamos a querer mudar esse negócio de passar a plantar em fileiras foi uma das formas que acabou o mutirão por causa que si você convidasse uma família inteira pra plantar uma roça, você conforme a família você tirava de umas 15 até 30 braçada de maniva, você conseguia meter tudo naquele dia, porque você era com ferro não tinha aquela dificuldade de ficar fazendo as coisas direitinho, nê, você fazia da sua maneira avulso aí a importância era acabar a maniva que tinha tirado e quando passou a ser esse trabalho em termo de fazer mutirão, mas fazer tudo na tecnologia as pessoas não tinham paciência e

*preferiam não ir pra não aceitar aquela talvez aquele aborrecimento de ficar fazendo as coisas perdendo tempo". (S.M.S., 31 anos, pai de 3 filhos).*

Na medição da área o produtor utiliza a braça, própria para estabelecer juntamente com os demais produtores, o tamanho da roça para cada um. O modo de plantar tradicional em que todas as pessoas tinham atividade todo o tempo, dando consistência ao mutirão, é contrário à forma proposta pelo técnico em que várias pessoas ficam paradas por um bom tempo.

Ao introduzir novas técnicas de cultivos, os extensionistas introduziram, também, uma nova forma de medição da área: o hectare. Apesar de ser, aparentemente, uma inovação simples, tendo como referência os padrões culturais do extensionista, ela significou para os produtores de Curiaú um transtorno no desenvolvimento de suas atividades. Assim, a noção de dimensão que possuíam só podia ser expressa por esta medida que, através do uso constante, lhes permitia, quando necessário, fazer estimativas a olho. Adotar o hectare como medida seria redefinir todas as referências mentais que possuíam sobre dimensão e, assim, rejeitaram a medida introduzida pela extensão e a técnica que a incluía:

*"... a gente, não costuma medir, a gente só bota assim pega uma vara que a gente chama de braça, a gente bota 25 braça em quadra, uma braça nossa vale mais de 3 metros é uma pessoa em pé com o tecido assim pra cima, corta lá na ponta, a gente botava até 50 braças em quadra... agora entrou a ASTER Amapá dá um tá de hectária mas é em metro e eu trabalho braça aí eu confundo, antão a minha é essa". (J.T.R., 73 anos, 17 filhos).*

O produtor sempre plantou em área de várzea enquanto que o técnico orientava a plantar em área firme. Segundo o produtor, a orientação era dada fora de época, quase imposta, e "quando chagava o verão morria tudo".

"A única informação que a ASTER trouxe pra mim foi uma planta de seringueira e eu tentei 3 vezes, mas quando eles traziam a seringueira as vês eu tava com uma área como tá essa aqui, inclusive ainda tem até um pé ai, tava cerrado quando chagavam como o senhor chegou agora, chegava logo com a muda eu digo olha rapaz eu não tenho área pronta, mas ele insistia pra mim enterrar ai, eu enterrava lá e tal e ia trabalhar na área, plantada as vês já no começo do verão aquelas já muito mal passadas ai eu plantava ficava molhando até aquela época as vez ela rebentava botava o espigão zinho desse tamanho. Ai o técnico vinha dava uma espiada e dizia: não isso daí tá feito pode deixar que ela não morre, digo, ela vai morrer no verão que não deu tempo de enraizar né, e chegou no fim plantemos duas vês ai não grelo e não deu resultado. Então ele queria que eu adotasse ai eu não concordava porque eu achava que dava prejuízo, porque eu não tinha aquela ideia que ia me dá resultado". (M.R.C., 41 anos, 9 filhos).

Além dos problemas pertinentes à não disponibilidade de obter as mudas para o plantio na época apropriada, esta declaração ilustra que não há, segundo o produtor, uma preocupação do extensionista em compreender a lógica do camponês, fundamentada em conhecimentos oriundos do convívio de várias gerações com um ecossistema específico. Ao agir deste modo, a extensão nega os conhecimentos culturais da comunidade e impõe o seu conhecimento. É neste tipo de relações rígidos e verticais que, segundo FREIRE (1979), vem se constituindo historicamente a consciência camponesa, como consciência oprimida.

Ainda com relação à área de plantio observa-se que, por tradição e conhecimento do camponês, em área de mata recém derrubada, "a produção é melhor, além de não cerrar muito como na capoeira"; hoje devido às constantes "derrubadas", "as áreas de mata estão ficando escassas sobrando só áreas de capoeira" que são menos produtivas, e exigem capinas e maior esforço para cultivá-las. Dessa forma não dá para aumentar a área de cultivo como propõe o técnico, além de que a produção de farinha mantém-se equilibrada:

*"... antigamente você tirava muito mais produção porque as terras estavam descansadas que se chamava mata virgem então você plantava, além da terra mais produtiva, e você tinha mais descanso no seu trabalho porque você pouco capinava, você dava uma capinação, você arrancava quando chegava na época a roça tava limpa. Hoje você trabalha em capoeira cria muito tomate, você capina três vezes e quando você vai arrancar tá no cerrado e aí não desenvolve a produção, mais pra você fazer uma área hoje maior você tem que ter de qualquer maneira um empregado pra trabalhar com você porque você e sua família... não dá conta de aumentar sua área numa época de hoje, trabalhando numa área de mata que se chama capoeira". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos).*

*"Antigamente tinha mais mata e o povo era mais pouco no Curiaú, já hoje não, o povo cresceu e a mata diminuiu". (J.M.S., 88 anos).*

#### - Visão tecnológica do produtor

O resultado na aplicação da tecnologia (PINTO, 1984) é determinado pelas relações de produção, portanto, abstrai das relações de produção que determinam historicamente o significado do conjunto tecnológico. Significa perder a possibilidade de compreender a geração e a dinâmica do processo tecnológico, pois

quando se abstrai a tecnologia da totalidade concreta na qual ela foi gerada e se pretende transferi-la a outra, vários podem ser os efeitos produzidos, alternada ou concomitantemente:

a) A rejeição da tecnologia-produto: produz-se uma resistência ao elemento proposto por não estar inserido nem no conjunto de forças produtivas nem na organização da proposta.

b) Quando há aceitação, pode dar-se a destinação da forma de produção, pelo fato de a tecnologia requerer diferentes relações de produção ou persistindo as formas destas relações, serão redefinidas essencialmente. O produtor de Curiaú assim expressa essa concepção:

"... bem a tēcna no princīpio foi com o meio pai mesmo, depois com a Aister entrando na comunidade aī jā foi modificando algumas coisas que a gente tentou adotar, mas viu talvez que não fez efeito aī voltou para o que era da maneira que eu aprendi até hoje ... Eles (os tēcnicos) chegaram conversando com a gente que deveríamos nōs mudar nossa maneira de plantar pra tentar ver se aumentava a produçāo, mas isso foi teoria nē, que depois de conversar foi que tentamos levar para lavoura e eles mostrar na prática pra ver como era que poderia aceitar a tecnologia de Aister na época, mas, foi que teve um motivo muito sērio, porque vocē adaptado com uma cultura e fazendo da sua maneira e de repente mudar imediatamente pra uma tecnologia que vocē não conhece a gente perdeu tempo pra fazer talvez as coisas errada, pra fazer as coisas da maneira que eles tinha que ser, a gente as vez perdia tempo porque ficava esperando que o tēcno vinha para orientar, pra ver se não tava errado. Isso aconteceu muito, então nōs achemos que foi até uma forma que no fundo que atrapalhou as vez até o desenvolvimento do nosso trabalho, porque tinha que mudar imediatamente duma coisa que a gente jā conhecia, tinha base pra uma coisa que a gente ia tentar fazer pra ver se ia dar rendimento, mas vocē parar por exemplo vocē plantar mandioca do jeito que a gente plantava e que até agora a gente ficou, pra vocē plantar em leira ou então mudar

pra plantar de enxada isso foi uma forma que não deu certo, porque aqui como você sabe a gente trabalha nas matas, pra plantar de enxada a mandioca se tornamuito difícil por causa das raízes. Então a gente tem a tecnologia de cavar com ferro que se chama ferro-de-cova e que é muito mais rápido e com a tecnologia não, a gente tinha que plantar em leira, em fileira dupla ou então só uma fileira, aí você tinha que começar daqui até o fim da roça pra tornar a voltar, então a gente achou que perdia tempo". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos).

O produtor considerava o seu modo de plantar "uma tecnologia de cavar com ferro" e a equiparava a outras propostas pela extensão. No seu julgamento a sua é melhor por razões várias e inserida no seu modo global de produção e organização do trabalho.

#### - Assistência técnica da ASTER na expectativa do produtor

Em termos de orientação técnica, as expectativas do produtor foram muitas vezes diversas daquelas propostas pelo extensionista:

"Eu achava que Aister trouxesse uma agricultura, em termo de plantar cajueiro, uma laranjeira em cima daquela capoeira, a mandioca aqui nós não carece, isso já sabia, a gente pensava na época que eles iam dar uma orientação que fosse evoluir a nossa mandioca, mas não, dava no mesmo. Eles trouxeram uma diferença, mas só em organização de fila, diz que ia ensocar (engrossar a raiz), mas não sei o quê, aí tinha que plantar tudo em linha né, tudo organizado, nós fura a terra tudo avuçado porque é aquele o nosso sistema né, eles diziam que o deles dava mais soca, nós fazemos o teste saiu a mesma coisa. A gente tinha que ter aquele trabalho de tirar aqueles pau e até hoje a gente planta no meio dos paus porque nós vamos precisar daquela madeira para fazer a farinha". (M.R.C., 41 anos, 9 filhos).

Várias outras orientações técnicas foram persistentemente trabalhadas pelos extenisonistas com o intuito de fazer o produtor adotá-las. Observa-se que, no entanto, o produtor apenas despertou interesse para aquilo que ele pôde usar e teve disponibilidade, de forma que o fato de querer introduzir uma nova tecnologia para melhorar o desempenho do produtor, passou a se constituir problema para o produtor e para o técnico:

"A gente observou que nuns anos atrás o Merê (técnico) veio aqui com o problema da saúva, quer dizer foi um ponto que a Aister trouxe aqui, deu até uma voz ativa, o problema do combate a saúva. Então só que pra nós não foi bom por uma parte, porque na hora que terminou o curso a Aister - o técnico recadou tudo o material e não deixou nenhum material desse pra que nós ficasse combatendo a própria saúva. Aí ela levou todo o material, só quando nós tava fazendo o curso nós tinha esse material quer dizer nós não ficamos com esse material aqui. Quer dizer que foi bom pra nós por um lado, mas não foi bom porque não ficamos com o material pra que ocninuasse a matar". (R.A.S., 55 anos, 1 filho).

A mesma situação se configura para um pequeno número de produtores que teve orientação sobre pecuária, sendo que além de esperar pelas benéncias da natureza com sua oferta de pasto nativo, o produtor resolve chamar o técnico apenas quando se defronta com um problema:

"...tô aí com problema com o gado que está sendo uma perca danada, o gado deu pra comer plástico, eu só tô deixando enxugar o curral que eu quero chamar um técnico aí para ver que maneira a gente pode meter uma vacina nele pra desenvolver, porque sinão tô frito". (J.A.P., 47 anos, 10 filhos).

Os produtores não são favoráveis à metodologia usada pelos técnicos, que segundo eles, passavam as orientações através de reuniões.

*"Aqui a assistência dos técnicos era mais reunião do que visita, a agente conversava, eles explicavam como era que a gente ia fazer, mas na minha opinião o técnico tinha que ir mais na roça, porque na roça ele estava vendo como era nossos trabalhos, lá ficava muito mais prático ele ensinar lá na área de trabalho". (J.A.S., 45 anos., 6 filhos).*

Esta situação em reunião não era prática, o produtor esperava que o técnico, ao entrar em contato com o serviço na roça, apresentasse soluções para desenvolver um trabalho menos árduo, razão pela qual quando a orientação acontecia na roça era igualmente rejeitada por "não ser prática".

#### - Casa de forno do Camponês

Apesar da orientação do extensionista ser no sentido do produtor melhorar sua casa de farinha adotando instrumentos com melhor rendimento e ganho de tempo na fabricação da farinha (caetetu motorizado, a prensa), porém, até hoje se usam os mesmos equipamentos por serem "mais práticos" como no caso o tipiti, de uso mais fácil inclusive pela mulher, e por exigir só uma pessoa no seu manejo:

*"...é o mesmo nível a mesma situação, como nós usava antigamente, até hoje nós ainda usa as mesma coisa: forno de cobre, o ralo, o Tipiti. A prensa nunca tive por causa que a prensa tem uma dificuldade de você trabalhar, você tem que deixar a massa prensada pra fazer uma quantidade da farinha e no Tipiti a gente tem uma forma que você, duas pessoas você trabalha folgado porque você tá no forno, a sua mulher ela consegue*

fazer o trabalho de discascar e espremer a massa sozinha, porque o Tipiti é coisa leve, uma coisa maneira e a prensa é uma coisa pesada pra botar a massa, as vês é preciso duas pessoa que é trabalho com pau e outras coisas e no Tipiti não, e ainda tem mais uma outra coisa por a gente usar o Tipiti é pra tirar o tucupi e na prensa é mais difícil de você tirar, porque você tem que botar numa saca que já vi, já tive observando, por causi de eu passar a usar uma prensa tive que ver como era e achei que era uma dificuldade porque eu faço três fornadas de farinha no dia que se ckama 45 kg de farinha no dia no tipiti, mas se for na prensa eu posso não fazer porque eu vi que mais mão-de-obra". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos).

#### - Assistência da área social na visão do camponês

A ASTER hoje EMATER-AP, desenvolve a assistência social sobre os aspectos: saneamento básico, saúde, alimentação, organização de grupos de produtores, senhoras e jovens.

Há outras instituições que prestam orientação e assistência à comunidade. A Secretaria de Saúde doou lajes e madeira para construção de sanitários com lajes de concreto.

Todas as famílias receberam orientações das extenisonistas. Algumas, no início, chegaram a segui-las (fabricação de doces e uso de água fervida) mas, em seguida, alegando vários motivos, voltaram aos seus costumes:

"Ela andou aĩ fazendo um doce de manga, ela ia voltar dispois nunca mais voltou, que ela vinha passar a fazer, dar um curso de doce, mais daí abandonaram não vieram mais, sô de manga que ela ensinou, mas eles nunca mais de dedicaram a fazer, ninguém mais faz". (R.L.P., 47 anos, esposa de J.A.P.)

"Ela orientava pra consturar e outras coisas nê, ela dava orientação pra donas de casa como era que devia fazer, ela falava da água que tinha que ser frevida, eu própria mesmo, sai fora dessa religião, nunca usemos

água ffevida, agora se passa ela no pano; não se enterra o lixo, se faz um montoro e se joga lá trás; nossa serventia se usa lá fora não mudou nada desde o nosso início. Hoje não vêm mais, não tem mais mulher. Aí certas coisas a gente saiu por fora do trato que ela falou porque não pegou, mas não porque não foi orientado é porque nós prefere fazer como nós vinha fazendo sempre". (J.T.R., 73 anos, 17 filhos).

Enquanto a extensionista estava na comunidade tinha seus seguidores, faziam o que ela dizia, quando foi embora, "continuamos do nosso jeito". O fazer doce é uma atividade dos outros, "eles nunca mais se dedicaram a fazer", é portanto uma atividade que não faz parte do ser na comunidade e que não interferindo nos costumes podia ser adotada ou não.

#### - Crédito rural

Há insegurança em assumir compromissos com o Banco devido às taxas de juros. O medo de assumir dívida e de não ter como pagar afasta os produtores com relação ao crédito rural. Os depoimentos deixam claro uma reação à inserção de uma cultura maior e um julgamento de quem conhece a situação:

"... fui numa reunião lá ele (o técnico) tirou meu nome que nós ia fazer um empréstimo no banco e quando foi um dia fui chamado pelo rádio pra ir lá com ele, mais aí eu criei medo, achei qe o juro do Banco era muito e não meti a cara, talvez fosse a melhor oportunidade que eu perdi, podia ter tentado a pecuária. Eu tinha medo assim de trazer os animais e ficar numa situação difícil dever até a cabeça e não ter iscondição de pagar, ai eu disse eu vou sair dessa, ele (técnico) ainda insistiu mais eu disse não, não". (J.A.P., 47 anos, 10 filhos).

O crédito serviria para sair da atividade da farinha para criar gado, atividade nova e de risco que não estava disposto a correr. Pela narrativa não houve discussão do significado do crédito. O produtor foi direto ao problema: empréstimo bancário deve ser pago com juros, e concluiu que não poderia assumir aquele compromisso.

#### - Comercialização

Quanto à comercialização de produtos, principalmente da farinha de mandioca, têm-se três momentos distintos:

- 1º) O produtor submetia-se à relação de troca; entregava a farinha e recebia açúcar, café, charque, querosene e sal;
- 2º) O produtor passou a receber dinheiro pelo produto, pela avaliação do comprador. Com o dinheiro comprava o que desejava em outro comércio;
- 3º) O produtor passou a vender o produto pelo preço estabelecido na feira do produtor e, às vezes, chegando a discutir preço com outros produtores:

*"Quando eu fazia assim farinha bastante, eu vendia mesmo lá em Macapá às vezes também pro comprador que vinha comprar aqui mesmo. A gente levava nas costas ou de bicicleta. Lá a gente vendia pro A.P.A., ali o B., era essas pessoas que compravam a nossa farinha, comprava banana, cana. Sobre o preço isso que era incrível que a gente levava uma quantidade de farinha, chegava lá e o comerciante dizia: olha eu só posso pagar se for a tanto e eles é quem davam o preço porque a gente pra dá preço aqui eles diziam; Ah! mas não dá por esse preço, só dá pra mim comprar, se for tanto e o senhor sabe como é, quando a gente sai com o produto do interior a gente já vai com aquilo certo que é pra comprar, já tem a base mais ou menos: vou vender essa*

quantia de farinha que dá pra mim comprar aquilo que a gente tá precisando. Então às vezes a gente tinha que chegar no que eles queriam mesmo, eles é quem davam o preço, só dá pra mim pagar tanto, o preço que vocês querem não dá, e as vez a gente já tava até com o produto lá, porque as vêz tinha o caminhão da linha, teve uma época aí que a gente teve o caminhão da linha, aí a gente fazia bastante farinha e levava pra essas pessoas (comerciantes), eles compravam e as vez a gente até trocava em mercadoria, eles às vezes falavam: olha só dá pra mim ficar se você levar a metade em mercadoria, a gente pra não perder né, a gente tinha que trazer mesmo a mercadoria em troca". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos)

O comércio passou a ser um primeiro elemento de contato dos produtores de Curiaú com a nova lógica de produção: a exploração do trabalho mediante a desvalorização do resultado dele: o produto. A troca por mercadoria representava sujeição à vontade do comerciante, comportamento que os camponeses relutavam em se sujeitar: "a gente tinha que chegar ao que eles queriam".

Diante dessa situação de comercialização dos produtos agrícolas, o Escritório Local de Macapá - ASTER-AP, passou a desenvolver uma discussão sobre algumas alternativas para comercialização em conjunto, em que os próprios produtores pudessem vender diretamente ao consumidor. Foi feito um levantamento nas comunidades do potencial de produtos agrícolas existentes e comercializáveis. Deparou-se com o problema da falta de transporte. Com a disponibilidade de produtos oriundos de outras comunidades do interior do estado e do interesse dos produtores, procurou-se a Secretaria de Agricultura - SEAG, que mantinha regularmente caminhões para transportar produtos para a capital. Resolveu-se montar um calendário, colocando um maior

número de caminhões na linha, viabilizando então o transporte (nas sextas-feiras) de produtores com seus respectivos produtos surgindo, assim, a Feira do Produtor Rural em Macapá.

Com o advento da feira, o produtor passou a vender diretamente ao consumidor produto que anteriormente não tinha "saída":

*"A feira veio ajudar porque primeiro o tucupi a gente não aproveitava, agora a gente aproveita o tucupi, a tapioca (goma), tudo a gente leva pra feira e vende, macaxeira, abacaxi, antigamente a gente só tirava o tucupi se o cara viesse encomendar. A gente leva até 40 - 60 litros de tucupi e ainda tem gente que vem comprar aqui mesmo". (T.C.S., 36 anos, 3 filhos)*

Considerada boa por uns, no entanto alguns produtores logo se deram conta de que a feira tinha como objetivo principal satisfazer o mercado e não aos produtores, razão pela qual passaram a não se utilizar dela. Vendiam a domicílio, cobrando pelo serviço de entrega. O produtor tinha conhecimento do processo de comercialização e da relação que se estabelecia entre as partes:

*"Nós vende a farinha em Macapá a maioria nós leva lá, esse meu filho nós levamos, nós vende no preço da feira, sai até mais barato às vezes, porque nós não vende a litro a gente vende a quilo, vinte e cinco cruzeiros, a gente agora tá levando de ônibus, primeiro a gente levava de bicicleta eu cansei de levar, às vezes eu levava alqueire e meio de farinha ia bater lá no Tecido do Povo, agora a gente leva de ônibus, mas tem dia que tem motorista que não quer levar, só falta a gente cair do ônibus pra saltar". (R.L.P., 47 anos, esposa de J.A.P.)*

*"Olha eu dificilmente entreguei para marreteiro ou para atravessador eu fui uma pessoa sempre muito conhecida dentro de Macapá. Toda minha produção eu só entregava a*

domicílio como até hoje ainda continuo fazendo levando de bicicleta nas casas até hoje. Há 17 anos eu tenho um contrato com uma família de levar tudo que eu tenho pra essas pessoas. Sobre o preço eu não exploro os meus amigos e nem eles me exploram, a gente se baseia, se o preço no mercado tá de uma forma, eles já me dão uma gratificação de entregar na casa deles. Eu me baseio pelo preço de mercado de Macapá - preço da Feira do Produtor, porque na verdade eles mesmos compram de mim mas vão comprar coisa na feira do produtor e ver o preço lá. Antigamente não era assim, verdade que não, eu me baseava no preço de comércio, se o comércio estava vendendo, eu vendia pra eles no mesmo preço, só que pagando como eu lhe digo a gratificação de eu entregar na porta". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

Com a criação da feira houve melhoria dos preços. Conseqüentemente para obter a mesma quantia em dinheiro o produtor não precisava aumentar sua produção, mas procurar vender melhor. Para o produtor, aumentar a produção implicava em aumentar a área, portanto cultivar em capoeira, o que representava contratar mão-de-obra e ter mais trabalho.

Com a venda dos produtos, o produtor mantém a família. Sua produção está orientada para obter, através da roça, produtos suficientes para satisfazer o consumo da casa e para garantir a continuidade da produção.

Houve época em que a alimentação era à base de caça e pesca e a produção agrícola tinha caráter de suplementação eventual. A produção está atualmente sendo necessária devido à falta da caça e da pesca, que continuam sendo, no entanto, alimentação básica:

"Com a renda da farinha a gente vive sim, porque pra gente que é acostumado assim com pouca grana, com pouco dinheiro, agora pra quem tá acostumado com muito dinheiro ele acha que a gente não vive aqui no interior. Tem pessoas que acha que a gente só da agricultura a gente não vive, mas vive sim, o problema

é que o interior é diferente da cidade né, a gente, as vez com pouca coisa a gente tem menos gastos, a gente economiza muito, a gente compra o que é necessário lá na cidade, outras coisas aqui a gente deixa de comprar porque a gente produz: a farinha, a banana, a gente invés de comprar o pão a gente tem a macaxeira, tem a banana mesmo a gente faz o mingau pra criança, tem criação, a gente tem porco, tem galinha, tem pato, essas coisas tudo a gente evita, pega o peixe aí no lago isso tudo aí tudo é uma economia que a gente faz, invés da gente comprar a gente faz, a gente já tem aqui no terreiro. Se a gente tivesse na cidade esse dinheiro que a gente tem que tirar todo dia pra comprar o pão a gente já economiza, tem a tapioca, tem a crueira que a gente faz o mingau que a gente tá acostumado é muito gostoso, tem a macaxeira faz o bolo..."(L.A.S., 45 anos, 6 filhos).

"Antigamente às vezes a gente ia mariscã, aquele outro tempo era outro tempo né, ia mariscã se pegava peixe e ia passando a vida assim, as vez quando não pegava a gente tinha um bicho, algum porco, uma galinha a gente quebrava o galho em casa, era difícil naquela época ir mariscã e não pegava sua bóia pra trazer pra manter dentro da sua casa, mas agora muitas vez você roda o dia e tem o peixe, mas o peixe não é besta de sair de dentro do mato. tinha porco-caetetu, viado, se tupava guariba, paca. Hoje a alimentação aqui tá meio dificultoso. Acho que ficou assim por causa que a população e o pessoal não tem uma controle sobre o marisco, tem gente que vai de dia quando é de noite já vai descendo com a lanterna, ainda pra mais com aquele farol de bateria, aquilo vai alumia lá pro fundo, o peixe vai escaviando mais, né. Naquele tempo as vez meu pai as vez quatro horas daqui e batia a mão na linha com anzol dele quando era 6 ou 7 horas da manhã ele tava chegando com 4 pirapitinga, mas pirapitinga daquelas, aquele tempo dava gosto, mas hoje em dia não dá. As vezes ele chegava uma hora dessa da roça, três e meia ele as vez trazia o peixe dele, trazia a açã, naquele tempo não maçadeira, aí minha velha mãe, minhas irmãs pulavam aí uma ficava cuidando do peixe outra do ação, era rápido". (J.E.R., 39 anos, 5 filhos).

"Antigamente a gente pra pegar o peixe era muito mais fácil, mas rápido, se a gente fosse em qualquer parte aí no lago a gente conseguia. É que depois que a população cresceu teve esse negócio de gado búfalo, isso é danado pra espantar o peixe, estes esbandalham mesmo a casa do peixe, mas não tá tão difícil assim, se

a gente se virã um pouco ainda dã pra pegar o peixe. A caça ficou um pouco assim, desapareceu a caça, veio barulho também, a estrada essa coisa toda que antes pelo menos aqui no Curiaũ a estrada chegava atẽ aqui na beira do lago pra trãs, agora jã tem esse movimento todo aĩ, essa mata aĩ, a gente entrava a gente tinha cachorro também caçava, nessa época das águas cheias era fácil pra gente pegar paca, tatu, cotia, essas coisas tudo era muito fácil pegar, veado mesmo ficava cheio, ficava nas tronqueiras das árvores, era fácil, mas hoje é difícil". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos).

A generosidade da natureza, oferecendo caça e pesca à vontade e em abundância, começou a se reduzir, exigindo trabalho para prover a família de alimento. A vida, no entanto, pautada nessa abundância estabeleceu um modo de integração que aos poucos passou a ser invadido pelo ambiente urbano e que por certo determinará mudanças em Curiaũ, já pressentida por muitos, mas não aceita.

#### - Habitação

Todos os moradores de Curiaũ até a década de 70 tinham suas casas cobertas de palha de bacaba, buçu ou buritizeiro, com paredes de miriti ou carana ou ainda parede de barro, assoalho de juçara de açazeiro com poucas divisões internas, com assoalho suspenso para abrigar, em baixo, os animais domésticos: porco, galinha, pato, cachorro e outros.

As influências, inclusive as trazidas por instituições de governo, mudaram o estilo das casas e embora tenham proporcionado segurança, trouxeram desconforto:

"... achei que a gente deveria mudar por causa de que a gente trabalhava só com negócio de buriti, juçara de açazeiro, então gente comprando a madeira achei que a gente evoluía melhor, ficava com uma dormida melhor, as vez de dois em dois três anos tinha que cobrir quando era de palha rē, e a dificuldade da palha. Eu mudei, mas, tô arrependido de ter butado isso em cima de minha casa (telha de brasilit), porque é muito quente no verão aqui, de inverno mesmo quando tá sol é quente. Eu já tinha casado, a minha casa mesmo era de juçara, buriti, coberta de palha eu achava tão ventilada ela era toda vedada e que a gente podia tá dentro de casa, de noite tava claro se enxergava tudo, de dentro de casa mesmo e até hoje praticamente eu não tô acostumado dentro dessa casa fechada". (M.R.C., 41 anos, 9 filhos).

A mudança ocorreu pela substituição da palha pelo amianto, sem que a casa tivesse estrutura para suportá-lo e levou ao desconforto. A necessidade de segurança (proximidade com a cidade) impõe um novo padrão de morada para que não seja a casa invadida. As mudanças adotadas foram aquelas que não interferiram no moço de produção e nas relações sociais na comunidade.

#### - Formação do filho

O estudo é uma possibilidade para o filho deixar a roça que, contraditoriamente, tem ligação com o passado (valor afetivo); tem que deixar a casa se quiser conseguir alguma coisa, que, segundo os produtores, não se consegue na roça. Para o produtor, ele não tem o que aprender ou fazer, mas os filhos poderão tomar os caminhos que quiserem.

A escola está comprometida com outros valores que não os da comunidade. Não se interessa pela comunidade. A função da escola

é muito restrita, é só para "ensinar a assinar o nome" e para uma função geral mínima que é "desemburrar":

"Eu acho que eles tem que escolher o que eles querem da vida, porque eu de estudo eu tive muito pouco, falei que estudei até a 5ª série primária, mas se no caso, se possive se eles tiver vontade mesmo de estudar eu acho que eles tem que escolher o que eles querem eu não vou brigar com eles ficar aqui na roça, se depender de mim eles vão estudar mesmo, que eu tô disposto a ajudar a estudar porque da roça a gente não ganha nada a gente ganha porque a gente nasceu, se criou aqui dentro da roça, a gente ganha daqui da roça mesmo, mas se eles puder estudar mesmo, continuar os estudos deles, eles vão estudar, aí vão escolher o que eles querem eu não vou brigar (obrigar) eles a ficar trabalhando na roça todo tempo, vai depender deles, do esforço deles". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos).

"Numa época apareceu o pessoal da secretaria dizendo que tem um setor do Governo que considera o Curiaú como uma terra agrícola. O jovem que não quiser seguir carreira fica dentro do Curiaú, mas tem jovem aqui que não sabe fazer farinha. Eu não vou mentir vou falar a verdade. Acho que era para os professores tirar um dia da semana pra levar os próprios alunos, as crianças para ver aquelas casas de farinha, mas só que aconteceu isso por uma ou duas vez não aconteceu mais, quer dizer ela não tá com tanto interesse assim em cima da comunidade, apenas dá pra dizinvolver muito deles a dizimburrar, assinar o nome mesmo". (R.C.L.F., 44 anos, 6 filhos).

A escola é a porta de saída e o produtor vê sua comunidade se esvaziar, sua cultura e seus valores acabando. O fato constatado é que os jovens não sabem fazer farinha e nem se interessam e a escola, que poderia ser a restauradora da cultura, acaba não fazendo nada de importante. A criança ou "desimburra na vida que nem eu" ou tem de ir para a escola, que não tem interesse pela comunidade.

A pouca confiança na escola e nos ensinamentos vem do conhecimento que o produtor detém e do que ele sente como necessário para a educação: conhecimento do real, concreto vivencial e não "importado".

"Uma vez tô espiando o trabalho duma minina que eu tenho de sete anos, tã escrito: uva, babaçu e outras coisas lã, eu achava que não deveria tã escrito essas coisas no caderno dessa minina, porque sô tã escrito a palavras, nê, tã escrito babaçu mas ele não conhece ele sô conhece no caderno, eu acreditava que deveria tã escrito aqui as coisas da nossa região, ai ele sabia se explicar com aquele tipo de coisa, mas vem coisa lã do sul, uma criança daqui do Curiaú ainda não passou ele vai saber explicar? (M.R.C., 41 anos, 9 filhos).

O produtor faz aí um anúncio de uma pedagogia que poderia salvar a comunidade, no entanto, a escola insiste no contrário.

Alguns pais estão mandando seus filhos para estudar em Macapã devido não haver no Curiaú o 1º grau completo e por ser o ensino atrasado, além de outros problemas. A preferência, no entanto, é que houvesse escola de 1º grau na comunidade para que os filhos pudessem estudar e trabalhar ao mesmo tempo:

"... olha hoje os meus moleques estudam jã na cidade aí a gente vai aplicando, fazendo uma multiplicação e dividindo entre a despesa. Tenho nove filhos, a maioria tã na cidade, tem 5 na cidade, eles foram pra lã porque aqui vai até a 4ª serie. Se tivesse a 5ª série aqui eles estavam continuando aqui porque me favoreceria vários tipos de coisa, porque eles estudavam, vamos dizer ia à tarde, ficava dois em casa e os outros estudavam de manhã. Antão se dependesse de mim eles ficariam aqui". (M.R.C., 41 anos, 9 filhos).

"... tenho dois filhos na escola, em Macapã, foram pra lã porque o ensino daqui sei lã, é muito atrasado". (J.S.O., 34 anos, 5 filhos).

A presença da escola de 1º grau de 1ª e 8ª série é fundamental para a continuação da vida e da comunidade. Os jovens que ainda estudam em Curiaú com idade de até 14 anos se despertam para os mesmos interesses dos pais, inclusive para continuar trabalhando no serviço da roça. Segundo Handerson, citado por MATTIAZZI (1974), "para os sujeitos de 14 anos o pai é ainda um modelo tão importante que exerce sobre os interesses do filho uma influência proporcional ao grau de identificação do filho com o pai". O contrário acontece com os jovens com idade acima de 14 anos, principalmente aqueles que necessitam ir para Macapá por vários fatores já citados anteriormente. Seus interesses divergem dos interesses dos pais. Geralmente aqueles que estão indo para Macapá para estudar não voltam para a comunidade, estão deixando de trabalhar a terra herdada, é um anúncio do fim, "pois acaba tudo". Os mais velhos querem continuar vivendo em Curiaú, ao contrário dos jovens que deixam o meio rural. Os mais velhos têm compromisso com a terra, enquanto os mais novos estão interessados em deixar a vida, o passado, os próprios pais:

*"... o meu marido diz que ele sai daqui sô morto, Deus o livre se a gente sair daqui acaba tudo, a gente tá lutando enquanto existir gente no mundo, a gente tá lutando muito, foi uma herança desde o começo do mundo que vai ficando um pro outro enquanto existir geração".*  
(R.L.P., 47 anos, esposa de J.A.P.)

#### - O produtor de Curiaú diante das inovações

Há razões diversas, segundo o produtor, para não adotar as inovações, independente das novas técnicas e da necessidade de

mudar: condição financeira, risco que corre em adotar, o esforço dispendido com a atenção contínua e o apreço à integridade física determinam a não-adoção, bem como o desejo em receber de graça os equipamentos. O produtor concebe, ao contrário da extensão, a produção de farinha integrada ao ciclo produtivo como um todo, do plantio à colheita e à fabricação da farinha. Há possibilidade de mudança, pois sem ajuda financeira não se conseguirá melhoria; quem pode ajudar é o governo, mas ele não ajuda o pobre:

"Sem dinheiro a gente e o próprio técnico não pode desenvolver um trabalho e nem dar assistência necessária a todos, e tendo dinheiro é claro tenho interesse... Sinto dificuldade porque a própria mão-de-obra é pesada mesmo estando acostumado com o serviço, mas chega no outro dia sinto dificuldade pra voltar trabalhar". (J.A.P., 47 anos, 10 filhos).

"Os técnicos da AISTER falaram em melhorar a casa de farinha mas, não apareceram mais, agora como eu digo eu tenho medo de ralar no bicho (caetetu) é rápido mais eu sempre ralei no ralo manual, é todo mundo no ralo aqui. Não tenho condições de comprar, mas tenho interesse de ver o tal de movimento né, se tivesse na casa de farinha era uma boa". (J.R.E., 39 anos, 5 filhos)

"Ah! Quem me dera mestre, eu não faço porque a minha possibilidade não dá porque o senhor sabe hoje em dia tá tudo caro né e o nosso governo principalmente nós por aqui Amapá ele não ajuda, ele só ajuda gente que tem dinheiro e nós por aqui não, nós tem um sofrimento danado é por isso o senhor ver o nosso serviço que já tem andado em várias casa de forno é difícil o senhor ver uma casa de forno que tem o caetetu, quer dizer que o caetetu é até uma grande ajuda pra gente pra ralar mandioca, você não tem aquela dor nos rins porque você trabalha em pé, pode até trabalhar sentado né, e olhe no ralo é como o senhor tá vendo isso é um sofrimento danado pra gente, de repente a gente se vai. É até isso tudo é comprado né, e a gente não tem como que melhorar a casa de forno, só com a produção de farinha não dá Deus, o livre, não dá de não dá porque a gente o máximo que faz é 2 - 3 - 4 fornadas de farinha, o que é

que dá, não dá nada, pra comprar um objeto desse que é caro né. Querer melhorar eu quero, mas não tenho é a inscondição (dinheiro), só tenho a vontade. Sempre foi assim muito difícil aqui alguém ter caetetu na sua casa de forno. O técnico chegou falar nisso, em melhorar a casa de farinha, colocar o caetetu, mas não dão ajuda pra gente né, a gente acaba ficando no ralo mesmo". (V.S.R., 65 anos, 11 filhos).

A adoção de um instrumento dentro do processo é aceito por superar problemas maiores como a dor nos rins e a impossibilidade de trabalhar todos os dias devido ao cansaço de ralar. Este instrumento não se insere na lógica da subsistência, não há recurso para sua aquisição. O produtor já se dispõe a adquirir os instrumentos com que se faz as "coisas" que aparecem na capital. A ausência ("sumiço") do técnico e do governo é considerada pelo produtor como falta de compromisso com ele, e não estar disposto a ajudá-lo.

Quanto à pecuária, apesar de alguns produtores terem maior interesse, sentem as mesmas dificuldades:

"Aqui só a natureza é que se incube de ajudar o pecuarista, a dificuldade é grande nós tem direito de ajudar a natureza que é preciso, mas a dificuldade é grande, nós não tem é poder, a criação é pouquinho nós acaba com ela comprando arame e o que nós bota dentro do capinzal, não bota nada". (J.T.R., 73 anos, 17 filhos).

#### - A cultura da banana para os camponeses de Curiaú

A banana é considerado, o produto de maior renda, atualmente, para o produtor. Porém vem sendo acometida de uma doença já diagnosticada como "moco da bananeira", mas, até o presente momento "os técnicos não apresentaram uma solução" e os

produtores estão lamentando a impossibilidade de ampliar suas rendas com a produção de banana.

A doença foi levada para Curiaú, segundo os produtores, por um técnico, o que deixou a população num dilema e repercutiu na credibilidade e confiança no trabalho extensionista:

"A banana que tá acima da mandioca, ela não tá dando porque deu essa piema (doença) e muita gente já disconsola pra botar o roçado pra plantar banana, porque tem pião que termina não tirando nem um cacho de banana, principalmente quando limpa, aí, se limpar ele todo aí que apiema pula em cima. Ainda tira mais umazinha e aquela banana-açu, aquela que faz mingau. Continuo plantando banana porque eu gosto de ver a bananeira eu gosto dela. Ela dá mais que a mandioca, se não fosse isso muita gente tava lutando na banana, o problema é a doença, porque a banana você planta, limpa e deixa ela ficar lá, e a mandioca não, o senhor planta ela, e vai tratar depois, o senhor bota de molho, espera que ela amoleça, vai ralar, empata 2 dias e a banana não, se ela tiver madura você só empata um dia, vai lá tira ela, o comprador já tá esperando, já tá encomendada eu vendo aqui mesmo. Antigamente quem dera que fosse assim, hoje tá bom, porque tudo vende, naquela época nós trazia dali na cabeça a banana, a gente empatava dois dias pra passar esse lago aí, de verão, pra poder passar pra cá não tinha estrada nem comprador. Hoje tendo banana vende aqui mesmo. Antigamente não, amontoava, chegava cair o cabelo de cabeça carregando banana aí entregava 'por pouco mais nada' e agora não que ela vê o dinheiro não tem produtor. Quem dera se fosse uma época dessa, as vezes ia carro buscar nossa banana lá por pouco mais nada". (J.E.R., 39 anos, pai de 5 filhos).

A cultura da banana representa uma série de vantagens principalmente por exigir trabalho menos árduo. Esta cultura também foi frustrada e, contraditoriamente, segundo a comunidade, devido ao técnico.

- Interesse do produtor pela assistência da ASTER

A assistência técnica na concepção da ASTER se inicia com a participação do representante da comunidade uma vez que ele exerce influência com suas atitudes e comportamentos nos demais moradores, principalmente pelo parentesco com as famílias de Curiaú.

Este representante apresentou assim seu interesse pelo trabalho da ASTER e tem em vista facilitar o trabalho do produtor:

"No caso que a AISTER fosse junto com a gente, continuasse a trabalhar com a gente pra ver se ela procurava até melhorar o nosso modo de vida, assim na própria nossa agricultura, porque veja bem, eu trabalho lá na minha casa de farinha, nós semos cinco agricultores que trabalha lá, nós usa dois ralo manual, uma um caltetu também é manual, mas em compensação o caltetu ele teve uma melhoridade porque a gente moe em pé e no ralo, usa a "vergação' aqui acolá tem que levantar 'as cadeira' pra tomar um fôlego e no caltetu (motor) não, a gente rela mais tranquili, quem sabe se ela (ASTER) não trazia outro beneficio melhor pra gente". (R.A.S.; 56 anos, 1 filho).

"O que eu achei assim no problema da AISTER, ela foi um órgão até muito interessada pelo Curiaú, agora só que eu achei que a AISTER ela fez um próprio trabalho que não deu porque a gente fizesse a vontade dela e ela fizesse a da gente, ela veio colocar como ela queria, não veio perguntar se como nós tava fazendo se era o ideal daquilo, quer dizer ela colocou uma idéia dela, mas não levou a nossa idéia então por aí foi que talvez ocorresse essa indeficiência da gente ficar assim isolado pela AISTER". (R.A.S., 56 anos, 1 filho).

O técnico não estava junto com eles, segundo os produtores. A técnica que se dispõem a aceitar é o caetetu. Não há citação de qualquer outra.

O produtor (representante) expressa sua restrição ao trabalho do técnico e, segurança na sua forma de produzir. O pro-

dutor diz que a ASTER "fez o trabalho dela" e queria que a gente "fizesse a vontade dela, e não veio perguntar como nós tava".

Observa-se na atitude do representante da comunidade que a ASTER devia estar presente para proporcionar orientações de caráter técnico e de viabilidade de outras atividades junto aos diversos órgãos do governo.

*"... se dentro da medida do possível a AISTER desse um técnico aqui pro Curiaú e ele entrasse em adifcação com a própria comunidade pra depois ela botar a sugestão dela, seria até uma boa coisa pra nós, porque aqui a gente tá precisando de muitas coisas que depende da AISTER". (R.S.A.S., 56 anos).*

Os produtores se sentiam realmente seguros quanto ao seu trabalho. O técnico deveria ter-lhes perguntado como fazer e porque faziam daquele jeito. O não estar "bem" com a ASTER deixou-os incomodados:

*"Muitas coisas assim que eles mesmo vinha informar pra gente aqui, as vezes, a gente sabia, só que muitas vezes ficava difícil de mudar aquilo que a gente sabe, pra fazer do jeito que eles queriam porque a gente tinha medo de não dar certo, assim, sei lá, é isso a maior dificuldade que a gente tinha fazer assim como eles queriam porque a gente já tava acostumado fazer aquele trabalho, aí de repente, vinha o técnico dizia que tinha que fazer de outra maneira e a gente tinha medo de fazer e não dar certo". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos).*

A concepção dos moradores mais jovens de Curiaú é hoje totalmente diferente da visão de seus pais. Para o mais velho Curiaú está mudando para pior, perdendo sua tranquilidade. Os jovens não ficam mais em Curiaú, por qualquer motivo estão indo para a cidade:

"Acho que a comunidade do Curiaú duns tempos pra cá já mudou muito o que era. Nossos pais eles acham que mudou até pra pior, porque a gente que é um pouco mais jovem acha que melhorou alguma coisa, mas eles acham que piorou, porque aqui era um lugar muito tranquilo, era muito pouco visitado pelas pessoas da cidade. O movimento aqui era muito pouco, mesmo quando entrava um carro aqui era porque vinha fazer alguma coisa, assim de passeio era muito difícil, e hoje, é toda hora carro aqui, barulho pra cá barulho pra lá. Eles acham que isso incomoda, mas pra gente que é jovem aqui, acho que melhorou muito, só os velhos pais que se incomodam muito, não tem sossego principalmente fim de semana, é um sufoco muito grande mas acho que é evolução mesmo. Um dia a gente tinha que esperar esse tipo de coisa, então acho que em parte até melhorou muitas coisas, o transporte pra gente ir pra cidade. Tinha que ir a pé quem não tinha bicicleta, mas hoje dificilmente você vê uma pessoa a pé. Para Macapá era muito mais longe que hoje, a gente saía 5 horas da manhã chegava 8 horas em Macapá..." (J.A.S., 45 anos, 6 filhos).

A concepção de melhorar, na perspectiva dos mais jovens, demonstra outra ordem de valores. Melhorar significa estar igual à cidade, ter movimento, poder ir de carro, ser diferente, enfim, dos demais velhos. Ao se referir aos rapazes e moças dizem o mais velhos, que os jovens "tinham simplicidade", "eram mais voltados para a família e respeitosos" e hoje segundo o Sr. S.M.S. não acontece mais isso:

"O jovem tem muita vaidade e dificuldade de adotar as coisas do passado. Dizem que aquilo já passou já entraram na modernagem e as vez não trouxe benefício, ficou a coisa até pior pra eles, e pra convivência dentro da família, porque eles passaram a conhecer ambientes que talvez não deveriam ter conhecido. Através da televisão e de outras coisas de comunicações foram vendo coisas modernas seguindo exemplos que as vezes tá acontecendo. O pai hoje em dia já não tem punho que se diz assim responsabilidade pelo um filho até de menor que ele já se sente dono de si". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

O descontentamento dos pais diante do comportamento dos jovens se dá na medida em que, a cada dia que passa, o jovem participa menos da produção, com isto os mais velhos são os únicos responsáveis por Curiaú que a princípio era de todos. Cansados e, até certo ponto, desanimados pela falta de participação e crescente afastamento dos jovens, os mais velhos, vêm ameaçados de extinção seus costumes e valores culturais uma vez que encontram-se já em idade avançada e sem forças para continuar seu projeto de vida.

Trata-se de uma situação que levará a um esvaziamento da comunidade e perda da cultura, na medida em que as influências externas passarem a dominar a vida social e cultural, mediante a incorporação de uma outra relação de produção que obrigará os moradores a se tornarem assalariados.

Há uma percepção generalizada de transformação pela qual passa a comunidade. Os velhos já não conseguem mais produzir e os jovens não se interessam por "essa vida". O afastamento do jovem é um choque na visão dos moradores, condenando a comunidade ao desaparecimento.

Trabalhar de uma forma diferente irá fazer o "pessoal" se separar cada um para um lado e não vai haver união, dessa forma, a preocupação com existência da comunidade é constante:

*"De 1970 pra cá a parte jovem ela já não é muito unidade como antigamente, porque quando comecei a me entender a ter mais conhecimento das coisas, o Curiaú era bonito, me parece que agora essa nova geração sei lá, só pensa em si. O que eu mais gostaria que*

acontecesse, era a parte de união é a principal que não tem, antigamente tinha mais união. Hoje um quer ser melhor que o outro, se eu tenho uma coisa o outro não tem aí já ameaçam com direito de esnobar aquela pessoa o que não acontece comigo... Hoje o moleque cresceu um pouquinho, já tá bebendo, Tem muito gente do meu tempo que é difícil beber, bebe, mais é limitado. Hoje você vê jovem caído, no meu tempo era difícil você ver um jovem caído, tá assim uma coisa fora do comum. Do jeito que eles agem eu acredito que eles não vão a lugar nenhum, então fica difícil você conviver com o jovem que você pensa uma coisa ele pensa outra coisa diferente. Eles participam da roça mas não é tão frequente como antigamente, porque no tempo que eu me criei que eu comecei, os pais diziam pra ir pra roça embora eles fossem na frente mas a gente tinha que ir, porque si não fosse a lenha comia, hoje ele não vai e se preocupe quando chegar, sabe Deus por onde ele tá, quer dizer é um fato de lamentar. A mulher ela é sempre mais limitada, o homem ele tem dia que ele cai hoje, aqui, amanhã ele levanta, ele é o mesmo homem, a mulher já é mais resguardada, ela já vai mais calma, já não entra muito de cara. Tanto a mulher como o homem (jovem), todos eles davam assistência na lavoura, mais hoje em dia tão mais afastados, se torna difícil para os velhos que já tão assim numa idade avançada ele já não pode produzir o que eles produziam quando novo, mas porque eles não tão tendo apoio dos jovens, se os jovens fossem ajudar então era algo mais que ia aparecer". (J.S.O., 34 anos, 5 filhos).

Os mais velhos sentem que os jovens não vão continuar a sua cultura e o fim da comunidade está definido. A mentalidade é outra. A convicção é que no trabalho haveria restauração dos valores que estão sendo perdidos.

#### - Dependência e paternalismo na vida do camponês

Outro aspecto reinante na vida do camponês de Curiaú é sua dependência, a passividade, a tendência ao assistencialismo e ao paternalismo. Essa atitude levou os produtores a esperar que a

ASTER lhe desse os instrumentos e insumos que deveriam de outra forma comprar:

"Eu queria assim que facilitasse, porque na época que o Janary que foi o primeiro governador, quando aqui não tinha assistência, foi quem deu a mão aqui pro povo, ele deu o forno, mandava buscar e o pessoal foram buscar. Esse forno era de cobre e até hoje alguns ainda tem, porque esses de ferro não aguenta peso". (F.S.S., 60anos, 4 filhos).

"Se a AISTER fizesse um trabalho em conjunto com a gente, o adubo que ela desse pra que a gente pudesse plantar quem sabe não dava mais batata, engrossava mais a mandioca". (J.A.P., 30 anos, pai de 3 filhos).

"Na pecuária é onde nós mais precisa de orientação através da AISTER. A gente vê que hoje os nossos animais tá assim desse jeito, antes todo ano de 6 em 6 meses o pessoal vinha vacinar e hoje não, a gente tem que comprar a vacina e vacinar". (E.R.R., 40 anos, 3 filhos).

"... ele veio me mandou meter o gado lá aí metemos aí eu não sabia castrar aprendi só um dia, aprendi da injeção, sei da veia também, agora só que tá me faltando o material que ainda não tenho". (J.A.P., 47 anos, 10 filhos)

Esta atitude já está sendo censurada por aqueles membros que têm maior integração com a nova sociedade, "mudança" é identificada com "melhoria" e todos devem estar envolvidos:

"... aqui é a comunidade que falta participar, em todos os sentidos de mudar porque veje só, se você ficar aceitando todo tempo o que li dão, você um dia vai ficar sem o que li dão por causa, que você ficar só esperando do que vir nas suas mão você não ir procurar, aí as coisas só vem pra decadência então tem que sair pra tentar mudar, então tem que haver de qualquer forma algum objetivo que chame atenção que chame interesse das pessoas, tem que tentar uma forma de mudar alguma coisa assim em termos de pecuária em termos de agricultura em termos de comunidade, tem que houver mudança pra poder as coisas melhorar". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

### - Atividade do técnico na visão do produtor

Os produtores declaram que os técnicos demonstravam vontade em querer ajudar o produtor a adotar novas técnicas, porque era o seu serviço:

"Eles quando estavam assim fazendo uma explicação eles tinham muito entusiasmo em querer ajudar mesmo o produtor, pra mostrar aquele trabalho para ver se seguia aquelas técnicas deles, eles tinham força de vontade".  
(R.C.L.F., 44 anos, 6 filhos)

"Eles tanto tinham entusiasmo que eu acho que até eles se precipitavam até demais, porque quando eles traziam uma tecnologia que a gente dizia que ia experimentar eles já ficavam tão entusiasmado que já diziam que ia dá certo, mas às vezes é o ditado você que nunca deve ir com toda sede ao pote que às vezes sempre você acaba derramando a água".  
(S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

"Mas ainda acho que a ASTER quer e sempre quis foi facilitar e melhorar as comunidades e os produtores rural. O esforço que via em todos os técnicos era esse fim, e as vezes eu sentia até amargo dentro deles de tentar, tá trazendo as informações e às vezes não tá sendo aceita, talvez eles até pensavam dentro deles que eles tavam atrapalhando, eles tavam fazendo coisa que não deviam e não tinham uma coisa assim que viesse orientar eles, se eles estavam seguindo certo, se estavam seguindo".  
(S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

O produtor multiplicador sentia a duplicidade e o antagonismo em que se encontravam ele e os técnicos tendo como função promover o "desenvolvimento" da comunidade e, ao mesmo tempo, sentia-se prejudicado nas relações sociais.

Vivendo numa comunidade em que as mudanças ocorrem lentamente, em que os hábitos são mantidos por tradição, o defrontamento com inovações rápidas propostas na ASTER levaram o produtor a se fechar e a se proteger.

A tônica de vida e a atividade coletiva levaram o produtor a adotar um tratamento significativo de "sócio" para o técnico e a defender os seus direitos:

*"Acho que não deveria mudar, eu observei uma idéia mesmo que ser governo, nem bem senta um levanta outro, o serviço fica tudo bagunçado porque cada um tem sua idéia, então deveria pelo menos uns dois anos aquele técnico continuar ali pra ver até em que ficava, mas assim com pouco tempo é difícil a gente comparar um trabalho. Eu acharia que a gente continuasse com o mesmo ou se trocasse se ele não quisesse ficar dissesse, bom eu não tô mais querendo trabalhar com vocês nós vamos trocar o técnico, aí tudo bem. Aonde o cidadão não tá se sentindo bem tem direito de escolher pra onde ele quer ir né, e o sócio tem que dar liberdade pra ele".* (J.A.P., 47 anos, 10 filhos)

A falta de liberdade do técnico tendo que obedecer a outrem no sentido mesmo de estar onde mandam, deixou a comunidade sem confiança. O governo, no entendimento do produtor, não se interessava pela comunidade, "não ajuda pobre". A ASTER sem se dar conta dessa concepção da comunidade reforçou-a com a rotatividade dos técnicos.

Apesar dessa situação nota-se uma tendência receptiva do produtor quanto à orientação técnica relacionada às culturas; o fato de a orientação de um técnico ser diferente da prestada por outro fez, no entanto, com que os produtores continuassem na sua forma habitual de trabalho:

*"... só que quando eles vinha às vezes que isso aconteceu de um trazer uma orientação pra uma coisa de um objetivo e às vezes as coisas se diferenciavam porque um falava duma coisa por exemplo de mandioca ou então de banana ou se fosse de outra coisa, vinha outro falar da mesma coisa sempre um pouco diferente que às vezes a gente questionava e chegava a perguntar porque fulano de uma forma agora você tá falando de outra ?*

*Não sei, aī as vezes ē um que estuda mais se aprofunda mais em determinado estudo, isso acontecia e ās vezes a gente ficava atē desorientado". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)*

Numa comunidade em que tudo ocorre sempre da mesma forma atē nos detalhes, qualquer diversidade de comportamento ou de fala dos tēcnicos fazia com que ficassem indecisos e, conseqüentemente, permacecessem na sua forma habitual de produzir.

Embora para a Extensāo ainda conste na sua programaçāo a assistēncia ā Curiaū, para os produtores, ela estā ausente e, segundo eles, existem vārias explicaçōes. O produtor prefere considerar que o tēcnico se ausentou por culpa da comunidade que nāo correspondeu e que se "cansaram de bater na mesma tecla e os produtores nāo davam importāncia". Sāo claras, tambē, algumas razōes do desconhecimento, hābitos, tipo de trabalho, domīnio do conhecimento exigido:

*"Hā muito tempo ela tā ausente, foi um dos fatos que a ASTER nāo conseguiu a mudar o hābito da gente de trabalhar e outras coisas que talvez os tēcnos se aborreceram com a gente, deles estarem trazendo orientaçāo e a gente nāo sentir a orientaçāo deles, entāo foi um dos fatos que foi ambos os lados talvez foi que se diferenciaram". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)*

*"...muitas coisas assim que eles (os tēcnicos) vinha informar pra gente aqui, as vezes a gente sabia agora sō que muitas vezes ficava difīcil assim de mudar aquilo que a gente sabe pra fazer do jeito que eles queriam porque a gente tinha medo de nāo dā certo, nē. Nōs tinha medo de mudar porque a gente tā acostumado com um tipo de trabalho aī vem uma pessoa pede pra mudar, tem muitos que diz poxa eu nasci praticamente dentro da roça sei fazer de tudo da roça agora vem fulano chega aqui, eu tenho que mudar". (J.A.S., 45 anos, 6 filhos)*

Mudar é um risco que contraria a forma de vida da comunidade, além do que tratava de deixar "aquilo que a gente sabe", que conhece e sobre o que tem domínio, para "fazer do jeito que eles querem". Há uma contraposição entre o que os produtores sabiam e o que o técnico queria.

Os produtores possuidores de gado demonstraram, a princípio, interesse pela assistência técnica. Segundo eles, apesar da ASTER tê-los procurado, na parte de pecuária são eles que procuram a ASTER quando aparece algum problema, conforme visto anteriormente.

#### - A roça é um seguro para o camponês

Há produtores que trabalham em Macapá ocupando diversos empregos como: vigilantes em repartições de governo, ajudantes de pedreiro e carpinteiro, agentes de polícia e em serviços de carga e descarga de aviões no Aeroporto Internacional de Macapá e mesmo assim mantêm seu roçado, "a qualquer custo", para sua segurança e sobrevivência:

*"Eu no momento, sô planto mandioca, eu estou empregado mas, nem por isso eu vou deixar de plantar mandioca, porque eu me criei com os meus pais, eles me criaram com negócio de mandioca, de produção da agricultura, essa coisa toda, porque o meu seguro mesmo o meu certo é minha roça, de repente eu perco emprego não tenho roça como é que eu vou viver, então continuo fazendo minha roça".*

*(J.A.S., 45 anos, 6 filhos)*

A cultura da mandioca e o trabalho na roça representam identidade cultural e inserção na comunidade, união e garantia ao mesmo tempo. Este grupo assume hoje as duas faces culturais, que estão em Macapá e em Curiaú.

O seu D. é um caso único até a presente pesquisa na comunidade, seja pelo seu prestígio diante dos companheiros e do técnico, seja pelo seu trabalho. Ele montou o seu comércio e vende de tudo porque, segundo ele, é de "boa qualidade". Aproveitou, segundo ele, a oportunidade que apareceu. Ao mesmo tempo que este comportamento estabelece uma nova estratégia econômico-social na comunidade, é caminho para nova visão das relações que se estabelecem:

*"Hoje tem essa feira, mas para lhe incurrir a conversa nunca vendi um bago de feijão na feira, o que eu tenho tudo isso aqui eu vendo. Estou com dois anos nesta atividade (Bar), eu faço meu produto de boa qualidade e graças a Deus sou bem aceito neste tipo de coisa, quer dizer quando eu chego fazer aquilo já é limitadamente já tenho pra quem entregar. Vendo aqui, tudo vendo aqui, tudo que eu produzo vendo aqui mesmo".*  
(R.C.L.F., 44 anos, 6 filhos)

O entendimento que a feira é para Macapá e não para o interesse do produtor fez com que o produtor deixasse a feira indo direto ao consumidor. A relação com o mercado é um passo decisivo para quebrar a forma coletiva. No mercado a competitividade vem de fora e não se tem defesa contra este novo agente.

Essa atitude do seu D. vem influenciando certos produtores que já pensam em muda de atividades:

"Não tamos querendo mais progredir em cima de agricultura todos nōs queremos mudar para alguma coisa que seja mais rendável, alguma coisa que seja mais produtiva, que seje uma menos cansativo. Isso como você pode ver produtores que antigamente plantavam hoje em dia tão mudando para bares (ē o caso do seu D.) vendendo bebida então jã tão deixando a roça de lado, tã diminuindo porque sō tã plantando para ter a farinha pra comer a banana pra comer, tã vivendo mais bem dizer jã do bar, então jã tã o início da mudança, e daí trazendo consciência para os outros, porque eles ficam dizendo, olha tã dando mais, se eu tivesse na minha roça, eu não tava tirando o que eu tiro aqui no fim de semana, você trabalha a semana inteira pra adquirir, enquanto num dia eu tiro, e você vai ficando com aquela mentalidade, você procura também querer mudar, então ē por isso que eu digo, não sei hoje em dia o que a comunidade quer". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

"... Comecei outra atividade num carrinho de merenda, fui fazendo minhas economias, tinha uma criação de porcos. Fazendo toda economia possível chequei a solução de montar esse Bar. Mensalmente dā muito mais que a renda da lavoura. Porque o trabalho de agricultura não ē todo mês que dā pra ganhar dinheiro. Tem meses que sō se trabalha para plantar, limpar, ou seja não se está lucrando porque não está colhendo. No Bar ē diferente se trabalha e colhe ao mesmo tempo, agora não ē toda vez que dā certo, como foi na época da copa, eu tive o maior prejuízo, ainda tentei, me endividei, comprei uma TV, mas, nada dava, perdi, mas isso dā muito mais, so que não deixo o trabalho da agricultura de jeito nenhum nunca deixei". (R.C.L.F., 44 anos, 6 filhos)

Este depoimento traz à luz algumas questões chaves de mudança e, ao mesmo tempo, de avaliação da atividade. Há uma visão de rentabilidade, de ganhar mais, de exercer um trabalho menos pesado e menos árduo cujo resultado ocorre junto com a atividade e, durante o ano todo, sem a sazonalidade da atividade na roça e sem o risco de colher (não colher) os resultados ao final.

Ao lado de uma atividade fora da comunidade, consagra-se, no entanto, membro efetivo, dizendo que não vai deixar nunca de produzir a farinha e de trabalhar a roça.

As relações capitalistas não conseguiram penetrar, no tempo previsto, na comunidade via produção. Esta encontrou o caminho via comercialização. Romper com a identidade da comunidade é certamente o caminho aberto para as adoções tecnológicas preconizadas.

#### - Perspectiva extensionista

O Plano Diretor de Extensão Rural - PDER/84/87 estabelecia um conjunto de ações prioritárias com vistas à "otimização dos recursos empregados pela empresa" e a "ampliação do nível de eficiência e eficácia das atividades voltadas para a promoção dos pequenos produtores rurais e de suas respectivas famílias".

A extensão como apresentou-se anteriormente teve como meta primordial a elevação do padrão de vida, e de conforto da comunidade, elevação do padrão sanitário e higiênico, alimentação, habitação e atividades sócio-culturais. Este programa está, segundo a extensão, intimamente ligado com o aumento da produção. No caso em estudo, embora tenham havido ações referentes à cultura da banana e de outras frutas como também da horticultura, indústria caseira de doces e mantida assistência relativa à pecuária, a cultura da mandioca a produção e comercialização da farinha constituíram a preocupação central dos técnicos da ASTER.

As dificuldades quanto à adoção foram se fazendo presentes determinando da parte da extensão ações diversas, tendo como orientação o plano e programa da empresa. "Grupos de jovens" e "produtor multiplicador" foram expressões dessa tentativa.

A assistência técnica foi desenvolvida obedecendo às diretrizes extensionistas que inicialmente tiveram como técnica o planejamento participativo. Segundo o PDER/84/87, estas diretrizes são ações que procuram considerar as aspirações das comunidades no processo de mudança das atuais condições de vida no meio rural. É a partir deste plano que a organização dos produtores passou a ser elemento fundamental na condição do modelo desenvolvido pela ASTER-AP, hoje EMATER-AP.

Neste contexto a ação extensionista se desenvolveu junto aos produtores e suas famílias, principalmente no aspecto da comercialização de subprodutos da mandioca:

*"Nós fizemos uma época lá o planejamento participativo, convidamos inicialmente as lideranças que existiam na comunidade e essas lideranças passavam pra nós o que eles queriam naquele ano, por exemplo, naquele momento eles apresentavam à comunidade toda, depois eles passavam aquilo pra nós, mas nós tínhamos uma forma de reforçar isso aí que era reunindo com todo mundo. Posteriormente reunimos com todos os produtores e aqueles pontos levantados pela liderança eram colocados em discussão sem que nós citássemos quem tinha colocado, sem identificar a liderança. Procurava-se saber se queriam reunião, quantas reuniões queriam, o tipo de cultura que queriam planta, se queriam planta de outra forma, se queriam visita, quantidade, data, horário, com isso, a nível de governo eles já diziam o que queriam, os anseios deles, eles já passavam pra mim".*

(E.A.S.)

*"Concluimos que essa forma de operacionalização do planejamento se tornava inadequada e cansativa para os produtores, conseqüentemente para o próprio técnico que acabava não sabendo de fato o que estava fazendo". (E.A.S.)*

Os produtores não se expressavam em reuniões. Ouviam calados e se retiravam da reunião. Em conversas, diziam os técnicos, pouco falavam e não era possível saber o que queriam. Quando muito, estavam presentes sem discutir nem questionar. A extensão, no entanto, considerava essa presença como participação do produtor e assumia como ação extensionista, conforme preconiza o sistema.

Segundo o extensionista, não se conseguiu detectar o porque da resistência dos produtores diante das orientações do Serviço de Extensão:

*"Como toda coisa nova desperta a atenção das pessoas, a princípio houve uma grande influência, toda reunião dava casa cheia, quer dizer nós só falávamos, falávamos e pouca coisa eles perguntavam, quer dizer aí também não sei a própria dinâmica da reunião levou a eles se evadirem disso aí, desse cansaço. Depois passamos a fazer reuniões trimestrais, depois semestrais e a gente viu que foram se evadindo das reuniões, não compareciam, eles davam desculpas que estavam cansados que tinham afazeres e tal, tentamos fazer grupos comunitárias, grupos de produtores, grupos de senhoras, isso por proximidade nós conseguimos fazer três grupos de sete pessoas, no início tudo bem, parecia que a gente ia começar deslanchar no trabalho, mas houve desistência do produtor, ele foi se evadindo gradativamente sempre dando desculpas e no final os grupos ficaram desmembrados e até hoje a gente não conseguiu detectar porque essa comunidade fica assim". (O.P.B.)*

O extensionista constatou o fato do alheamento nas reuniões, mas não teve instrumentos para analisá-lo nem diretrizes para agir sobre ele.

Segundo o extensionista, a finalidade da Extensão, além de ser uma obrigação do governo, deveria também constatar posteriormente se a comunidade havia adotado as técnicas sugeridas e com isso melhorar a situação econômica e social dos produtores e compensar os esforços empreendidos pelo extensionista:

"...Naquela força da juventude, a gente, eu sempre gostei muito de ler. Sempre achei que todo mundo tinha que ter oportunidade de melhorar de vida sabe, então o nosso objetivo era exatamente tirar a comunidade do Curiaú, com o pouco que a gente conhecia, claro junto com eles, era tirar o Curiaú daquela situação de penúria em que eles viviam, então o nosso objetivo era esse aí, quer dizer conversar com ele pra sair daquele ostracismo, vamos pra frente nossa função era essa".  
(E.A.S.)

O técnico não se apercebia que os produtores tinham seus interesses e suas razões, seu modo de produzir e de viver determinados em parte pelo assintencialismo que já os havia atraído:

"O Curiaú foi uma comunidade altamente paternalizada nos governos que passaram, então na medida que os governos iam mudando se um dava uma boa assistência pra lá inclusive financeira, a comunidade voltada e regredia e a gente achava que aquilo ali tinha que mudar".  
(E.A.S.)

A expectativa do extensionista era a seguinte:

"Como nós detínhamos o conhecimento sociológico da comunidade, a nossa expectativa era de que chegava lá, no máximo a gente ensinava hoje e amanhã os caras já tão fazendo, quer dizer nós levávamos tecnologia com aquela intenção de que seria imediatamente adotada, quer dizer eles iam fazer as coisas, era um negócio automático e na nossa opinião na época era tão fácil, tão claro que eles não tinham como nem porque dizer que não queriam ou que não demonstrassem interesse, e isso

*ocorreu muito logo no início porque a gente mesmo levava as coisas pensando que era aquilo exatamente que eles queriam".* (E.A.S.)

O extensionista não compreendia como a comunidade podia resistir ao que para ele era óbvio. Esta reação deixou a extensão sem qualquer ação, pois era inadmissível. E no entanto, ocorreu, e perdurou.

O extensionista chegava a convencer o produtor que, a princípio, mostrava-se interessado "para corresponder", "satisfazer o técnico", mas continuava na sua forma de viver e de produzir, fato que levou os técnicos à frustração.

Uma primeira tentativa de superação foi feita pela ASTER, mediante a designação de um extensionista de cor negra. Pressumia a ASTER que a dificuldade da ação dava-se ao fato de os técnicos serem de cor branca e que esta indicação proporcionaria a integração Extensão-Comunidade. Este extensionista teve dificuldades "devido os produtores serem resistentes a pessoas estranhas" ao seu meio. A ação extensionista "era muito difícil", segundo depoimento do técnico:

*"Em função da característica própria dessa comunidade, por sinal acho que é a única que tem exatamente essa característica, isso aí tornou o trabalho muito difícil e eu passei aproximadamente dois anos e meio e se eu fosse fazer uma análise assim crua eu ia perceber que eu fiz muito pouco".* (E.A.S.)

As técnicas, segundo o extensionista, estavam desvinculadas da "real necessidade do produtor". O que "eles queriam era ter a mandioca, a banana e o próprio tabaco". O técnico, no afã de cumprir a programação da ASTER, desconsiderou as formas da

comunidade produzir. O conhecimento do produtor contrastava com a orientação do técnico, conforme suas próprias palavras:

*"... a gente veio observar que eles ficavam resistentes à mudança desse espaçamento e a gente se perguntava, mas se eles são resistentes à mudança de espaçamento e a gente sabe que com esse espaçamento há uma produtividade maior o que eles não querem, e a medida que a gente foi adentrando naquele mundo todo dele e tal a gente foi perceber que quando o espaçamento é menor eles também diminuam o tempo gasto com a capina porque quando a mandioca ficava em espaço menor ela tendia a fechar né, fazer aspecto meio arbóreo e aí diminuía o período de capina, eles tinham mais tempo pra praticar outras atividades como extrativismo, a pesca etc..." (E.A.S.)*

O slogan do governo "plante que o governo garante", era repassado continuamente pelo técnico como atividade principal. A extensão não levou em conta que Curiaú é uma comunidade peculiar na sua origem e cultura, altamente tradicional, com princípios de vida, costumes e hábitos altamente arraigados.

#### - Uso das técnicas na visão extensionista

Foram utilizadas pelos extensionistas, cinco técnicas, para levar aos produtores de Curiaú os ensinamentos capazes de auxiliá-los no momento de sua produção e na melhoria da sua qualidade de vida. Inicialmente foram usadas a reunião e a campanha, por serem consideradas mais fáceis e mais produtivas, sendo o retorno nulo, segundo os extensionistas, em termos de mudança. Passou-se a atender os produtores individualmente, através de visitas:

"... era reunião por ser mais fácil em função de que você conseguia juntar os produtores num só momento, mas só que aquilo ali não tava mais resolvendo o problema, ou seja, só a reunião na verdade não tava trazendo resultado, a gente reunia, eles contavam os problemas deles, eu contava os meus, mas o retorno em termos de mudança que a gente buscava era muito pouco, então nós resolvemos pegar por produtor, e fomos visitar área por área".  
(E.A.S.)

A partir daí, segundo o extensionista, passou-se a conhecer os problemas da comunidade, adquirindo a confiança do produtor e de sua família:

"... lá no meio de todo mundo ele nada dizia, não falava ou quando falava era muito pouco... quando você fazia uma visita que tava só você, ele e a esposa e os filhos aí ele se abria um pouco contava tudo como é que ele gostava, como é que ele queria, o que ele buscava, quer dizer inicialmente começamos com reunião que não foi muito adequada... e depois a visita que a gente ia diretamente na casa do produtor né, porque essas visitas foram tão importante, que hoje temos acesso na cozinha dos produtores do Curiaú, pois no início era até a sala e mais nada, o produtor vinha te parava ali mesmo e conversava com a gente... nós começamos a utilizar unidade de observação pra mostrar pra eles que mesmo dentro daquele espaçamento que eles utilizavam era possível obter uma maior produtividade, selecionando maniva, combatendo praga, efetuando plantio na época correta, fazendo os tratos culturais corretamente, quer dizer não tinha condições de fazer nem em reunião, nem em visitas, porque se gastava muito tempo, então nós mostrávamos unidades de observação em que levávamos grupos de produtores que no início selecionávamos. Aqueles um pouco mais interessados". (E.A.S.)

As técnicas usadas pela extensão para levar o conhecimento aos produtores foram sendo invalidadas uma a uma. O ritmo da comunidade era muito lento para os padrões do extensionista que tinha que registrar resultados rápidos. A unidade de observação utilizada foi retirada uma vez que não mantinha o princípio da união e do coletivo fundamental para a comunidade:

"... a gente via que o interesse dele era mandioca, então a gente mostrava o tamanho da maniva, porque eles plantavam uma maniva de 40 a 50 cm, a gente segundo a pesquisa recomendava, 20 cm, então a gente passava todas as informações com relação à mandioca: espaçamento, seleção de maniva, tratos culturais, uso de enxada".  
(J.A.G.F.)

Diante da persistência do produtor, o técnico cedeu à sua prática quanto ao plantio e seleção da maniva, mas manteria ainda os ensinamentos quanto aos tratos culturais.

O produtor chegou a convencer o técnico também quanto a sua técnica, do uso da enxada, da cova e do tamanho da maniva:

"Os produtores alegavam que não havia condições de utilizar a enxada, então a gente passou até a concordar com eles porque as vezes pegavam um solo bom, às vezes pegavam um solo pedregoso então ficava muito difícil cavar com enxada. A gente percebeu que era preferível aumentar a maniva e não orientar cova, nós fizemos com que eles selecionassem a maniva e utilizassem o mesmo sistema, não utilizar a enxada porque ficava realmente muito difícil e depois a gente comprovou que pra colheita da mandioca ficava bem melhor você utilizar o sistema convencional deles, porque na minha opinião o que aumenta a produtividade não é a cova são os tratos culturais iniciais, seleção da maniva, é você ter uma maniva sadia e é isso que aumenta a produtividade não é a cova em si".  
(J.A.G.F.)

Este depoimento se configura na seguinte expressão:

"Os técnicos não vem só ensinar eles vem aprender também".  
(J.A.P. - produtor)

Entre o ensinamento e o fazer há uma distância que o produtor associa de uma forma lógica: o que ele faz, aprendeu fazendo e com seus pais; o que outros ensinam não dá confiança. É uma questão de confiabilidade da fonte. O produtor dirá isso ao considerar que ele (o produtor) já sabe tudo sobre mandioca.

As ações desenvolvidas junto às famílias de Curiaú eram baseadas nas diretrizes da Extensão e segundo a chefia da área de Bem-estar Social da ASTER hoje EMATER-AP, "não houve nenhuma participação das famílias na identificação dos problemas e a programação era feita pelo técnico no sentido de promover mudanças no meio rural, através de conhecimento adquirido, mudanças essas que melhorariam o bem-estar das famílias, bem como contribuiriam para o desenvolvimento da comunidade com as seguintes atividades: produção de alimentos (hortas domésticas e escolar, pomar caseiro); industrialização caseira de alimentos - aproveitamento de produtos da própria comunidade; saneamento básico - orientações sobre privadas higiênicas, uso da água tratada com utilização do filtro; prevenção de doenças transmissíveis e orientações às parteiras leigas". (M.L.L.).

*"Depois de três meses voltamos para verificar, fazer uma avaliação pra ver se o pessoal tava consumindo água do filtro. Continuavam bebendo água do pote e da cabaça, não ferviam. Com o passar dos anos algumas famílias, com a chegada da eletrificação rural, passaram a ter geladeira".*

Igualmente quanto aos hábitos sanitários e higiênicos as famílias não assumiram aqueles ensinados pelo técnico. Segundo depoimentos, não há necessidade de fazer tais coisas que dão trabalho sem oferecer vantagens.

Várias tentativas foram feitas, através de ações extensionistas, no sentido de obter melhoria de vida dos produtores e de suas famílias como por exemplo: atividade hortícolas com a participação de jovens; aspectos festivos

religiosos da comunidade; crédito rural; produtor multiplicador, além de outros.

O produtor multiplicador, foi criado para auxiliar o extensionista no conhecimento das mensagens de inovação aos demais produtores. A comunidade que já não "recebia" o técnico passou a rejeitar o membro da comunidade escolhido, condenando este processo como aliciamento: "pra nós extensionistas, pra nós instituição, pra nós governo, nós acreditávamos que pegando um jovem da comunidade que tivesse uma maior percepção, já tivesse uma formação mais razoável, do meio deles, que entendia a situação deles, o linguajar, a forma de vida, serviria pra gente ter maior penetração. Mas foi engano nosso, porque nós pegamos esta pessoa e começamos a treiná-la, a ensinar pra ela praticamente o que ela podia fazer, que a gente queria que nesta comunidade ela fosse o nosso porta-voz. Ela conseguiria traduzir o linguajar técnico num linguajar próprio deles, do produtor. A princípio a gente pensou que tinha ganho a batalha, tinha ganho a parada, mas no decorrer dos meses a gente conseguiu descobrir que os próprios parentes estavam mantendo uma restrição contra ela".

(O.P.B.)

O produtor multiplicador passou a assumir a postura do técnico e a sua linguagem. Isto poderia até ter favorecido, porém, os mais velhos desvendaram nele a linguagem oculta do extensionista e, conseqüentemente, passaram a se afastar do produtor multiplicador. O escolhido passou a falar como técnico,

pois recebia as informações numa linguagem e, a seu modo, imitando o extensionista, ensinava para os demais: "... ele já não queria mais falar da linguagem tradicional dele, no dialeto da comunidade. Então os mais velhos diziam que o branco conseguia fazer a cabeça de um jovem lá, pra que ele tentasse, vamos dizer assim, aliciar a população, esses produtores, pra trazer pro nosso lado, que nós estávamos pagando pra ele fazer esse tipo de trabalho. E eles descobriram isso, quer dizer lá a concepção deles é que nós estávamos tornando viciado, tornou um vício e isto ao invés de abrir as portas pra nós, para o nosso trabalho, fechou ainda mais, porque eles não estavam mais passando informações para o multiplicador que é filho de lá, nascido e criado lá". Diante disto o multiplicador chegou um dia e disse:

*"Olha, do jeito que tã, dessa forma tã difícil de fazer qualquer trabalho aqui porque sempre a gente vai encontrar esta grande barreira por parte deles".*  
(O.P.B.)

Assim se explicava o produtor multiplicador:

*"A dificuldade que eu tive foi por causa que eu era uma pessoa jovem demais para trabalhar com adultos demais, então eu me sentia vergonhoso de chegar assim, dizer que forçar não, mas fazer com que as mensagens de lá, pra passar pra eles, então eu sentia que eu tinha que falar moderado pra que a gente fizesse determinadas coisas, eu não podia forçar... Olhe pra ser multiplicador dentro da área na época eles acharam que poderia ser eu porque eu era jovem, tinha futuro pela frente, mas foi uma escolha errada, porque como jovem eu podia tã aprendendo um pouco mais com os adultos. Se tivesse levado outra pessoa adulta pra ser o multiplicador pra fazer o curso pra vir passar as informações para as pessoas da idade deles e talvez fosse muito mais fácil deles conviver com ele e não eu sendo eu uma pessoa, bem dizer, uma criança na frente*

deles, para conviver no meio e foi por isso que eu fiquei maduro demais trabalhando com gente que trapaçava a minha capacidade né, então se eu fosse orientado, ficar acompanhado, aquela pessoa que estivesse sido escolhido para trabalhar, quem sabe talvez a gente tinha uma maneira mais adequada de lidar com as pessoas, não tive um preparo para trabalhar com gente mais idosa do que eu, tenho preparo, sim, para trabalhar com gente de minha idade... Na verdade eu já desisti por vários motivos que eu tava ficando muito cansado, na verdade eu não tava tendo tempo nem pra mim, porque eu achava que eu era jovem demais pra tá me envolvendo em coisa que já não era bem dizer pro meu tempo. Então quando eu tive aquela ausência que eu disse que daquela data em diante eu não ia ser mais o multiplicador da comunidade já tava verdadeiramente já estava se extinguindo então eu senti que foi alívio aquele peso saiu das minhas costas". (S.M.S., 31 anos, 3 filhos)

O multiplicador localiza as barreiras à sua aceitação; em primeiro lugar, por ser jovem, outra sob duas formas, por ter aprendido com profissionais que estavam muito acima de sua capacidade e, ainda, por um erro técnico de estratégia: ele poderia trabalhar junto com um mais velho que tinha aceitação na comunidade e preparo para falar a linguagem dos mais velhos. Sentia-se sozinho para orientar quanto à adoção das técnicas aprendidas em outras localidades. No entendimento da comunidade, e isso o multiplicador sentia também, o jovem escolhido teria como missão comprometer seus semelhantes com uma causa. Caberia a ele inserir naquela comunidade outros valores (que fatalmente a desintegrariam).

O produtor multiplicador revela uma avaliação sobre atividade extensionista mais ampla do que a do próprio técnico: inadequação da tecnologia, além da falta de conhecimento da

realizada no local pelo técnico. Já o discurso do técnico revela o caráter vertical das ações extensionistas: "nós governo", "nós instituição" certamente captado pelo produtor.

O extensionista se baseia em pressupostos institucionais e pessoais e não na necessidade do produtor para levar conhecimento, o que determina um hiato entre a extensão e os produtores.

*"A finalidade de levar determinados conhecimentos, está em função de exemplos que às vezes não são ditos pelo produtor, mas são detectados pela gente, por exemplo o caso da farinha que muitos produtores, por exemplo, não adotam prensa tipo Amazonas; então procuramos esclarecer, mostrar pra eles as vantagens que a prensa vem dar no aspecto do preparo da massa, porque eles utilizam muito o tipiti, então a gente dentro desse melhoramento da casa de farinha, a prensa e a implantação do caetetu motorizado se constitui em duas peças fundamentais para o aumento da produção".  
(J.C.P.N.)*

O extensionista leva a nova técnica imbuído da questão produção, quando o produtor não se manifesta interessado nesse aumento, mesmo porque a quantidade de farinha a ser produzida é determinada de acordo com as necessidades e mão-de-obra disponível, razões que levam o produtor a não utilizar prensa e o caetetu motorizado, mesmo que lhes sejam colocados meios alternativos para adquiri-los, como recomenda o extensionista:

*"... isso são atividades que os produtores vêm entendendo e que eles têm observado que realmente eles têm que procurar meios através de financiamentos, pois muitos deles têm condições de mudar, no caso da prensa, têm condições porque a matéria prima existe no local".  
(J.C.P.N.)*

Este depoimento deixa claro o entendimento que o extensionista tinha em relação à realidade do produtor e aos seus objetivos.

Houve extensionista que considerou que no início a ação poderia se desenvolver a partir de valores vivenciais da comunidade como a religião. Os resultados não foram considerados satisfatórios, uma vez que permaneceram por pouco tempo:

*"As festividades dos santos da comunidade, a gente levantava muito esse aspecto porque era uma forma até da gente se aproximar muito mais deles, porque a gente mexia com o lado religioso deles, então eles sentiam que a gente estava interessado e queria contribuir".*  
(J.A.G.F.)

Em seguida houve a preocupação do extensionista em desenvolver com os jovens (uma via para conseguir influir na comunidade) projetos de horticultura, avicultura e suinocultura, através de programa integrado com a Secretaria de Educação chamado PRONASEC, em que tudo deveria ser feito pelos jovens, inclusive os galpões, pocilga dentro da filosofia do "aprender fazendo", todavia não aconteceram a participação e o envolvimento desejados:

*"A gente colocou que realmente nesse projeto eles teriam oportunidade de adquirir profissões como: pedreiro, carpinteiro, eles teriam essas noções todas. Deu pra observar que como os instrutores eram da própria comunidade e eram negros, os jovens participavam com maior boa vontade aí acontecia que o supervisor de área, ele queria um negócio mais ágil. Ele achava que não tava sendo ágil e que naquela época existia a inflação que tinha que agilizar com maior rapidez porque aquela lentidão o dinheiro não daria pra concluir os trabalhos, então chegaram a conclusão que devia mudar a forma de trabalho feito com os jovens, então tinha que colocar uns dois ou três carpinteiros e*

pedreiros pra desenvolver aquele trabalho mais rápido. Foi quando esse instrutor saiu e ficou um instrutor de cor branca, o pedreiro e o capinteiro, então a participação dos jovens aí foi que começou o afastamento, eles começaram a se afastar e eu conversando posteriormente com eles, eles diziam que não aceitavam a saída do instrutor anterior porque eles iriam ajudar, eles tinham condições de ajudar como estavam ajudando, mas quando esses outros passaram a exigir como se eles (jovens) fossem empregados, não sabiam pedir, então a gente sentiu realmente um afastamento dos jovens". (J.A.G.F.)

Foi um projeto inacabado e, segundo o extensionista, "com esse trabalho, os jovens poderiam mudar alguma coisa no Curiaú, porém, por falta também de recursos financeiros por parte da Secretaria de Educação e da ASTER-AP, não foi possível concluí-lo".

O Crédito Rural foi outro programa considerado pelo extensionista como bom para o produtor e que, com certeza, seria implantado em Curiaú, caso houvesse documentação da terra. Esta situação fez com que o extensionista compreendesse um pouco a lógica de vida e de produção em Curiaú. A posse da terra era condição para o uso do Crédito Rural. A terra, no entanto, foi sempre considerada propriedade da comunidade. A demarcação era feita por roça, para cada membro da comunidade que tinha direito à quantidade de tarefa necessária para seu sustento e de sua família:

"Na década de 80, começando no término da década de 70 se viu que o Crédito Rural no Amapá era uma coisa boa para o pequeno produtor, teve muitos que tiveram sucesso, agora a gente sabe que o crédito levou muitos produtores a uma situação muito difícil, teve produtor que até vendeu sua terra, aí a gente chega a conclusão: será então que o produtor do Curiaú já que ele não entrou nessa, será que não foi bom pra ele? Ele esmota as conclusões, que dizer, enquanto outros tiveram

que vender suas terras nós continuávamos com nossas terras aqui. Então em parte pra eles foi bom, porque veja, o produtor do Curiaú, ele não tem aquela ambição assim de querer ter uma área enorme, ele quer ter o suficiente pra plantar pra se alimenta e um pouco pra vender pra ele poder comprar aquilo que ele mais necessita..." (J.A.G.F.)

Quanto à comercialização, foi criada a feira do produtor em Macapá a qual, na opinião do técnico, representa "alguma coisa de positivo" para o produtor:

"... a feira do produtor, a qual teve grande parcela de contribuição, soma de esforços por parte de extensionistas que junto com a Secretaria de Agricultura viabilizou sua efetiva realização e hoje os produtores se utilizam da mesma para venda de seus produtos". (E.A.S.)

O critério para verificar se se atingiu o objetivo preconizado quanto à organização mostra a pouca clareza na ação e o objetivo próprio:

"Hoje esta comunidade ela participa da feira do produtor, então esse aspecto da organização é muito importante em ver que a comunidade do Curiaú, depois que ela se entrelaçou, entendeu que esta atividade é de suma importância". (J.C.P.N.)

A comercialização de produtos na feira propiciou ao extensionista iniciar os processos de registros e anotações, assumidos, em seguida, como "administração rural". Esta prática da anotação teve pouco significado sobre a produção, uma vez que o comércio na feira era feito pela mulher, enquanto o homem ficava na comunidade.

"Nós esperávamos quando nós levávamos essas tecnologias é que realmente elas fossem aceitas por eles, aceita em função das necessidades deles, e podemos até considerar

*que isto é até uma realização profissional, porque a gente tá observando uma melhoria para a comunidade, dessas tecnologias que são e que chegam assim ser uma coerência da extensão via produtor. Hoje estamos trabalhando com os produtores do Curiaú no aspecto da administração rural... para que se façam anotações e no final saber seus custos e receitas desses produtos por eles comercializados".* (J.C.P.N.)

As anotações consistiram em selecionar produtos comercializados pelos produtores e repassamento da informação do extensionista; este organizava as informações em uma pasta, sem análise. Este fato foi assumido como orientação da extensão e adotados pelos produtores, constituindo "administração".

#### **- A tecnologia e a negação do mundo rural**

As considerações do técnico levam à análise da inadequação das orientações para os produtores, no entanto, as razões assumidas não se dão conta da amplitude a ser considerada.

Observou-se, na prática, que a adoção de novas técnicas não ocorrem, embora algumas atividades tenham sido feitas.

A produção econômica que se apoia no excedente e na força de trabalho para produzir valores de uso sofrem rejeição caracterizada pela não adoção das técnicas recomendadas.

Considerando as características da comunidade em estudo é discutível a suposição de que o teor da mensagem técnica e os valores alheios àquela realidade possam ser captados pelo produtor. Por esta razão a população rural nessas condições, segundo MARTINS (1974), "tende a fechar-se sobre si mesma", circunscrita a relações sociais diretas e pessoais, seja para o

intercâmbio de bens, seja para intercâmbio de força de trabalho.

Além da rejeição por parte dos produtores diante das inovações se constata a frustração do extensionista:

*"Atē hoje não consigo entender o produtor do Curiaū, jã fiz uma auto-avaliação, jã teve colega nosso, uma sociôloca que utilizou vários métodos de se comunicar, porē, saiu frustrada de lã porque não atingiu o objetivo".* (O.P.B.)

*"Muitas vezes aquela questão de frustração que a gente falou, ou seja você apresentava um trabalho, uma técnica naquele momento ali todo mundo concordava e aquilo te levava a pensar que amanhã a coisa tava feita, um mês depois continuava exatamente igual ao que estava no primeiro dia ou seja eles não tinham feito nada, aĩ não adiantava você puxar briga, simplesmente não tinha feito e acabou-se. Isso foi problema pra nōs porque eles não falavam, muito pelo contrário eles concordavam com a ASTER aĩ você se empolgava achando que tinha acertado e tal e no fundo não era o que eles queriam e por isso ficava mais difícil".* (E.A.S.)

O extensionista atribui a frustração dos resultados à falta de técnicas que pudessem atender aos diferentes grupos da comunidade. As atividades realizadas, por exemplo, com as donas de casa, para as quais não se sentia preparado, limitou a sua atuação em outras áreas.

*"Infelizmente quando cheguei na comunidade eu cheguei sozinho e não tive assim uma pessoa da área social pra trabalhar comigo, acabei sendo um técnico polivalente tomando conta tanto dos jovens, produtores e trabalhando com senhoras... mas eu não tava preparado tecnicamente pra expor aquele assunto que competia à área social, então eu levava uma colega pra fazer palestra pras senhoras".* (J.A.G.F.)

Segundo a extensionista, as famílias da comunidade de Curiaū são muito fechadas, houve muita resistēncia ao serviço de extensão, principalmente com relação ao bem-estar social. Por

outro lado, não foi feito nenhum diagnóstico de Curiaú para direcionar o serviço de Extensão Rural de acordo com as reais necessidades daquela comunidade:

*"Na verdade não se faz nenhum estudo mais aprofundado da comunidade. Naquela época o extensionista era um prestador de serviços, sem linhas de trabalho definidas, desconhecendo a realidade e acreditava que através de seu conhecimento tecnológico iria provocar mudanças junto às famílias assistidas". (M.L.L.)*

*"Entendo que no início nós não tivemos a capacidade de fazer uma análise assim muito aprofundada desse negócio, à medida que o tempo foi passando, aí, sim, nós fomos percebendo que o Curiaú não é bem assim do jeito que ele tá aparentando ser, precisamos analisar o que tá por trás disto tudo". (E.A.S.)*

O técnico embora não tenha se apercebido de novas formas de ação, sentiu, no entanto, a necessidade de um estudo e um diagnóstico para realização da ação extensionista.

## 7 EXTENSÃO RURAL E PRODUÇÃO CAMPONESA

O modelo de desenvolvimento implantado no Brasil a partir da década de 1950 trouxe em si uma concepção de desenvolvimento econômico, representado pelo substancial aporte de capital e de modernização tecnológica, associados a uma concepção de vida ou superação dos comportamentos tradicionais. Este processo como um todo está intimamente relacionado com os mecanismos de consumo, em todos os setores da produção.

Nesse contexto se encontra a modernização da agricultura e das áreas rurais, sob os dois polos caracterizados de aporte de capital e de tecnologia, tendo como pressupostos o aumento da produção agropecuária, aumento do consumo de tecnologia, mormente de máquinas, implementos e de insumos. Quanto à modernização referente a atitudes de vida, esperava-se a adoção de novos hábitos higiênicos e sanitários e de saúde, relações sociais condizentes com o novo modelo, assumidas como novas relações na produção e no trabalho.

O Brasil é um país caracterizado por situações de diversidades acentuadas, sob o aspecto de clima, vegetação, solo, hidrografia, relevo, além daqueles referentes à colonização das diferentes regiões que acabam por determinar manifestações sócio culturais, hábitos de vida e relações sociais. Os diferentes estágios de desenvolvimento em que se encontram localidades e grupos sociais fazem com que as ações se desenvolvam no sentido de subordinar toda manifestação às determinadas pelo modelo econômico implantado.

A modernização do campo teve como agente e veículo principal o Serviço de Extensão representado institucionalmente pela ACAR, ASTER, EMATER (no Amapá), que em cada Estado assumiu feições peculiares.

A posição geográfica do Estado do Amapá, o qual assumiu sua identidade de Unidade de Federação em 1991 conseguindo sua emancipação, dá uma primeira visão de sua inserção no modelo que se implantou a partir do eixo sul. Isolado do resto do país nos mais diversos aspectos, teve na exploração extrativista mineral e vegetal as características de sua colonização.

A afluência de colonizadores fez com que surgissem nos diferentes períodos históricos comunidades com características muito peculiares e com traços culturais bem demarcados pelas suas origens e mantidos pelo isolamento nos núcleos e povoados.

A comunidade de Curiaú, oriunda de escravos que receberam como doação uma área de 8.000 ha, próxima da atual capital

Macapá, mantém uma cultura em que predominam valores tradicionais legados pelos seus ancestrais, estabelecendo um modo de trabalhar alicerçado na sabedoria adquirida na experiência de vida. A definição do cultivo das culturas é estabelecida de forma coletiva. A forma de vida, de relações sociais e de produção se caracterizam pela aversão ao risco. Sua produção agrícola foi sempre fortemente caracterizada pela subsistência tendo como finalidade prover as necessidades básicas, incluindo, mais recentemente, aquelas sentidas pela interferência do consumo.

A Produção Camponesa de Curiaú é caracterizada fundamentalmente, por produzir alimentos para o próprio consumo, comercializando o excedente, utilizando a força de trabalho familiar em proporções superiores ao trabalho contratado e possuindo baixo nível de capital.

A modernização da área rural do Estado e, particularmente da comunidade de Curiaú, esteve entregue à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural e, especificamente, aos extensionistas, agentes diretos de instituição.

A ASTER, hoje EMATER, recebeu como filosofia e como metodologia de ação todo o arcabouço construído nos países desenvolvidos e considerados responsáveis pelo desenvolvimento agropecuário ao nível a que chegaram. Tais princípios deveriam impregnar, segundo a Extensão, todo técnico denominado de agente de mudança. Este panorama, no entanto, encobriu por anos seguidos aos próprios técnicos os interesses dos países detentores da

tecnologia que se estava construindo e que importava consolidar no país.

As ações extensionistas desenvolvidas pelo Serviço de Extensão e pelos técnicos assim se expressavam de forma contundente, visando integrar o setor agropecuário ao mercado de consumo.

As populações rurais, mormente aquelas ainda não inseridas numa lógica de produção capitalista ou, ainda, sob duas formas de produção, uma em que predominam os costumes, os hábitos, e valores tradicionais e outra que se insere no modo de produção capitalista, apresentam um comportamento peculiar ao se instalar uma nova forma de vida, um novo modo de produzir e novas relações sociais de produção e trabalho.

Convencidos da necessidade da extensão e de consistência do discurso e da prática extensionista, os técnicos partiam para o campo de trabalho com as propostas, tentando levar os produtores a assumir, dentro da nova lógica, um outro modo de viver e de produzir.

Diante da postura assumida pela extensão, a comunidade de Curiaú apresentou comportamentos que se caracterizam como defesa e, ao mesmo tempo, reação de uma cultura que declina e que sente estar prestes a ser envolvida por uma outra lógica. O sentido e o significado dessa reação passaram despercebidos aos técnicos que não puderam fazer a sua leitura e se posicionar frente à comunidade de outra forma.

Diante da proposta apresentada pela extensão assim se posicionou a comunidade de Curiaú:

. Com relação ao processo de inovações tecnológicas, obedecendo a uma sistemática do modo de produção dominante, constatou-se que a recusa de tecnologia pelo camponês de Curiaú ocorreu como um ato de defesa a princípios e valores culturais estabelecidos na comunidade como: posse e uso coletivo da terra, trabalho na roça e vida na comunidade.

. Diante das inovações propostas pelo serviço de Extensão, os produtores de Curiaú consideram a sua maneira de trabalhar mais prática e mais rápida, considerando ainda que não há necessidade de mudar a sua produção nem seu modo de trabalhar. Frente a um saber proposto, atribuem maior valor ao seu conhecimento adquirido na experiência, no trabalho e na vida do que aos ensinados ou transmitidos.

. Partindo deste princípio apresentaram absoluta segurança tanto na definição das culturas como nas "técnicas utilizadas", negando-se a correr qualquer risco e entendendo que as "técnicas" apresentadas estavam desvinculadas de sua realidade social e de vida e mudar o jeito de produzir implicaria em mudar o jeito de viver.

A Produção Camponesa de Curiaú apresenta uma racionalidade diferente daquela projetada pela Extensão que estabelece aumento da produção e lucro, enquanto que a disposição do camponês de Curiaú em adotar as inovações propostas é coerente com o seu

sistema de vida.

Desenvolve-se uma agricultura de subsistência, em que se preocupa em manter a Unidade Cultural da comunidade, impedindo até mesmo mudanças para a cidade. Estabelece-se uma relação de trabalho em que todos os membros da comunidade têm seus direitos garantidos mesmo estando ausentes do processo produtivo, situação que seria rompida caso as famílias viessem a adotar pressupostos de uma outra cultura.

A cultura da comunidade é caracterizada pela fixidez e pela continuidade. Assim a rotatividade dos extensionistas no atendimento à comunidade, foi percebida, também, como falta de compromisso da extensão para com Curiaú, determinando afastamento do produtor.

Nesse contexto a Extensão, na percepção dos produtores, apresenta-se em sentido alheio aos seus interesses. Os programas e as técnicas extensionistas pressupõem que os produtores tenham o objetivo de melhoria de renda e de bem-estar social, o que não se verificou na perspectiva da extensão no caso de Curiaú. Assim, as propostas dos técnicos determinadas por esses pressupostos não foram incorporadas na prática do produtor, fato que não teve análise compreensiva sobre a lógica própria da vida da comunidade por parte dos extensionistas e da extensão.

Há necessidade de levar em conta a nível de extensão os valores e a cultura da comunidade com tais características e não somente os relativos aos aspectos tecnológicos. É necessário além

de procurar atender aos interesses e necessidades práticas do produtor, vivenciar e refletir à luz de sua lógica de vida e definir o conteúdo a ser transmitido, a partir das necessidades colocadas pela prática social do produtor. É na perspectiva sistematizada do conhecimento que se definirá o que fazer, o que trabalhar, partindo da própria prática social.

A intervenção do Estado através da extensão se fez marcante quando da ação no sentido de promover a integração cultural, ou seja, uma cultura capitalista - valorização da produção de valor de troca em substituição a uma cultura que enfatiza o valor de uso. Isto se deu a partir da necessidade de abastecimento de um centro urbano (Macapá) e visava substituição das formas tradicionais de comercialização do excedente da produção camponesa.

A intervenção não foi avaliada negativamente pelo produtor, uma vez que ele passou a reconhecer a necessidade de complementar a subsistência com aquisição de bens que ele não produz. Para complementar a subsistência os camponeses de Curiaú teriam que produzir um excedente, mas se sua produção obtém um preço melhor no mercado através da feira, em comparação com as formas tradicionais, isto implica em que não há necessidade de aumentar a produção ou a produtividade, mediante incorporação de novas técnicas de cultivo consideradas incompatíveis com a cultura da comunidade (uso comum da terra, relação com a natureza).

A integração da comunidade com Macapá está ocorrendo e acabará por absorver a comunidade de Curiaú, que, no futuro, perderá sua identidade cultural, apesar da resistência demonstrada. As relações capitalistas que não conseguiram penetrar, no tempo previsto, na comunidade, via produção, encontrou uma forma via comercialização; romper a identidade da comunidade é certamente o caminho aberto para as adoções das inovações tecnológicas preconizadas.

Provavelmente, com a crescente absorção dos novos padrões culturais, principalmente pelos jovens, os camponeses de Curiaú abandonarão a exploração coletiva da terra e os métodos "tradicionais" de cultivo. A "cultura do Curiaú" certamente se desintegrará quando os "velhos" morrerem. A urbanização, a ida dos jovens para as escolas de Macapá, a diminuição da caça, o aumento da demanda, aumento do consumo indicam que está ocorrendo uma integração cultural e que, embora haja um resistência, ela será aos poucos quebrada.

O fato dos produtores se referirem sempre ao passado, denota claramente que Curiaú está se desintegrando. A própria manutenção do ecossistema seria necessária, até mesmo para manter o equilíbrio dos valores culturais de Curiaú.

A comparação do presente com o passado (vivenciado) manifesta a consciência que algo está mudando, que a cultura está sendo absorvida.

## 8. RESUMO

A presente pesquisa "Adoção de Inovações, Relações de Trabalho e Cultura na Unidade Camponesa" teve como objetivo apreender as razões que os produtores camponeses de Curiaú-AP apresentaram quanto à adoção das inovações tecnológicas propostas pelo Serviço de Extensão Rural no período de 1974 a 1990.

Adotou-se a abordagem interpretativa e análise de conteúdo fundamentadas nas técnicas da pesquisa qualitativa. As informações foram coletadas, em 1990, em documentos referentes ao Estado, à Curiaú e à Extensão e através de entrevistas semi-estruturadas feitas com produtores (18) e extensionistas (04) que prestavam assistência à comunidade.

O Estado do Amapá, isolado do resto do país sob diversos aspectos, tem a exploração extrativista mineral e vegetal como características principais de sua economia, apresentando comunidades com traços culturais bem demarcados por suas origens e mantidos pelo isolamento nos núcleos e povoados.

A comunidade de Curiaú, situada a 8 Km de Macapá, oriunda de escravos, mantém uma cultura em que predominam valores comunitários e familiares, caracterizando-se pela posse e uso coletivo da terra, trabalho e produção no núcleo familiar, objetivando o consumo e a comercialização do excedente para satisfação de necessidades básicas.

A produção é caracterizada como de subsistência; a mandioca (farinha) é o principal produto, sendo cultivada por mão-de-obra familiar, com técnicas herdadas dos antepassados e com emprego de baixo nível de capital.

A reação dos produtores camponeses de Curiaú-AP, diante das propostas apresentadas pela Extensão caracterizou-se pela não adoção das inovações tecnológicas e de defesa dos princípios e valores culturais (uso coletivo da terra, trabalho e vida na comunidade). Os produtores consideraram a sua maneira de trabalhar mais prática e mais rápida e, ainda, que não há necessidade de mudar a sua produção nem seu modo de trabalhar. Atribuíram maior valor ao (seu) conhecimento adquirido na experiência, no trabalho e na vida do que aos ensinados ou transmitidos.

Apresentaram absoluta segurança tanto na definição das culturas como nas "técnicas" utilizadas, negando-se a correr qualquer risco. Consideraram que as técnicas apresentadas estavam desvinculadas de sua realidade social e de vida, e, mudar o jeito de produzir, implicaria em mudar o jeito de viver. Consideraram

as propostas de extensão alheias aos seus interesses e objetivos.

Diante da invasão cultural (rádio, televisão...), relação com o comércio, proximidade e constantes contatos com Macapá, principalmente pelos jovens e enfraquecimento dos valores peculiares à cultura, sente-se que a desintegração da comunidade se processará a curto prazo.

## 9. SUMMARY

The present research entitled "adoption of Innovations, Relationships of Work and Culture in the Country unit" had as objective to learn the reasons that the Country Producers of Curiaú - AP presented in relation to the adoption of technologic innovations proposed by the Service of Rural Extension in the period from 1974 to 1990.

It was adopted the interpretative approach and analysis of contents embased in techincs of qualitative research. The informations were collected during 1990 in documents related to the State, to Curiaú and to Extension and though the semi-structured interviews made with producers (18) and extensionists (04) who gave assistance to the community.

The State of Amapá, isolated from the rest of the country, under several aspects, has the mineral and vegetable extrative exploration as the main characteristics of its economy, presenting communities with well defined cultural marks from

their origins and maintained by isolation in the nucleo and settlements.

The community of Curiaú, situated at 8 Km from Macapá, originated from slaves, maintains a culture in which predominate communitary and familiar values, characterizing itself by possession and colletive use of land, work and production in the familiar nucleus, objectivating the consumption and the commercialization of the exceeding for satisfaction of basic necessities.

The production is characterized as of subsistence; the manihot (flour) is the main product being cultivated by familiar labor force with inhrited technics from the ancestors and with use of low level of funds.

The reaction of country producers of Curiaú - AP in relation to the presented proposals by the Extension was characterized by non-adoption of technologic innovations and defense of the principles and cultural values (collective use of land, work and life in the community). The producers considered their way of working more practical and more rapid and, furthermore, that there is no necessity of changing neither their production nor their way of working. They gave more value to their knowledge acquired in the experience, in work and in life rather than to the taught or transmitted knowledge.

They presented total security both in the definition of cultures and in the utilized technics, avoiding any risk. They

considered that the presented technics were non-linked to their social reality and life, and to change the way of producing would implicate in changing the way of living. They considered the proposals of extension as dissociated to their interests and objective.

Talking into account the cultural invasion (radio, television...), relationships with the commerce, proximity and permanent contacts with Macapá, mainly by the young persons and weekening of peculiar values to the culture, its is felt that the desintegration of the community is going to process in short time space.

## 10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALENCAR, G. & MOURA FILHO, J.A. de. Unidades de produção Agrícola e Administração Rural. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, 14(57):25-29, 1988.
2. ALMEIDA, J.A. Pesquisa em extensão rural; um manual de metodologia. Brasília, ABEAS, 1989. 177p.
3. ANDRADE, J.G. de. Variáveis sócio-econômicas associadas à adotabilidade e eficiência econômica dos agricultores de Boa Esperança - MG. Viçosa, UFV, 1972, 80p. (Tese MS).
4. ARRAZOLA, L.D. & PINTO, J.B. Pequena produção ou produção camponesa: pontos para uma discussão. (s.n.t.) (Datilografado).

5. ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ. **Plano diretor de extensão rural - 1984/1987.** Macapá, CPLAN, 1984. 109p.
6. BARDIN, L. **"Análise de conteúdo.** Lisboa, Lisboa Edições 1979. 70p.
7. BARROS, P.M. **Fatores associados à adoção de práticas agrícolas em Currais Novos, Rio Grande do Norte, Viçosa - UFV,** 1969. 73p. (Tese MS).
8. BESKOW, P.R. **"Agricultura e Capitalismo no Brasil". Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro, v.19: 113, 1980.
9. BOSE, S.P. **A influência dos fatores sócio-culturais na direção de Pequenas Empresas Agrárias.** In: QUEIROZ, M.I.P. **Sociologia Rural,** Rio de Janeiro, Zahar, 1969. p.77-92.
10. BURKE, T.J. **A adoção de inovações na agricultura: uma abordagem sistêmica com ênfase nos fatores perspectivos.** Piracicaba, ESALQ, 1976. 28p. (Série Estudos, 21).

11. BURKE & MOLINA FILHO. "Fundamentos teóricos e instrumentos para a assistência técnica à agricultura". Série Didática nº 43, Piracicaba, São Paulo, 1988. p.88.
12. BURKE, T.J. & MOLINA FILHO, J. Fundamentos teóricos e instrumentos para a assistência técnica à agricultura. 2.ed. Piracicaba, ESALQ, 1988. 88p. (Série Didática, 43).
13. DIAS, J.C.L. Barreiras culturais e sociais que impedem a adoção de novas tecnologias nas pequenas empresas do município de Tocantins, Zona da Mata de Minas Gerais. Viçosa, UFV, 1972, 90p. (Tese MS).
14. FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira, prefácio de Jaques Choncho 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 93p. (O Mundo, Hoje, v.24).
15. GALJART, B. Difusão cultural, Modernização e subdesenvolvimento. In: SZMRECSA'NYI, T. & QUEDA, O. Vida rural e mudança social, São Paulo, Ed. Nacional, 1973. p.31-80.
16. JUAREZ, J.S. Relações de produção na agricultura de pequena produção no território Federal do Amapá. (S.N.T.) 32p. (Datilografado).

17. KAGEYAMA, A. & SILVA, J.G. Política e Produção Familiar. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural - Brasília, SOBER, 1986. 367p.
18. LIMA, A.J.P. Impactos do programa da administração rural da FIDENE/UNIJUI sobre a eficiência administrativa dos agricultores participantes. Ijuí - RS, 1987. 17p.
19. LOPES, J.R.B. Do latifúndio à empresa; unidade diversidade do capitalismo no campo, São Paulo, CEBRAP, 1976. 55p.
20. MARRA, R.; MOTA, M.M. & CONFINI, E. Informações e Índices básicos da economia brasileira; subsídios para os profissionais das Ciências Sociais Rurais e para os gerentes da pesquisa agropecuária e florestal. 4.ed. Rev. e Atual. Brasília, EMBRAPA, 1970. 87p. (EMBRAPA-SEA, Documentos, 01).
21. MATTIAZZI, B. A natureza dos interesses e a orientação vocacional. Petrópolis, Vozes, 1974. 96p.
22. MOLINA FILHO, J. Adoção de Inovações Tecnológicas de Agricultura. Aspectos Teóricos e Práticos. Piracicaba, SP. 1968. 98p. (Tese Doutorado).

23. MONICE FILHO, R.G. **Natureza sócio-técnico e administração de estações experimentais agropecuárias.** Lavras, ESAL, 1989. 146p. (Tese MS).
24. MULLER, G. **Estado e Classes Sociais na Agricultura.** **Estudos Econômicos**, 12(2):95-100, ago, 1982.
25. MUNIZ, J.N. **Adoção de Inovações tecnológicas no subsistema rural.** Piracicaba, ESALQ, 1974. 206p. (Tese MS).
26. NEVES, J. do C. **Influência de crédito rural educativo na adoção de novas práticas, pelos agricultores da região de Belo Horizonte.** Viçosa, UFV, 1969. 81p. (Tese MS).
27. PEDINI, S. **Avaliação de um projeto de tecnologias alternativas para pequenos agricultores da região de Montes Claros - MG.** Lavras, ESAL, 1989. 9p. (Projeto de Tese).
28. PEREZ, L.H. **Caracterização de áreas agrícolas brasileiras segundo suas formas de produção.** Piracicaba, ESALQ/USP, 1975. 190p. (Tese MS).
29. PINTO, J.B.G. **Tecnologia e pequena produção no desenvolvimento rural.** Campinas, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 1984. 24p. (Datilografado).

30. QUEIROZ, C.C. Adoção de tecnologia no projeto regiões demonstrativas de extensão rural - Caicó - RN, Lavras, ESAL, 1985. 108p. (Tese MS).
31. QUEIROZ, M.I.P. Porque uma sociologia dos grupos rurais. In: \_\_\_\_\_. Sociologia rural, Rio de Janeiro, Zahar, 1969. p.7-32.
32. QUIROGA, G.C. Importância de características pessoais e sociais e de fontes de comunicação no processo de adoção de inovações na agricultura - Zona do Triângulo de Minas Gerais. Viçosa, UFV, 1972. 115p. (Tese MS).
33. RODACKY, O.E. Componentes individuais, estruturais geofísicos e econômicos, associados ao nível de tecnologia em duas regiões de diferentes estágios de desenvolvimento do Estado do Paraná. Viçosa, UFV, 1973. 100p. (Tese MS).
34. ROGERS, E.M. & SHOEMAKER, F.F. Communication of innovation. New York, Free Press, 1971. 142p.
35. SANTOS, M.M. Fatores sócio-culturais e econômicos relacionados com a adotabilidade de práticas agropecuárias no Estado de Minas Gerais. Viçosa, UFV, 1977. 142p. (Tese MS).

36. SCHNEIDER, J.E. A influência de fatores sócio-culturais na inovabilidade e eficiência dos agricultores de Estrela e Frederico Westphalen - RS. Porto Alegre, UFRS, 1970. 130p. (Tese MS).
37. SOARES, G.A.D. Questão agrária na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. 177p.
38. SORJ, B. Estado e classes sociais na agricultura brasileira. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986. 162p.
39. SORJ, B. & WILKINSON, J. Processos sociais e formas de produção na agricultura brasileira. In: SORJ, B. & ALMEIDA, M.H.T. Sociedade e política no Brasil pós-64. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.165-90.
40. SOUZA, I.S.F. de. Adoção de inovações e eficiência: um estudo de racionalização da ação empresarial rural. Piracicaba, ESALQ, 1974. 64p. (Tese MS).
41. TONINI, E. Impacto de um experimento em Extensão Rural, Faxinal do Soturno, RS. Viçosa, UFV, 1975. 65p. (Tese MS).

42. TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*, São Paulo, ed. Atlas. 1987. 175p.
30. ZIMMERMANN, J. *A ocupação da fronteira Amazônica e algumas particularidades do processo no Amapá*. s.l., s.ed., 1980. 23p.